REVISTA

DA

ACADEMIA CEARENSE

Publicada sob a direcção dos Drs. Pedro de Queiroz, Henrique Theberge e Guilherme Studart

Forti nihil difficile

DIVISA DE BEACONSFIELD.

TOMO II

1897

Assignatura annual.. .. .. 8$000

FORTALEZA

TYP. STUDART—Rua Formoza, n. 46.

1897

PARECER N.º 4

O livro *PRISMAS* de J. Rodrigues de Carvalho.

A Commissão de litteratura e artes da «Academia Cearense»—em o cumprimento de dever—vem gostosamente dar opinião sobre os *Prismas*—livro com que o Sr. Rodrigues de Carvalho se apresenta candidato á vaga na mesma sociedade.

João Pedro Ribeiro, fallando da livraria de um negociante portuguez do XIV seculo, notava que se alliançam bem commercio e lettras.

E' o caso. O Sr. Rodrigues de Carvalho devota-se todo inteiro ás lettras. As suas horas uteis—o tempo para o pão—são a ellas consagradas—é o trabalho do officio, a ellas são tambem destinadas as horas do lazer—é o trabalho da diversão. Absorvem-no as lettras de cambio e as bellas lettras. Ao labor mercantil allia as locubrações litterarias.

Ed. Quinet, o sublime pantheista do «Ahasverus» começando o estudo da sciencia de Euclides—confessava ao professor—que os algarismos estancavam a imaginação. E o mestre demonstrava-lhe cabalmente, de modo a convencel-o, a fazel-o amar a sciencia em aprendisado—que as mathematicas têem a sua imaginação ampla, desmesurada mesmo—que para resolver uma equação—que citou, care-

cia de uma imaginação tão espontanea—como para compor uma ode de Pindaro. E Quinet apaixona-se do novo estudo, arrebata-se e se persuade dono do talisman—que abre as portas de todos os mysterios. As mathematicas lhe deram «o gosto da luz».

Rodrigues de Carvalho—ao enveredar-se na difficil teia da vida, escravisado aos «diversos a diversos», emmaranhado nas cifras do «Caixa»—não sente a imaginação esvaecer-se, pelo contrario ou por isto mesmo—tem-na aprimorado pela regra, disciplinado pela correcção.

A commissão leu cuidadosamente os *Prismas* e opina que são prismados de elevação de idéas, de poesia sadia, do *pathos*—que faz o poeta.

«O poeta (E. Veron, «L'Esthetique», p. 382, ed. de 1878) só é verdadeiramente poeta aos nossos olhos—se á faculdade de sentir e commover-se ajunta o talento de nos communicar a sua propria emoção.»

Rodrigues de Carvalho não é um metrificador sem vocação, um escrevedor de prosa do meio da linha, não, é dotado de fina esthesia, tem o mysterioso dom de nos transmittir viva, nitida a sua emoção, tem o *genus irritabile* com que o velho de Tibur caracterisava o melindre, a delicadeza, a extrema susceptibidade dos poetas.

Não fará a commissão uma travessia pelos enredados dominios da arte. Não. Dirá de leve sobre o artista—sem fazer-lhe a psychologia e sobre o livro sujeito a exame—que é mesmo uma auto-psychologia.

Rodrigues de Carvalho não tem partido em poesia, a paixão sacode-o e o poeta não se subordina, burila o verso com a eloquencia do sentimento, com os arrastamentos da inspiração, com lyrismo do coração, sem preoccupação de escola, livremente, espontaneamente, naturalmente, apenas patenteando leitura de seus autores predilectos.

A sua poesia imaginosa, vasada em plastica regular, em rythmo sonoro—deixa impressão agradavel.

Gœthe com a serenidade de um philosopho grego, com a

vida pautada do methodico Kant—tinha entretanto ou por isto mesmo entranhada admiração por Byron, o mais vehemente dos poetas, devorado de paixões violentas, agitado de fragorosas tempestades.

Rodrigues de Carvalho—trepado no seu mocho, debruçado sobre a carteira a escrever o «Caixa» do Banco do Ceará—sossegado como um espirito bem equilibrado, calmo como uma consciencia sem transgressões, revela intimo affecto pelo impeccavel poeta do «Childe-Harold, que deu-lhe a paixão pela Italia tão poeticamente cantada em seus *Prismas* — que — em fino crystal decompoem os raios de seu espirito — em plena floração poetica. Tem mais elos de prisão. Ainda dá a conhecer assidua leitura do grande poeta—a grande paixão pelo que é nobre e elevado, o pouco apreço aos grandes nadas da vida Inspirações recebidas dos poemas formosos do formoso lord. A sensação predominante do livro é a da tristeza, da desillusão, da dôr— que domina a obra immortal de Byron. O seu poetar se approxima um pouco do de Soares de Passos, o inspirado poeta das tristezas.

A sua idealisação, porém, só tem uma mira—servir aos interesses da arte. Não arma a effeito. Vae poetisando o que encontra em seu caminho—como de Gœthe dizia Merck.

Tem versos breves e conceituosos—como os de Bartrina —o extraordinario miniaturista hespanhol. Escreve bonitas elegias O seu idyllio — « Mãi » — é encantador, como « As Mãis » do mestre quinhentista Antonio Ferreira.

Os seus «Salgueiros» (3ª parte do livro) onde ha bôa poesia, lembra o formoso e conhecido «Baile das Mumias» de Carlos Ferreira.

A sua poesia intima, a sua poesia do lar é captivante e sentida, singela e commovida. Os versos a sua Mãe, a seu filho, a sua filha morta, brotam espontaneos da alma do poeta.

Pelo que fica exarado conclue a commissão — que os *Prismas* do Sr. Rodrigues de Carvalho preenchem as

exigencias do art. 6º da Lei Organica da «Academia Cearense.»

Sala das commissões da «Academia Cearense», Fortaleza, 18 de janeiro de 1897. (*)

PEDRO DE QUEIROZ, relator.

ALVARO DE ALENCAR.

RAYMUNDO DE FARIAS BRITO.

(*) Este parecer e o anterior foram lidos em duas sessões da Academia, sendo eleito o candidato Rodrigues de Carvalho, como ver-se-á de uma das actas neste volume.

DISCURSO

de apresentação do Academico Sr. J. Rodrigues de Carvalho

SENHOR PRESIDENTE!

MEUS SENHORES!

Como Milton cego, tenho algumas vezes tentado cantar o sol que não vejo, disse o grande pensador dos *Miseraveis*. (*)

Eu não tenho, Sr. Presidente, buscado cantar — o sol como Milton; adorando os phenomenos da luz desde a refracção polychroma observada através das arestas de um diamante até o incendio cyclopico da tarde, da ardentia da vaga ao espirito rubro do vulcão; vendo desde o calix de uma flor, que ameaça abrir-se pela acção benefica e cariciante da luz matutina até as planicies dos sertões do norte, que se ennegrecem pela acção comburente dos raios solares; eu, Sr. Presidente, dizia, não busco cantar o Sol como o divino cantor do *Paraiso Perdido*, canto-o simplesmente como um cego vulgar.

No dominio da botanica, ou antes, na inconsciencia muda das florestas, um exemplo, meus Senhores, existe de amor, tão profundamente philosophico, que, esquecendo

(*) Victor Hugo—Litterature et philosophie.

todos os preceitos patronymicos de todas as religiões, o balsamo de todos os affagos, a sombra de todos os pallios, o silencio carinhoso de todos os symbolos, a penumbra de todos os mantos, eu deixo as lições salutares dos ritos para invocar tão somente o exemplo na piedade fraterna, que o cedro frondoso da floresta apregôa quando, sob os galhos sussurrantes cariciosamente espalmados, em forma de asylo materno, abriga a planta humilde que feneceria sem aquelle genio protector das mattas seculares.

Eu me refiro ás arvores protectoras.

Vejo, effectivamente, que para certo genero de plantas o arrimo é tudo, desde a sombra que ajudou-a na vida embryonaria até a capa frondente, que n'uma linguagem muda, mas expressiva, incutiu confiança e estimulo á humilde companheira, agora vicejante, rebentam em flores, como em protesto de gratidão.

Ninguem, senão um producto máu do acaso, encaminhará seus passos sem o cunho de um exemplo; desenvolverá as faculdades emotivas sem o ensinamento da vida exterior ou sem a luz da experiencia. Para todos os tirocinios é mister o encadeiamento de uma vida sabiamente vivida.

O cabello branco será sempre a Biblia para as estroinices do moço.

E só por essa intuição natural das almas bem-fazejas é que illustrados membros da «Academia Cearense» poderião escolher o meu humlide nome para membro desta casa.

Foi o exemplo do roble carinhoso, altaneiro e frondente, a convidar a plantinha humilde ás exhuberancias da verdura, ao perfume da selva, ás sympathias dos ninhos, ás orvalhadas iriantes das folhagens.

Pobre planta rastejante, o que serias sem a confiança que te inspira a seiva balsamica desses robles da sciencia e das lettras?!

Desvanecido pela honra, embora immerecida, ao abrigo do pallio estrellejante que tecestes sobre vossas cabeças com as lições da sabedoria, a admiral-o simplesmente preso da emoção do troglodyta que descortinasse o céu pela primeira vez; tendo francos os vossos ensinamentos, a fonte de vossas palavras, o attrito benefico de vossa convivencia,

o apoio de vossa solidariedade, assento-me nesta cadeira cheio de acanhamento e responsabilidades.

Acanhamento por não poder fazer mover, ao menos, a concha descida com a perda de seu primeiro dono; e responsabilidade, em face da grande responsabilidade d'aquelles que me honraram com a sua confiança, escolhendo o meu nome.

Mas, parodiando o profundo auctor das «Legendas dos Seculos,» eu continuarei a cantar o sol, que não vejo no firmamento de minhas acanhadas concepções, mas, de hoje avante, nos vossos exemplos.

Quiz o destino que o mais humilde dos successores viesse, ao occupar esta cadeira, rememorar a vida do Dr. José Carlos da Costa Ribeiro Junior, vida entrelaçada de virtudes e ensinamentos, no lar e na sociedade, na politica ou na imprensa, onde em mudez symbolica de inscripção tumular, vêr-se-ha sempre alguma cousa saudosamente triste todas ás vezes que invocarmos sua memoria.

Pezada tarefa a de fazer o historico de um morto illustre; tanto mais quando nos fallece competencia, e no vacuo deixado ainda não teem enchugado todas as lagrimas. De cada canto onde buscamos esmerilhar um acontecimento mareja uma gotta d'agua; seus actos, sua vida, sua abnegação, todo o sulco, em fim, de sua passagem pela estrada da vida está ainda ensopado de pranto, como via—dolorosa por onde vai chorando inconsolavel uma viuva desolada com um cortejo de anginhos enlutados.

Mas, deixemos o trecho mais penoso de nossa viagem, aqui onde a voragem de dous abysmos—a vida e a morte—confundem-se n'um amplexo de mysterios, e o vento canta fundo e dorido o terno miserere das folhas dos cyprestes.

A morte é a cauza de toda a philosophia; mas, tratando-se da morte, embora genios como Schopenhauer, no sublime desvario de sua intelligencia, proclamem a indestructibilidade do homem e das cousas, eu penso que sobre o envolucro frio de uma vida extincta deve-se escrever a mysteriosa phrase de Shakspeare, como a legenda do incognoscivel: o «resto é silencio...» (*)

(*) Hamlet.

Em sessão desta Academia o erudito e invejavel tribuno Dr. Justiniano de Serpa, membro desta casa, com aquella facilidade da palavra aprimorada que lhe é peculiar, teve occasião de pôr em relêvo sob todas as faces a vida do illustre morto a que me tenho referido, e fel-o com tanta vantagem que tentar eu enaltecer o nome de José Carlos Junior, ainda mesmo com a admiração religiosa que me inspira, seria pretender erigir em barro um vulto já rememorado na eternidade do marmore.

Em obediencia, pois, tão somente aos Estatutos desta respeitavel associação é que arrojo-me a occupar esta tribuna; e em traços ligeiros tratarei da vida litteraria do academico a que venho succeder; da vida litteraria, disse eu, pois quanto a particular fica julgada com o seguinte conceito em que parodio a Plinio, o moço, occupando-se de um seu contemporaneo illustre.

« Só tinha um defeito, não ter defeito. »

José Carlos Junior não tinha vôos de genio, mas intelligencia bem orientada, alliada ao influxo do bom-senso ; dotado desse conjunto rarissimo que dá espirito equilibrado a um homem de lettras, dessa razão calma e reflectida de que não gozão os homens de genio, e que faz o magistrado integro, o pedagogo erudito, o critico imparcial, o jornalista criterioso, o litterato de gabinete, em fim, o pranteado homem de lettras tinha a riqueza mental de uma intelligencia fecunda e modesta. E a caracteristica de José Carlos Junior era o bom-senso, a moderação e a modestia em todas as manifestações de sua vida.

Tive a satisfação de ser seu conterraneo, e posso affirmar que elle nunca passou por essa quadra de intantilidade dos primeiros passos, a julgar pela circumspecção com que pautava os seus actos.

Preparatoriano na Parahyba do Norte, nossa terra natal, elle atravessou o seu primeiro ensino coberto dos laureis escholares, e sempre distinguido pelo elemento predominante em seu caracter : a alliança da intelligencia ao bom-senso.

Nesta phase ligou José Carlos Junior o seu nome á vida da imprensa escholastica, em que tinha a primazia de ser o mentor de seus collegas. Em quanto estes produzião o arti-

go campanudo de todos os estreiantes ou descião a pieguice vulgar dos enredos amorosos, elle, do alto de um ponto de vista mais elevado, doutrinava sobre a instrucção, fazia estylo saturado de verve educado nos seus contos humoristicos; era sempre admirado, sempre invejado.

Sem envergonharem o homem de lettras experimentado, forão publicados não ha muito tempo producções de sua epocha escholar, que muito vem em apoio destes conceitos.

Temos em seu tirocinio *A Crença*, a *Esperança*, o *Echo Escholar*, da Parahyba, etc., etc.

O Dr. Justiniano de Serpa, occupando-se de seu espolio litterario, disse: «encontram-se entre os escriptos do Dr. José Carlos Junior bellos fragmentos de philosophia, litteratura, politica, mimosissimos discursos e polemicas. Mas a despeito dessa variedade de trabalhos, sente-se difficuldade quasi invencivel em julgar a sua obra.» [*]

De facto. Quem poderá julgar convenientemente por fragmentos, preciosos embora, a individualidade de um artista ou o valor litterario de um escriptor?

A Venus de Milo attesta a manifestação genial da esculptura; mas redobraria o assombro dos seculos futuros se não fosse apenas um exemplo vivo da sublimidade da arte a transparecer em contornos mutilados.

Como fixar uma individualidade em José Carlos Junior, como jornalista, critico, *conteur*, orador ou poeta, quando de todas essas manifestações da intelligencia deixou apenas tentamens, auspiciosos, embora?

Alma descortinadora e fecunda, o nosso pranteado amigo, pela elevada educação litteraria que possuia, olhava desdenhoso para os seus proprios commettimentos nas lettras, achando-os sempre aquem do ponto de vista altanado em que collocava as obras de *elite*.

Este pessimismo esterilisante é o mal que grassa entre a maior parte de nossos homens de lettras: achão que o plano vulgar é muito chato; espiritos avidos de alguma cousa nova, nessa febre de crear originalidades [se é permittida a expressão] descreem de seus proprios meritos dão facetas

(*) Revista da «Academia Cearense»—2.º vol

diversas aos seus conhecimentos e aspirações, e d'ahi a timidez, o entibiamento, a avidez, a aninquilação em fim a que têm de cahir espiritos que poderião ter proveitosa fertilidade no campo das lettras.

José Carlos Junior aprendeu linguas, leu muito, educou-se na critica, ensaiou o conto, cultivou a rima, mas via tudo isto por um prisma ensombrado de pessimismo; e eis por que não deixou um livro de contos, não completou um opusculo de versos, não enfeixou em volume os seus artigos de critica e polemica litterarias; tendo apenas uma tentativa de tudo. O «Mal Americano» seria, talvez, a obra prima do operoso homem de lettras, um livro de analyse politico-social para a nossa pauperrima historia politica, si os esforços do auctor tivessem convergido nestes ultimos tempos só para aquella obra. Todos sabemos que elle tinha observação, criterio, estylo e erudição precisos para nos dotar com um livro bom no genero; mas o que temos do «Mal Americano»? um artigo de introducção estampado no «Ceará Illustrado»

Como critico era, a meu ver, um optimo analysta para os homens e as cousas; mas o que ficou neste ramo? alguns artigos esparsos, entre os quaes posso destacar «Os que se forão», publicados a um anno mais ou menos na «Republica».

Artigos de combate: deixou-os de politica local, quando muito, e foi todo o seu esforço na especie; podendo, entretanto nesta quadra de degenerescencia do caracter, de amorphia philosophica, e ensaios egualitarios de socialismo, ter dado alguns passos como doutrinador.

Como educador: Quando os poderes publicos deixão na mudez das portarias as reformas do ensino tentadas por profissionaes illustres, e o caracter nacional tende pelas normas rotineiras da educação, que é seu denominador commum, ao estado morbido de um marasmo civico, visto que, na phrase de Kant a educação transforma a animalidade; para o nosso meio, ou antes para o meio brazileiro, affirmo-o sem rebuço, José Carlos Junior era um educador emerito.

A nossa mocidade muito deve á sua reconhecida voca-

ção para o magisterio. Dotado de uma lhaneza fina e educadissima, de um modo carinhoso de transmittir licções, compenetrado dos deveres sociaes do homem, pelo que sabia alliar vantajosamente a theoria á pratica na educação, observadas as relatividades, era o pranteado preceptor idolatrado pelos seus discipulos, e muito mais pela familia cearense. Uma das facetas mais brilhantes para julgar-se de seu caracter adamantino era, sem duvida, essa espontaneidade de doçura e carinho para com as crianças.

Christo seria para mim o evangelisador por excellencia, o coração de arminho de todas as lendas da ternura e do amor, só pelo modo porque pedia que deixassem ir a elle as criancinhas. Milton, antes, de compôr o *Paraizo Perdido*, cantava um poema mais profundamente humano, só pelo modo com que acarinhava a filha idolatrada, que escrevia as estrophes do immortal poema, dictados por um cego que, retinas contrahidas, a meditar nas trevas, via pelo resto da humanidade [*]. Hugo poderia rasgar os *Miseraveis*, deixando illesas as paginas sobre Fantina.

Cercado de crianças no lar, com a audição afinada por gorgeios infantis, ministrando conselhos á mocidade, José Carlos Junior, como pedagogo, adaptou-se tanta a esse meio innocente que um dos seus mais bellos trabalhos, desses fragmentos encontrados pelos jornaes, é incontestavelmente a *Infancia outr'ora e hoje.*

Legou-nos tambem um estudo sobre as linguas oriundas do latim e um tratado sobre a lingua ingleza. Como traductor, era perfeito, tendo deixado algumas traducções do inglez, allemão, francez, italiano e hespanhol.

Como poeta: E' preciso fallar a verdade sempre, ainda mesmo quando tenhamos de pôr em relêvo um julgamento sobre o marmore de uma campa.

Um morto sentirá espinhos n'uma corôa de laureis tecida com lisonja e inverdades.

José Carlos Junior não teria renome para alfombrar-lhe a memoria só com o seu galardão de poeta.

Para ser poeta é preciso não ter jamais calculado o preço

(*) «ParaisoPerdido»—Prefacio.

de uma baixeza ou o salario de uma mentira, disse Hugo na sua *Litteratura* e *Philosophia* Effectivamente, por esta face, pelo lado moral ninguem foi melhor poeta que José Carlos Junior. Mas o nosso inolvidavel litterato tinha senso de mais para ser poeta. Como asylar-se n'aquelle cerebro moderado como um lago, inalteravel, firme em suas concepções, n'aquelle ninho arminhoso de pomba, a ave torturada da poesia, indomavel, nervosa, inconstante, e insubmissa, a um só tempo colibri e abutre? !

O poeta é a personificação do albatroz, disse Baudelaire em uma de suas endeixas satanicas, a nos pintar a ave a oscillar sobre as ondas, aza ora a mergulhar na saphira das aguas ora na turqueza do espaço. (*)

Eu acho que o poeta é mais do que isto: enthesoura em si todos os arcanos da natureza impeto da vaga e o remanso do lago, o olhar do cordeiro e a escarpa da rocha, o espinho e a flor, o nada e o universo, o berço e a campa, o dia e a noite, todas as contradições da natureza (por que a natureza é toda uma contradicção, como diz Nordau) são para mim a symbolisação do poeta.

Diz Shule que do sublime ao ridiculo medeia um passo, eu parodiando Shule entendo que do verdadeiro poeta para o louco ha apenas a parede do cubiculo, que deve separar as duas especies de loucura.

José Carlos Junior tinha essa excentricidade peculiar aos nevropathas ?

Sentiria, acaso, essas secretas vibrações de nervos, que occasionão as grandes crises psychicas ?

Não, a sua caracteristica era a moderação em tudo, um equilibrio de acções a toda a prova.

Demais a poesia brazileira divide-se em quatro phases a meu ver: Gregorio de Mattos, cantando, impulsionado pela calentura desta natureza, todo o encanto aphrodisiaco da crioula bahiana; Durão, no tom quinhentista dos epicos portuguezes, dando uma feição de epopeia aos factos mais notaveis de nossa vida colonial; Castro Alves e Tobias Barreto dando azas ao condoreirismo, como verdadeiros

(*) «Fleurs du Mal».

condores; e hoje, finalmente, o bibelot rimado, importado do meio parisiense, nacionalisado pela pachorra chineza de Olavo Bilac, engrandecido, ao vigor de nossas riquezas e encantos naturaes, pela imaginação profundamente fecunda de Luiz Murat.

José Carlos Junior deixava transparecer nos seus versos vislumbre de alguma destas phases?

As suas producções poeticas, primando pelo tom classico da phrase, repassadas de condimentos philosophicos, e sobre um fundo ora de ternura ora de humorismo,não tem a expansão exhuberante que deve possuir o verdadeiro poeta meridional; são friamente delineadas e pallidamente debuxadas. Ha n'ellas falta de vida... caem quasi sempre n'uma atonia de tintas, inclinando-se á monotonia das producções massudas. Sem obedecerem á uma eschola definida, sem o influxo ao menos da estrophe da *moda*, são vasadas no ecletismo commum dos poetas vulgares. Mas... talvez tenha-me excedido. Sobre a campa de um morto, cuja historia submette-se á luz meridiana da analyse,só devemos plantar laureis? O respeito que voto á memoria de José Carlos Junior me perdoará a franqueza, que me faz não semeiar somente flores sobre o seu nome de litterato inolvidavel.

Do escorço, que acabo de traçar, vê-se que o pranteado academico não deixou uma obra solida sobre a qual podesse plantar o seu padrão de gloria, a não ser essa fragmentação de trabalhos, que, quando muito, attestarão as diversas facetas de uma intelligencia equilibrada e fecunda, mas sem a perseverança dos trabalhadores.

Ajuize outro por prismas differentes a sua vida litteraria; quanto a mim, tenha commettido alguma injustiça pelo rigor de meu julgamento; tenha esborcinado apenas a aureola de affecto e admiração cingida pelos seus amigos, resta-me um consolo para resgatar a minha profanação: a consciencia de ter ungido as minhas palavras com a maior sinceridade.

—

Vou terminar, Sr. Presidente, e faço-o mais com o fim de descançar os ouvidos dos circumstantes, torturados

pela monotonia de minha palavra rude e indisciplinada, de que por ter cumprido fielmente a minha missão.

Honrado e sinceramente commovido por ter de occupar esta cadeira, lembro-me de uma lenda tocante de que nos falla a tradição sobre o passado longinquo dos Pharaós.

Nas plagas requeimadas do Egypto, debaixo do baldaquim diaphano d'aquelle céu, contemplando a magestade silenciosa das pyramides e a grandeza magestosa do Nilo, ouve o beduino do deserto, aos primeiros raios solares, a estatua de Menon gemer... gemer dolorosamente, como se uma saudade infinda de seu paiz, das suas riquezas, ou uma compaixão pungentissima pelo presente vibrasse no intimo da estatua de granito.

. . . . . .

E diz-me a consciencia que com substituição tão incompleta esta cadeira gemerá como gemia o Pharaó de pedra!

RODRIGUES DE CARVALHO.

REVISTA

DA

ACADEMIA CEARENSE

Publicada sob a direcção dos Drs.

Pedro de Queiroz, Henrique Théberge e Guilherme Studart

Forti nihil difficile

DIVISA DE BEACONSFIELD.

TOMO III

1898

Assignatura annual. . . . . 8$000

FORTALEZA

TYP. STUDART — Rua Formoza, n.° 46.

1898

SOBRE AS "RUINAS"

Livro de versos de H. Castriciano

O prologo de um livro, cujo autor esteja vivo e são, é quasi que em regra geral uma cerimonia de corpo presente, a que assiste o glorificado, por detraz do altar, respirando as espiraes de incenso que se evolão do thuribulo do prefaciador.

Com as *Ruinas* dá-se, porém, uma excepção. H. Castriciano é um espirito despreoccupado d'essas velleidades; e não serão minhas palavras, por certo, que farão realçar o brilho de suas joias poeticas, contrastadas por natureza aos olhos do apreciador idoneo.

O auctor das *Ruinas* quiz, apenas, render-me uma deferencia, entregando-me a sua obra para que eu construisse o perystilo da pragmatica. Não é a primiera vez que proletarios levão á pia baptismal filhos de magnate; a questão é ser este dotado de um coração generoso.

*
* *

A poesia é a natureza interpretada através dos prismas polychromos da fantazia.

A dôr, o gozo, a vida, o nada, o abysmo e o azul do céu quantos poemas para um espirito sonhador, e

que monotonia para quem não encherga em tudo senão a objectividade das cousas!

Um rochedo que verte um fio d'agua não passaria de um bloco negro, prosaico, encrespado de arestas apunhalantes, aos olhos do mineralogista que estudasse a estructura do granito; e, entretanto, de que roupagens mysticas não veste o poeta o rochedo da *Gruta das Trincheiras* nas duas dulcissimas estrophes:

A lagrima sem fim, a lagrima pesada,
Que eternamente cahe do cimo desta gruta,
Representa algum'alma extranha e desolada,
Que mora a soluçar dentro da rocha bruta...

Esta alma quem será? Não sei! Mysterio fundo...
Entretanto eu presinto alguem, que se debruça,
E baixinho me diz, n'um gemido profundo:
—Existe um coração na pedra que soluça...

Quem, ao ouvir o ultimo verso, não transporta-se a um retiro suavemente monotono, entre arvores ligeiramente sussurrantes, a ouvir a lagrima da rocha burburinhando sobre um listão de limo verde, ou perolisando de orvalho a grama que faz o roda-pé da gruta?

E dizem que a poesia «offerece um aspecto desolador ás lettras do futuro», estiola-se, debate-se n'um circulo de ideias enervantes, allucina-se, definha, e morrerá por que a evolução é um Nilo que atravessa os grandes desertos das sciencias experimentaes, e nesse terreno safaro desapparecem, sem germinar, as lendas das tradicções mythicas, fonte perenne de toda a poesia.

A culta Europa multiplicando os tentaculos de usurpadora da felicidade dos povos retardatarios, quer dando combate ao selvagem retinto do coração da Africa, quer derruindo os muros negros do Celeste Imperio: o operario, encarvoado e faminto pelas alfurjas de Londres; o socialismo, como uma rede telegraphica de ideias subversivas que atravessa o atlantico; tudo isto, dando os

longes deste scenario desolador em que agonisa o seculo é a causa desse augurio sinistro de que a poesia é uma tuberculosa que começa a expectorar os decadistas, nephilibatas, deliquescentes e quejandos, para morrer inanida e diaphana, como uma tysica fidalga.

Não morrerá, porém.

Paris é o coração do mundo; a philosophia allemã, solida e incorruptivel; as ideias lombroseanas sobre a psychiatria a irradiarem-se n'um como foco miraculoso; os germens do pessimismo morbido que tem por vehiculo os livros de Tolstoi e Nordau; o pensamento sombrio de Ibsen; todo esse conjuncto, ao influxo da decadencia social que atravessa a humanidade pelas necessidades dia a dia assoberbantes na lucta pela vida, vai transformar-se em Paris, «n'esse *carrefour*, aonde todo o espirito humano se reune para uma orgia intellectual,» n'um oceano turvo de concepções extravagantes no dominio das lettras. Alli o tic é ser original, seja essa originalidade andar com as botas nas mãos ou o rendingote abotoado para traz.

Verlaine apanha o trapo de um insulto que lhe assacão certo dia, e deste insulto faz uma bandeira de combate: «decadista».

Moreas, na loucura do genio, vaporisa o pensamento, e por sua vez proclama a eschola deliquescente. E decadistas e deliquescentes, satanicos, arrevesados, em fim, passando pelos meandros das traducções, viajão por Portugal, chegando até nós vestidos de logomachias e adjectivos funambulescos. Mas essa anomalia, que não deixa de ser o alicerce da poesia do futuro, antinomica, embora, a arte interpretada por Tolstoi, que a define como a manifestação do bello tocando ao requinte da singeleza, não é um symptoma preciso para que se prenuncie o desapparecimento da poesia.

Ao contrario, é uma epocha com os abalos de uma transicção radical.

Nós, que assistimos á mudança, achamos verdadeiros casos de teratologia as producções novas; mas, através de todas as extravagancias da forma, a alma humana

apparece aqui e alli sempre a mesma, na pureza da virtude, ou no lodaçal do vicio, como uma grande placa de crystal inteiriço, que se escondesse sob arabescos bizarros.

Que escandalo não derão aos olhos do classicismo Dante (este foi um romantico prematuro) e Shakespeare, insubmisso aos moldes convencionaes d'aquella eschola!

Forão os prodromos do romantismo desorientado, melhorado por Montesquieu, e contemporaneos, aperfeiçoado, em fim, por Goethe, Schiller e Heine, espiritos fadados para tecerem os quadros do amor e da saudade, dos ideiaes fagueiros e das lendas. Mas o romantismo ficaria como a monotonia da doçura si não soffresse o arrasamente a que está condemnado tudo o que existe sobre a terra. Depois de uma phase de indolencia esterilisante, a Russia, que é o paiz das cruas realidades, esboça, como o resultado pratico de sua vida social, o naturalismo, na França ensaiado por Balzac, e ainda hoje, como a photographia luminosa das miserias deste fim de seculo, deslumbrante e maravilhoso na penna de Zola.

E todas essas mutações fizerão-se precedidas pelos protestos dos retardarios.

Já não satisfaz, entedia e cança a obra naturalista. A desenvoltura do *Nanã* é picaresca demais ante o systhema de analyse que exige a eschola actual, a que poderemos chamar de *indecisa* ou *transitoria*.

A comedia humana já não se estuda pelas torpezas dos bordeis, de uma chaga pustulenta, não se traz mais para a pagina o visco que emana das cellulas em decomposição. O observador premune-se de duas lentes, uma para o exame material e a outra para as conclusões moraes.

Os assumptos são menos emmaranhados; o objectivo ha de ser sempre a alma humana, tendo por accidentes o amor; mas a tendencia predominante é o problema do trabalho, a sorte do proletario, as duvidas sobre as belezas das religiões, a igualdade humana, tão longinqua, e, de presente, tão disputada pela loucura dos anarchistas,

paladinos do bem que desvairaram-se, tomando por labaro o punhal de Caserio.

O romancista não pinta mais paixões, analysa-as; ao poeta não é mais permittido vibrar a lyra do riso ou dar queixumes ao vagalhão da dor; ha de rir chorando, e as lagrimas devem ser entremeadas de risos. Vai nessa phase de contradicções palpaveis a vida real das sociedades actualmente.

E a poesia, e a arte, reflectindo a sociedade, não será a verdadeira arte?

E dizem que a mais doce das formas por que a alma humana sente e se expande está a extinguir-se!

A poesia é um lago eterno de liquida turqueza. Ha eclipses no céo? descerão as penumbras sobre o lago; mas o pego bemdicto de aguas ceruleas fica na impassibilidade serena do que não se altera em sua essencia, como o sol, a lua do espaço e a natureza.

*
* *

H. Castriciano é mestiço, de estatura mediana, compleição lymphathica, fronte espaçosa, olhos scintillantes, e fundamente meditativo.

Falla pouco, como que somnambulando sobre as cousas terrenas, de que é um indifferente.

É um verdadeiro excentrico, e si não o fosse por tendencias psychicas, sel-o-ia pelas circumstancias do meio em que tem agido, levado por uma corrente de soffrimentos physicos e moraes.

Tysico por hereditariedade, sente o nevoeiro da morte ensombrar-lhe, aos poucos, o horisonte da vida, aos 20 annos quasi anoutecida por tanto lute precoce no seu lar.

Pai, mãi, irmãos, todos cahirão bem cedo no chão do cemiterio; e Castriciano é como que a extremidade, que falta sepultar, de uma cadeia de affectos, que sobre a terra ficou concretisando a saudade e o amor por todos os que se finaram.

O seguinte soneto, o terceiro de uma serie que sym-

bolisa os goivos de su'alma, dá ideia completada do que vai pelo coração do poeta, alanceado por tanta desventura.

Vamos, irmão... A Alva vem surgindo,
Dentre as brumas subtis da madrugada,
O phantasma da Noite angustiada
Vai solitario e gelido fugindo.

Já vão as flores docemente abrindo
A formosa corolla embalsamada...
Vamos colher na relva perfumada,
O fructo do pomar, cheiroso e lindo.

Chamemos nosso cão: «Fiél» partamos!
...Quanto gemer e soluçar funereo
Por não puder trepar nos longos ramos?

Mas, isto é sonho! É tragica illusão?
Como has de accordar no cemiterio,
Meu infelix e desditoso irmão?!

Chamarei de photographia da dôr o transumpto psycologico desta producção. É um quadro de vida intima, na adolescencia, pintado por um artista que, no kalleidoscopio das reminiscencias do riso e da tristeza, descortina uma scena dos dias idos. Synthetisa a ideia, pinta-a como quem vê; e, mais ainda, transmitte ao leitor toda a impressão subtilmente gravada nessa como placa receptora das imagens creadas somente no cerebro dos homens de genio.

Conheço de perto o auctor d'este livro; e de alguma forma estimei rabiscar estas linhas, com o fim de roubal-o á sua modestia, apresentando-o á sagração dos competentes.

Obscuro, fugindo a exhibições, n'um recanto do Rio Grande do Norte, a evidencia de seu merito comprova-se

com o justo premio que lhe conferiu o erudito Dr. Mello Moraes Filho, incluindo uma das producções de Castriciano no «Curso de Litteratura Brazileira», como exemplo de poesia lyrica.

Si o auctor das «Ruinas» fosse algum dos philauciosos que fazem a maioria dos belletristas da Capital da Republica, e que, n'uma cadeia de elogios convencionaes, vivem do calor reciproco de sua nullidade em contacto, nenhum valor teria a escolha do Dr. Mello Moraes Filho.

Mas Castriciano é um simples; e si os versos «Pelo Azul» mereceram aquelle julgamento, é porque encontrado embora nos logares mais reconditos, o ouro é sempre ouro.

Nasceu H. Castriciano na cidade da *Macahyba*, Estado do Rio Grande do Norte, berço digno de um poeta.

Alli o céo começa a diaphanisar-se, para tocar á perfeição de sua pureza nesta bella terra de Iracema. (É uma questão de topographia, e o phenomeno deve ter sua origem pela falta de evaporação, propria das regiões seccas, o céo do Ceará é, talvez, o mais puro do Brazil; sendo que o Rio Grande do Norte já participa d'esta primazia sublime).

Macahyba é situada sobre a ondulação de uma collina e superpoem-se a esta muitas outras collinas. Ao Sul, os taboleiros arenosos, eternamente ornados de mangabeiras verdejantes, e, em Outubro odorantes pelo cheiro dos cajueiros com pingentes de resina e caramancheis de flores.

Corta o coração da cidade o rio *Potengy*, esmeraldino e puro, emmoldurado pela verdura dos mangues que se debrução sobre a lympha.

Quanta lenda vaga por alli perdida, contada nas casinhas de sapé de pobres e felizes descendentes do caboclo ingenuo!

Já tive a dita de subir o *Potengy* n'uma lanchinha a vela até *Macahyba*; e a lamina polída do rio sob o reflexo do sol a pino não me encantava mais que as choças perdidas na verdura d'aquelle valle.

Fica por aquellas paragens a lendaria *Estremoz*, patria de potyguares valentes, onde, referem, nascera o denodado Camarão.

Eis o ambiente que concorreu, decerto, para dar um cunho proprio ás producções do poeta.

Debil, depauperado por uma tuberculose que já corroeu-lhe um pulmão (não usaria de uma franqueza tão rude, tratando da saúde de meu infeliz amigo, si não conhecesse de perto a tempera de seu espirito, enrijado pela acção varonil do desdem á morte), Castriciano tem levado desde os 18 annos uma vida nomade, de peregrino, buscando um lenitivo aos seus soffrimentos pelos sertões e pelas praias de seu Estado natal, conforme as estações do anno. E essas mutações de scenarios, tendo sempre ao fundo a gase mysteriosa da morte,a se approximar, são de um valor intrinseco para as «Ruinas»; porque este livro é um blasphemia atirada aos pés da Deusa sonhadora da poesia.

É uma alma de moço, aspirando viver, montando o Pegaso do sonho, talhada pela envergadura dos condores, insubmissa e nervosa, mas que se debate sob a ogiva acanhada e negra da desillusão.

. . . . . .

Oh, Natureza que me negas tudo,
Que, dia a dia, vais me aniquilando !..
Vamos, acaba de matar-me, vamos...
Feliz, cercado desses gaturamos,
Quero morrer ! Quero morrer cantando !

A opulencia tropical que cobre de verdores a *Serra do Martins*, os alcantis toucados dos brancos nevoeiros que toldão de cambraia, admitta-se a expressão, a pureza d'aquelle céo; os veios d'agua do cimo das grutas; o riso da manhã observado d'aquelles montes verdejantes, simulando vagas que ficaram paralysadas no espaço: a agonia da tarde que desce ao fundo dos valles: todo este conjuncto, de um pantheismo sublime. palpita em

cada estrophe d'este livro. A alma do poeta vogando n'um myticismo amargo e doce, embalada por um lyrismo proprio, assemelha-se a uma palheta polychroma e sonora, que apanhasse todas as tintas para dar a cada uma a estranha faculdade do som.

Nos versos de Castriciano as tintas do iris formão um como hymno das cores.

A sua faculdade emocional de mestiço adapta-se a todos os meios; o crystal de sua concepção recebe as vibrações produzidas nos orgãos sensitivos pelo meio ambiente, e, transformando em harmonia, estampa-as com a maior fidelidade. E um phenomeno é para notar: o auctor das «Ruinas» allia ao seu requintado subjectivismo um que de analytico e humano, e assim vemos que nos versos «Na solidão», escriptos n'uma pedra da gruta da *Trincheira*, da qual jorra eterno fio d'agua, elle descreve a gruta materialmente, tirando uma conclusão humana e genial:

« Existe um coração na pedra que soluça.»

Transporta-se o poeta ao *Morro do Tibao*, a beira-mar. Habita uma palhoça no alto de um morro, está mais distante do mundo e mais oceano descortina; a pureza do céo é mais tranquilla, alli, na comtemplação do beijo infinito que dá, na commissura do horisonte, a saphira das aguas no azul da amplidão, elle, que é um desilludido, que não póde amar porque não quer envenenar com seus labios a taça pura do amor, traça os mais original dos symbolos sobre o oceano:

NOIVA IDEIAL

A minha noiva no oceano habita,
Mora no pego azul dos vastos mares...
Orna-lhe o manto a pallidez bemdita
De uma cinta de conchas estrellares.

Do crepusculo na tunica divina,
Eu vejo-a sempre quando a noite desce,
Sonhando, ás vezes, perto de um'ondina,
Envolta ás vezes, n'um luar de prece.

Reputo esta umas das melhores poesias do volume, pelo menos a de mais originalidade. Ao acabar de lel-a um prurido ignotamente phantastico vibra em meu ser. Um desdem doentio, uma magua latente, uma maldição pavorosamente surda, transparecem d'aquellas estrophes extravagantes.

E toda uma existencia de moço sacrificada ao mais deshumano dos Molochs: o não poder amar uma noiva engrinaldada em flôres de larangeira, das sonhadas pelos poetas que não teem a preoccupação constante de ser um calceta da morte.

*
* *

Entremos na analyse dos versos.

Não se pode dar uma feição especial á eschola cultivada por Castriciano; a sua tendencia é accentuadamente lyrico-pantheista; mas altera-a um que de vago e de insubmisso ás suavidades do lyrismo impeccavel. Excentricidades, notas rudemente vibradas, nostalgias e pessimismos, originalidades... Occupa-se da forma; mas nem sempre obedece á exclusiva preoccupação da forma, incorrendo em desleixos condemnaveis. Na poesia «Livro de Lucia», que é o esboço de um poemeto ideial, começado em Outubro de 1895 e que o poeta não poude acabar por terem se aggravado os seus incommodos de saude, a imaginação é escassa, e perde-se n'um cumaranhado de rimas sonoras, mas nem sempre abonadoras de um espirito imbuido na devoção da Arte.

O autor das «Ruinas» pela sua idiosyncracia de mestiço e tysico, pensando muito e descrendo de tudo, ambicionando, e destruindo pelo pessimismo; influenciado pela decadencia da poesia franceza, morbidez artistica muito adaptavel aos espiritos morbidos; é um poeta eclectico, que tem, entretanto, por caracteristico um lyrismo expontaneo a serviço de uma descrença ciliante.

Como poderia o genio de Schiller, que fez perder uma geração de moços com os «Salteadores» de sua creação, preocupar-se chinezamente a burilar o tras-dor de um arabesco? Como submetter-se ao circulo estreito

da perfeição morphica o pensamento desbridado de Shakespeare ?

O escriptor de genio não tem forças para conter a imaginação em sua desfilada.

É por isto que F. Varella é, a meu ver, o maior poeta brazileiro. Não posso preferir toda a porcelana azul dos sonetos de O. Bilac a uma simples phrase descuidada e genialmente proferida nas «Ondas» de Luiz Murat.

O cuidado exagerado na forma é uma prova evidente de pobreza de imaginação.

Eu reputo Castriciano um poeta indisciplinado, dos que não podem ser idolatras da forma, por que o genio não póde ter idolatrias. E, entretanto, o seguinte soneto é uma perfeição, mesmo pelo lado plastico :

OS OLHOS DE DULCE

Um *que* de extranho, forte e penetrante,
Ha n'este olhar que as almas dilacera ;
Tem um olhar de domador de fera
Esta formosa e pallida bacchante.

Quando ella passa, rindo, triumphante,
Murmuram todos : «ri-se a Primavera !...»
Um colibri suspira : «ai ! quem me dera,
Beijar-lhe o roseo labio provocante ! »

Astros malditos, de lampejos vagos,
Têm os seus olhos chammas diamantinas
E ao mesmo tempo sensuaes affagos...

Como elles matam ! Dulce, a que destinas
Estes dous negros, traçoeiros lagos,
Estas duas estrellas assassinas ?

Castriciano é, como Varella, um sonhador que contempla a aurora sempre do fundo de um subterraneo.

Agindo n'uma epocha de verdadeira revolução na arte da rima, aquelle tem sobre este a primazia de dar um cunho symbolista, quando concretisa a ideia, aos olhos do leitor:

« Dei-lhe um annel; si gorgeia
Sentada ao piano, a medo,
Eu penso que o annel chilreia
Preso á carne de seu dedo. »

(3.ª estrophe, pag. 96.)

Quem quer que leia esta estrophe ha de necessariamente gravar na imaginação toda a concepção do poeta. Ha nervos e vibração nesse modo de expressão, que na camara mysteriosa de nossa intelligencia estampa uma como imagem luminosa, vaga e impalpavel, mas que existe por que vemol'a ideialmente.

Não se pode, porem, dizer que o auctor deste livro tenha absolutamente de presente tanto merito quanto o auctor do «Evangelho das Selvas»; porquanto aquelle, instinctivamente ou por alguma reminiscencia involuntaria, ensopou bastante toda a força creadora de seu estro na fonte das mesmas tristezas e melancholias d'este.

Recuerdo, *Lux nas Trevas*, *Tuberculosa*, *Supplica da morte*, etc., são o mesmo grito de agonia, a mesma voz de desgraçada blasphemia, rugindo como a fera do desespero, a morder o grilhão da dor, e a sonhar uma plaga que não se sabe onde existe.

Rarissimas são as producções das «Ruinas» atravéz das quaes não se esgarce a nuvem do desgosto, como a aza de um corvo n'uma redoma de crystal. A custo destaca-se esta quadrinha, minuscula, contendo, porem, todo o poema da luz que encerra um fragmento de diamante:

« NUM ALBUM

Oh! é preciso amar! Tecer um ninho,
Onde rebrilhe o sol de uma illusão;
Fazer do coração um passarinho
Que se agasalhe n'outro coração. »

Esta singella e bellissima estrophe, pura, diamantina, a clarear entre a penumbra das outras paginas das «Ruinas», como uma restea de sol, é um lampejo de felicidade no espirito do auctor, esquecido por um instante do infortunio a que acorrentou-o a natureza. A ave do amor trina profugamente, alegre, alvoral, implumada de oiro, nas sombras de uma floresta de desillusões.

Quanto pode o amor!

Uma scentelha fugaz transforma de momento a caverna mais esconsa n'uma gruta toda de crystal onde o sol dardeja a prumo.

É psychologo, não é um rendilhador, o verdadeiro poeta. Não póde haver poesia sem que implicitamente a philosophia se manifeste; pois esta é a tela sobre a qual a esthetica se exhibe. A poesia é a philosophia, arida e perscrutadora, suavisado pela harmonia; é o bello encantando a vista e conduzindo todas as faculdades emotivas á região ignota das contemplações intimas do espirito.

Ninguem melhor de que Castriciano compenetrou-se disto.

A sua «Estatua» é o resultado da alliança sublime desses dous sublimes predicados que fazem o verdadeiro poeta.

A ESTATUA

La figure de marbre devint vivant. La pierre commençait á jeter des soupirs.

Henri. Heine. LE SPHINX,

Pasmo de si, do proprio esforço pasmo,
Qual se de um outro aquella ideia fosse,
O velho artista, em doudo enthusiasmo,
Ante o seu genio, pavido, assombrou-se.

Annos inteiros, annos de amargura,
Elle arrostara, n'um calor insano,
Tendo nos olhos essa imagem pura,
E n'alma tendo a força do Oceano.

Esta illusão de marmore gelado
Findara da velhice nos escombros...
E, agora, o genio estava alli curvado,
Como sustendo o mundo sobre os hombros.

Oh! dir-se-hia que toda a sua seiva
No amago da pedra se infiltrára...
Raio de sol que transformasse a leiva
N'uma paysagem deslumbrante e rara!

Triste, na idade garrula dos beijos
Não teve amor: o bloco o envelhecera,
—Fechou, da gloria aos lucidos lampejos,
N'aquella rocha a sua primavera.

Surgio, então, de sua mão callosa
Por um milagre vivo de esculptura
A figura ideial, branca e formosa
De Magdalena, em mystica ternura.

No meigo olhar da doce peccadora
Havia um *que* da morbidez dormente,
Que tem no céo azul, quando descora,
A estrella d'Alva timida, innocente.

Era franzina e graciosa. Os seios
Pareciam conter, cheios de susto,
Um coração e dentro d'elle anceios
Dando mais vida ao luminoso busto.

O sol, para beijar-lhe o collo, tinha
Fulvas scintillações de raios mornos;
As vezes, noite, inda o clarão sustinha
Para aquecer-lhe os languidos contornos.

E o velho artista recordava agora
Os longos dias e o cruel martyrio,
Que lhe custava aquella grande aurora,
Despertada do cháos de seu delirio...

Ah! Quantas vezes,—n'essa dôr que aterra
O proprio genio—se rojara ao chão,
A vêr, a vêr se o coração da terra
Mas junto ao seu lhe dava inspiração!

N'isto sentiu que o marmore chorava,
Como distante d'esta terra fatua,
E vio surpreso então, vio que brilhava
Uma lagrima nos olhos da estatua.

«—Eu fiz de ti, ó Santa! o niveo cofre
« Onde guardei a minha vida insana...
Falla! Que queres tu? Acaso sofre
A pedra por tomar a forma humana?

(Aqui augmenta a allucinação do esculptor; a estatua, abre os olhos, fala, como que delirando.

Vara-me o seio a Noite, quando desce,
Regela o frio os meus nevados flancos:
Leve o teu genio, ao céo, a minha prece,
Já que gerou os meus contornos brancos.

Eu sou a Alma de Magdala, escuta:
Quando o cinzel na terra crêa a imagem
Do martyr e do santo,—á rocha bruta
Desce do morto a profuga miragem...

E quando Miguel Angelo esculpia
O vulto immenso de Moysés, o hebreu,
Deve ter visto, sim, que elle surgia
Pela argilla trocando a luz do céo.

Habitava no Azul. O Nazareno
Os olhos enchugava em meu cabello:
Prende-me agora o marmore sereno...
Deixa-me vêr Jesus! Eu quero vêl-o!

Liberta-me, por Deus! Q'eu desvairio
N'esta prisão tristonha como o goivo...
Ai, vê como padeço; eu sinto frio.
Quantas saudades, quantas? de meu noivo.

Tenho vontade de resar, emquanto
O *Angelus* repercute nas encostas...
Tem compaixão... tem pena de meu pranto...
Porque não me fizeste de mãos postas? »

Calou-se a estatua. O genio, allucinado,
Pegou do malho e destruio, demente,
Aquelle vulto... todo o seu Passado!
Aquella imagem... todo o seu Presente!

Um bando de aves pelo céo fugia
E elle, fitando a vastidão que encanta,
Voltou-se, a vêr se alguma conduzia
No bico aberto o coração da santa!

Quanta grandeza na concepção d'estes versos.

Poetas, sabios, philosophos e pensadores onde buscareis mais pura, para os deslumbramentos d'alma uma fonte como a que nos pinta o Evangelho com as lagrimas de Magdalena? E essa lagrima não sentistes, como uma dor concretisada, porejante do granito que o genio do artista transformou em estatua?

*
* *

Não sei si ao prefaciador cabe mais do que, em synthese, esclarecer aos olhos do leitor as causas determinantes de certos phenomenos em que o espirito do

prefaciado empenhou-se por tendencias e circumstancias especiaes. O espirito em lucta com as vicissitudes do meio, eis tudo.

E neste ponto julgo terminada a missão a meu cargo.

Descer a annalysar as mil facetas da poesia de um poeta de genio, que teve por força motriz de sua inspiração a dôr e o sonho intangivel, será buscar desvendar todo o arcano da alma humana, infinitamente rica de bellezas e mysterios insondaveis. E quem alcançará tamanha gloria? Sysipho não rolaria mais esse rochedo que symbolisa o impossivel.

RODRIGUES DE CARVALHO.

Fortaleza, Agosto de 1898.

então» vem á tela 33), são senões sempre presos intimamente a uma primeira producção de folego. Mas tudo isto desvanece-se aos fulgores das bellezas derramadas no livro.

E de mais a sua fabulação é bem tecida, amorosamente bem enredada e o livro é brazileiro, do nosso torrão, rescende aos aromas da terra cearense, é cearense, bem cearense.

Papi não vôa sem rumo. Sua imaginação não abre as azas sem direcção, não faz volteios de andorinha, se concentra nos muros do estudo dos temperamentos, do exame dos caracteres. Pode errar e erra, mas fora de seus intuitos, escravisada a bôas vistas. E' viva, mas bem governada, vae sempre direito a seu fito, não explora a sensação pelo imprevisto. Photographa meios e situações —que depara em a sua caminhada do artista de talento.

PEDRO DE QUEIROZ.

MARIA RITTA — Episodios do Ceará Colonial — romance de Rodolpho Theophilo — Bibliotheca da «Padaria Espiritual» — Cunha Ferro & C.ª — editores — Fortaleza, 1897.

São tão raras as verdadeiras vocações para o romance no meio litterario brazileiro, que Rodolpho Theophilo não póde deixar de ser chamado um romancista. As suas obras, porem, ricas pelo enredo quasi todas, teem por caracteristica o descuido da linguagem, a despreoccupação do estylo e muita inverosimilhança na observação e analyse.

O «Maria Ritta» (porque não *Maria Rita?*) é, talvez, o que mais accentuadamente vem mostrar os dons de imaginação do fecundo escriptor cearense, e ao mesmo tempo o abuso desses dons, que muitas vezes tocão ao ridiculo.

Rodolpho não compenetra-se do verdadeiro papel do romancista, que é observação exacta, analyse sem exaggeros, simplicidade do entrecho, tudo como a resul-

tante de uma epocha, que no romance deve ficar estudada e perpetuada. O *Maria Rilla* está fóra dos moldes do romance de analyse, é destituido de todos os requisitos proprios do romance actual que é a psychologia das sociedades; e, se bem tenha pretenções a estudar «episodios do Ceará Colonial», não prima por este lado, pois a falta de côr local, de contemporaneidade de factos e individuos desfiguram a cada passo o intuito do operoso escriptor.

E' mais uma novella, que attrahe o leitor pela concatenação das scenas, que um perfeito romance.

Eis em traços geraes o enredo do livro.

José Maria, portuguez, rude e aventureiro, domiciliado nos sertões do Ceará, tinha uma filha—Maria Ritta—a heroina da obra em questão. Certo dia Joaquim de Queiroz, moço sertanejo, mestiço e ardente, apaixonado pela filha de José Maria, raptou-a, occorrendo peripecias mil, em cuja narração o romancista ora captiva pela imaginação, ora toca ao irrisorio pela inverosimilhança. José Maria, vindo ao Forte e captando as sympathias do então Governador Rubim por meio de valiosos presentes, conseguiu a prisão do raptor de sua filha, ficando esta, depois de varios incidentes, a vagar pelas mattas.

Por esse tempo appareceu por aquellas paragens outro portuguez, Prazeres, bronco e desbriado, possuidor de um roteiro de minas. José Maria descobre no patricio um genro digno do segro, e força Maria Rita a desposar Prazeres, o que realisa-se pela venalidade do padre Bulhões, tambem portuguez; a moça, porem, não submette-se ao regimen dessa communhão conjugal, reagindo contra o forçado marido e fugindo, em fim, para levar por algum tempo uma vida nomada pelos campos.

O pai de Queiroz, sertanejo abastado, dirige-se para o Forte, e por astuciosa peita, consegue do juiz, outro portuguez, a liberdade do filho. Termina o romance pelo casamento de Queiroz com Maria Ritta, feito, porem, perante Deus e a natureza, com a sagração unica do amor.

São estes os traços geraes, occorrendo typos e factos secundarios, dentre os quaes poderemos destacar a des-

humana tia de Maria Rita, que, sobre tratal-a a ponta-pés, quer forçal-a, com o concurso de criadas, á consummação dos desejos bestiaes de Prazeres.

O modo por que Rodolpho pinta os individuos deixa transparecer o intuito de ferir o caracter do portuguez do Brazil colonial d'aquelle tempo, que não cremos fosse em regra geral sevandijado.

Sem a preoccupação mesmo de analysta exigente, quem quer que tenha de se externar sobre a obra de Rodolpho Theophilo não póde deixar de lamentar a falta de estylo, o absurdo na concepção, a auzencia do intuito que tem o escriptor de merito na elaboração de um trabalho atravéz de cuja contextura de enredo deve gravar uma epocha ou a vida social de um povo. Rodolpho tem, a nosso ver, um requisito digno de encomios: é ser operoso, incansavel, não faltando-lhe habilidades para crear typos e situações, que, quando desataviados de exaggeros, nos prendem agradavelmente.

O «Maria Rita», tem defeitos imperdoaveis; e d'entre muitos apontaremos indistinctamente os mais palpaveis.

O primeiro capitulo nenhuma ligação tem com o enredo, e começa dando como séde do governo do Capitão de mar e guerra Rubim a Fortaleza já *cidade*, quando Rubim foi deposto em Novembro de 1821 e a Carta Imperial elevando a villa de Fortaleza á cathegoria de cidade é de Março de 1823, como se poderá ler nos livros e compendios desde os mais elementares até os de maior folego, as Datas e Factos do nosso collega da Academia, Dr. Studart, por exemplo.

E' uma descripção, aliás bem feita, commovedora, de uma occurrencia que teve lugar depois da Independencia e da qual nenhuma responsabilidade cabe quer ao governo da metropole quer ao seu representante na Coloria. Aquelle pombal—emigração das aves de arribação—é um sonho de um phantasista doentio. Queiroz, sertanejo em 1821, embora educado por um frade, como diz o auctor, não podia discretear em divagações philosophicas, tanto mais quando tratava com individuos estupidos. O heroe do romance, vaqueiro encourado consulta

ao relogio para ver que horas são! Isto dá perfeita ideia das extravagancias do romance.

O dialogo entre vaqueiros parece uma polemica de sabios.

A lucta de Maria Rita com a onça no galho de uma arvore; a vestimenta improvisada pela moça com pennas de ema, a variedade de conhecimentos de Queiroz sobre diversos ramos de litteratura e sciencia, são prova de que o escriptor não se domina quando absorvido na preoccupação de escrever. Ha no romance um boi «Estrella» bravio e furioso em que os vaqueiros pozeram uma mascara de couro, e, entretanto, diz o escriptor: «O «Estrella» continuava enfesado, mas não se mexia. *Os olhos pretos faiscavam* n'uma esclerotica de sangue.» Era preciso que a mascara fosse de vidro para se observar tal phenomeno.

A' pagina 189 Rodolpho não é romancista, occupa a cadeira de lente do Lyceu. Aquellas fumigações da Vicencia offendem á decencia e ao bom-senso.

O systema metrico em 1821 é originalissima invenção para o leitor ingenuo, que o suppunha adoptado no Brazil ha pouco mais de 20 annos.

Admire-se esta curiosa lembrança de uma moça bella e ciosa de seus encantos: «A moça vendo que não tornava de um d'aquelles cochillos, lembra-se de despir os olhos e contente da lembrança revira as palpebras, expondo assim as conjunctivas.»

Adiante, pagina 187, a moça leva a mão ao quadril ameaçando puchar o punhal! Que especie de vestimenta uzava essa creatura?

O final da pagina 306 é uma injuria á moral mais tolerante das escabrosidades realistas.

Ficão apontadas de relance as faltas que n'uma leitura rapida podemos observar. Ha tambem senões de grammatiquice e lexiologia e impropriedades de phrase: «crepitar monotono das espumas»; «onixis» plural de onix; «capuchos» em logar de capulhos; «na ascendencia de ambos *haviam* troncos communs»; «falta *em si* a mocidade, senhor Queiroz», em vez de falta em vossê,

etc.; «quasi *estrangulou-a as garras* de Vicencia» (desconcordancia); coculo por cogulo, aves com labios etc.

Em todo o caso não se póde acoimar de máo, na accepção absoluta, o livro do estimavel conterraneo; ha nelle capitulos captivantes pelo enredo, o leitor familiarisa-se com a maior parte dos seus typos, odiando-os ou votando-lhes sympathias tal é a vocação de Rodolpho Theophilo para o genero dos romances populares.

Manejasse elle a lingua vernacula com mais cuidado, domasse o pensamento na descripção dos scenarios, dos factos, e seriamos nós os primeiros a laurear-lhe a fronte.

RODRIGUES EE CARVALHO.

VERSOS DE HONTEM—Pedro Muniz—1896—Centro Litterario.

O inditoso auctor desse opusculo de versos era um dos fortes combatentes das lettras Cearenses. Fascinou-o a miragem das riquezas da Amazonia, e bem cedo foi arrebatado pela morte.

Estas palavras devem preceder ao nosso juizo critico, porque tratando-se de um moço de talento, com vocação poetica, serião as nossas palavras em outro tom, serião palavras de estimulo, se existisse ainda o auctor do livrinho em questão; em quanto que, com o seu fallecimento, só podemos render um preito á sua memoria de litterato esperançoso e trabalhador.

O livro de Pedro Moniz tem defeitos proprios de uma estreia, mas tem sentimento, abundancia de rimas e algum esmero de forma.

O soneto «Maria» é sufficiente por attestar o estro poetico de seu auctor.

RODRIGUES DE CARVALHO.

MYRTOS—Themistocles Machado—Centro Litterario—1897.

Trata-se ainda de um livro de versos e de um poeta Cearense.

etc.; «quasi *estrangulou-a as garras* de Vicencia» (desconcordancia); coculo por cogulo, aves com labios etc.

Em todo o caso não se póde acoimar de máo, na accepção absoluta, o livro do estimavel conterraneo; ha nelle capitulos captivantes pelo enredo, o leitor familiarisa-se com a maior parte dos seus typos, odiando-os ou votando-lhes sympathias tal é a vocação de Rodolpho Theophilo para o genero dos romances populares.

Manejasse elle a lingua vernacula com mais cuidado, domasse o pensamento na descripção dos scenarios, dos factos, e seriamos nós os primeiros a laurear-lhe a fronte.

RODRIGUES EE CARVALHO.

VERSOS DE HONTEM—Pedro Muniz—1896—Centro Litterario.

O inditoso auctor desse opusculo de versos era um dos fortes combatentes das lettras Cearenses. Fascinou-o a miragem das riquezas da Amazonia, e bem cedo foi arrebatado pela morte.

Estas palavras devem preceder ao nosso juizo critico, porque tratando-se de um moço de talento, com vocação poetica, serião as nossas palavras em outro tom, serião palavras de estimulo, se existisse ainda o auctor do livrinho em questão; em quanto que, com o seu fallecimento, só podemos render um preito á sua memoria de litterato esperançoso e trabalhador.

O livro de Pedro Moniz tem defeitos proprios de uma estreia, mas tem sentimento, abundancia de rimas e algum esmero de forma.

O soneto «Maria» é sufficiente por attestar o estro poetico de seu auctor.

RODRIGUES DE CARVALHO.

MYRTOS—Themistocles Machado—Centro Litterario—1897.

Trata-se ainda de um livro de versos e de um poeta Cearense.

etc.; «quasi *estrangulou-a as garras* de Vicencia» (desconcordancia); coculo por cogulo, aves com labios etc.

Em todo o caso não se póde acoimar de máo, na accepção absoluta, o livro do estimavel conterraneo; ha nelle capitulos captivantes pelo enredo, o leitor familiarisa-se com a maior parte dos seus typos, odiando-os ou votando-lhes sympathias tal é a vocação de Rodolpho Theophilo para o genero dos romances populares.

Manejasse elle a lingua vernacula com mais cuidado, domasse o pensamento na descripção dos scenarios, dos factos, e seriamos nós os primeiros a laurear-lhe a fronte.

RODRIGUES EE CARVALHO.

VERSOS DE HONTEM—Pedro Muniz—1896—Centro Litterario.

O inditoso auctor desse opusculo de versos era um dos fortes combatentes das lettras Cearenses. Fascinou-o a miragem das riquezas da Amazonia, e bem cedo foi arrebatado pela morte.

Estas palavras devem preceder ao nosso juizo critico, porque tratando-se de um moço de talento, com vocação poetica, serião as nossas palavras em outro tom, serião palavras de estimulo, se existisse ainda o auctor do livrinho em questão; em quanto que, com o seu fallecimento, só podemos render um preito á sua memoria de litterato esperançoso e trabalhador.

O livro de Pedro Moniz tem defeitos proprios de uma estreia, mas tem sentimento, abundancia de rimas e algum esmero de forma.

O soneto «Maria» é sufficiente por attestar o estro poetico de seu auctor.

RODRIGUES DE CARVALHO.

MYRTOS—Themistocles Machado—Centro Litterario—1897.

Trata-se ainda de um livro de versos e de um poeta Cearense.

O Sr. Themistocles Machado tem sabido recommendar-se aos que neste paiz occupam-se de, estudando o meio litterario Brazileiro, erguer do anonymado talentos que ficarião ignorados sem a mão protectora dos competentes.

O «Myrtos» é uma brochura de 113 paginas, enfeixando versos harmoniosos e sentidos, e com um prefacio do conhecido litterato o Sr. Valentim Magalhães.

O escarneo da mumia, *rebellado*, *viatico*, e *visita ao lar* são joias de fino quilate, onde a ideia allia-se com perfeição á forma.

Producções ha, porem, em que a forma foi descuidada, occorrendo uma certa monotonia pela uniformidade das rimas, vocabulos muito repetidos, e falta de observancia no preceito que manda evitar as rimas de adjectivo com outro adjectivo, identidade de tempos dos verbos, etc.

O espirito mais exigente, porem, n'esta quadra em que a poesia tanto tem decahido, não póde deixar de reconhecer merito na obra do poeta Cearense.

RODRIGUES DE CARVALHO.

MEMORIAL SYNOPTICO—sobre a Glorificação do Padre Antonio Vieira no Segundo Centenario da sua morte e a Reinvindicação do aborigene nome de «Maracanan» pelo Conego Raymundo Ulysses de Pennaforte.—Typ. Pennafort—Maracanan—1897.

E' um opusculo in 8.º, contendo 93 paginas em que o espirito fecundo e incansavel do nosso confrade Conego Ulysses Pennaforte se revela, enaltecendo o glorioso nome do Jesuita Antonio Vieira no 2.º centenario de sua morte, e combatendo, com precisão, sobre assumptos indianos no que concerne á reinvindicação do nome da Cidade de Maracanan, outr'ora Cintra, do Estado do Pará.

O nome do auctor é uma garantia segura para affirmarmos que é de merito o trabalho de que nos occupamos.

REVISTA

DA

ACADEMIA CEARENSE

Publicada sob a direcção dos Drs.

Pedro de Queiroz, Henrique Theberge e Guilherme Studart.

Forti nihil difficile

DIVISA DE BEACONSFIELD.

TOMO IV

1899

ASSIGNATURA ANNUAL . . . . . 6$000

FORTALEZA

TYP.—"STUDART"—Rua Formosa n.º 46.

1899

O Ceará Litterario

(N'ESTES ULTIMOS DEZ ANNOS)

I

Julgo obra meritoria poupar ao esquecimento o nome d'aquelles que pelos esforços da intelligencia concorrem com o seu contingente para a erecção d'esse grande monumento social — a litteratura de um povo, mas tambem julgo missão digna de incitamento dos competentes, quando quem d'ella se encarregar não lhe tenha dado inteiro desempenho. Não alimento a velleidade de querer escrever um capitulo da historia litteraria do Ceará, traçando estas linhas; mas, identificado com a sua vida mental nestes ultimos tempos, e acostumado a ver o desdem que geralmente se vota a quem discrepa da indifferença commum para publicar um livro de bellas lettras, um artigo, uma memoria, e porque reconheço ser verdadeira injustiça entregar ao olvido esta phase de agitação litteraria do Ceará, que começa a arrefecer, resolvi elaborar este diminuto trabalho em forma de resenha, offerecendo-o como um subsidio ao historiador futuro.

Não poderei precisar minudencias; o meu intuito é quasi que deixar nestas paginas o nome de todos os que

teem collaborado neste periodo: os velhos,—si os Pompeus e Studarts não levarem a mal o qualificativo—com os louros do renome já obtido; os novos, para que, ajuizados os seus meritos, passem ao julgamento do futuro.

* * *

E' uma verdade incontestavel que a Escola Militar trouxe para o Ceará senão todo o elemento da nossa vida litteraria ao menos um prurido de actividade mental: revistas, aggremiações litterarias, opusculos, etc.

A convivencia de alguns rapazes de talento foi certamente um bom estimulo para a mocidade cearense tradicionalmente propensa a fundar jornaes, fazer poesias, a cultivar as lettras, emfim.

Não podemos, entretanto, comparar todo o resultado d'estes annos á fecunda epocha de Rocha Lima, ao convivio de Thomaz Pompeu, João Lopes, Araripe Junior e Xilderico de Faria, etc. A mocidade de hoje é superficial em todos os ramos de conhecimento, e não poderemos esperar d'ella a erudição e criterio de Rocha Lima, a penna fecunda de Thomaz Pompeu, a analyse e illustração de Araripe Junior.

A fama de Juvenal Galeno permanecerá fazendo sombra a quanto poeta novo tenha vibrado a lyra por ahi.

D'essa legião de cearenses illustres, ainda contam-se felizmente vultos como Araripe Junior, Thomaz Pompeu e Juvenal Galeno, que no mesmo plano de Guilherme Studart e Farias Brito, ficaram trabalhando sempre, dando o exemplo sagrado de não lhes atrophiar a actividade a gloria que lhes acena perto.

Começarei, portanto, a occupar-me do movimento litterario do Ceará n'estes ultimos dez annos, fazendo menção d'aquelles trabalhadores do pensamento, já consagrados pelos seus meritos, em quem os que lhe succedem encontram um exemplo a seguir.

* * *

Dr. Guilherme Studart

Entre todos os superiores homens de lettras do Ceará, o Dr. Guilherme Studart avantaja-se pela tenacidade com que collabora em todas as manifestações da intelligencia nesta terra.

Tendo nas veias o sangue britanico e o sangue cearense—porque o cearense é um brazileiro a parte—, o Dr. Studart na sua vida litteraria, pela intelligencia, equilibrio mental, e dedicação absoluta, é a revelação mais perfeita do espirito inglez: commedido e practico, e do cearense: intelligente, emprehendedor e incansavel.

Toda essa actividade de vida intellectual do Ceará, pode-se affirmar, gyra em torno do nome laureado do historiador cearense: com os seus contemporaneos trabalha no convivio de todos os dias; com a mocidade, serve de incentivo, e facilita os meios materiaes para a publicação de livros e revistas.

Não é só com os peregrinos dotes de seu espirito que a litteratura cearense tem no Dr. Studart a mais forte columna; o seu auxilio pecuniario é sempre prompto para todos os tentamens dos que começão, como para a acquisição de valiosos documentos obtidos de alem-mar como subsidio para a historia do Ceará.

A sua officina typographica, montada quasi que exclusivamente para a publicação de seus trabalhos litterarios, attesta ainda qual a sua dedicação e amor pelas cousas da terra natal.

Peço venia ao erudito e imparcialissimo Capistrano de Abreu para transcrever o que a respeito escreveu na «Revista Brazileira» a proposito das *Datas e factos para a historia do Ceará*:

« Dos socios do Instituto (do Ceará) nem um se avantaja ao Dr. Studart em dedicação á historia do torrão natal. Os outros cultivam-na nas horas vagas; elle abandonou tudo para entregar-se a ella. Pesquizas aturadas, viagens aquem e alem mar, copias dispendiosissimas quando elle proprio não as póde extrahir, a mon-

tagem de uma officina typographica para impressão de seus escriptos, ainda não esgotam a lista de tudo quanto tem feito. Suas monographias historicas elevam-se ao numero de vinte e cinco, e a ultima tem 525 paginas, formato 8.° »

O notavel escriptor cearense tem predilecção pelos trabalhos de historia patria, especialmente d'este Estado; e neste sentido o Ceará é o mais feliz dos Estados, por que está em dia com a sua historia, do mais importante ao mais insignificante acontecimento até os nossos dias.

Não será demais citar um prestimoso homem de lettras — Sant'Anna Nery —, referindo-se ás *Notas para a Historia do Ceará* do Dr. Studart: « Para dar idéa do trabalho a que se sujeitou o autor, basta dizer que publica na sua integra mais de 150 documentos ineditos —um trabalho de benedictino. A obra do Dr. Studart não revela tão somente aturadas pesquizas, que a elle custaram muito tempo e muito dinheiro. Tem outra qualidade preciosa: a coragem, etc., etc.

E' um historiador, eis o maior elogio que se lhe póde fazer.

O seu estylo é corrente e muito seguro, tendo a revelação do pensador em cada conceito, através de uma linguagem de verdadeiro purista.

E' longa a lista de suas obras, mas são consideradas principaes as suas *Notas para a Historia do Ceará* em volume de 517 paginas, *Datas e Factos para a historia do Ceará* em 3 vols. de 1016 paginas, *Documentos para a biographia do fundador do Ceará*, *Pathologia historica Brazileira Novos Documentos para o estudo da pestilencia da bicha ou males*, e *Sciencia Medica artigos de propaganda*. O 1.° e o ultimo desses trabalhos foram publicados em Lisbôa.

Alem destes, tem muitos trabalhos ineditos. E releva ponderar que as Revistas do Instituto do Ceará e da Academia Cearense tudo devem ao esforço do Dr. Studart.

Fica assim feito um ligeiro perfil de tão preclaro cearense, na parte intellectual; o futuro saberá, de certo, cumprir o seu dever.

* * *

Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brazil

N'este ha como que uma dynastia intellectual e scientifica a continuar-se.

O nome de seu progenitor, alem da herança mental, é um talisman sagrado na pessoa do Dr. Thomaz Pompeu. O respeito á gloriosa memoria do Senador Pompeu, é, a meu ver, o motivo que mais tem concorrido para que o Pompeu Filho seja a personificação do estudioso.

Espirito talhado para os livros e pesquizas acuradas do gabinete, poucos no Brazil terão a erudição de Dr. Thomaz Pompeu.

Tem predilecção pela sciencia; reune, porem, uma educação perfeitissima de belletrista,

Aproveita o melhor de seu tempo escrevendo monographias sobre hygiene, agricultura, metereologia, industria extractiva, instrucção publica, finanças, etc. O seu estylo de scientifico toma a forma primorosamente descriptiva, quando occupa-se de assumptos ligeiros, como viagens, critica de arte, etc. *A Floresta Negra, Na Hespanha,* são capitulos de quem tem alma para observar.

E' Membro do Instituto Historico do Ceará e Presidente da Academia Cearense.

Eis a lista, talvez incompleta, de seus ultimos trabalhos:

Qualidade das Camaras legislativas, Fiscalisação do ensino dos paizes cultos, Vantagens dos trabalhos de irrigação no Ceará, Licções de Geographia geral (no dizer de um competente, a melhor geographia escripta em lingua portugueza), *O Ceará na exposição de Chicago* (trabalho que honra ao auctor e ao Ceará), *As vantagens da irrigação por meio da barragem do boqueirão das Lavras no valle do Jaguaribe.*

Deste trabalho transcreveram-se partes em Londres e na Hollanda.

Escreveu ainda: *Memoria sobre Saneamento da cidade da Fortaleza, artigos sobre questões economicas,* e um estudo completo sobre a *Manigoba.*

Como jornalista, o seu talento dá-lhe a justa nomeada de um dos melhores esgrimistas de sua terra.

O Ceará muito deve á fecunda mentalidade do Dr. Thomaz Pompeu.

Estas linhas servirão apenas de diminuto material deposto no alicerce em que tem a patria Brazileira de erigir um padrão de gloria a filho tão illustre.

*
* *

Dr. Raymundo de Farias Brito

Para que o Ceará fosse um perfeito meio intellectual faltava-lhe um philosopho; o Dr. Farias Brito preencheu o vacuo.

Compleição delicadissima, uma tendencia psychica toda especial, o philosopho cearense, desde o seu tirocinio academico, tem-se entregado a essa especie de estudos, colhendo os mais vantajosos resultados.

Despresou litteraria e scientificamente tudo o que não fosse attinente á materia de sua especial predilecção, e, imbuido em fundas meditações, na convivencia espiritual dos grandes pensadores, desde Platão a Spencer, escreveu a *Finalidade do Mundo*— estudos de philosophia e teleologia naturalista, de que publicou o 1.º volume, cmo 324 paginas, em 1895 e o 2.º, como o outro muito apreciado, em começo d'este anno. A synthese da obra deprehende-se d'estas palavras do auctor: «A theoria mais importante que até hoje tem sido proposta como explicação da natureza é a da evolução. O auctor se propõe a mostrar que essa theoria não basta, que á theoria da evolução é preciso accrescentar a theoria da finalidade. A formula geral do universo deve ser, não

força e *materia*, mas *movimento* e *pensamento* ou *evolução* e *finalidade.*»

Comprehende-se que trata-se de estudos precisamente transcendentes, a que não attinge quem quer.

Pelos 2 volumes já publicados se poderá bem adiantar juizo sobre a ideia encarada no conjuncto; como um bello edificio de apurada architectura, que se constroe, a *Finalidade do Mundo* apresenta apenas as bellezas da primeira parte sahida das mãos do architecto.

Justamente por isso, os juizos emittidos por competentes, como Alcedo Marrocos, um dos mais eruditos e solidos pensadores de Pernambuco, induzem a crer que Farias Brito é dos poucos que verdadeiramente no Brazil, a par de Tobias Barreto, Silvio Romero, Arthur Orlando e Clovis Bevilaqua, teem comprehendido e cultivado as modernas theorias de philosophia, nos grandes centros intellectuaes da Europa desenvolvidas ao lado de todos os processos da sciencia.

A doutrina da evolução é para os ultimos pensadores a perfeição das ideias divergentes entre o monismo e o dualismo. Alliar as duas tendencias, subordinar n'um mesmo conceito os phenomenos subjectivos o os objectivos —o pensamento que paira em divagações metaphysicas e a razão que observa os phonomenos do universo, a materia parecendo obedecer a um ser intelligente; fundir o impalpavel e o material n'uma forma logica e racional; tem sido a missão da doutrina evolucionista.

O auctor da «Finalidade» porem «propõe-se a demostrar que essa theoria não basta, que á theoria da evolução é preciso accrescentar a theoria da finalidade».

Aguardemos a obra integral.

Os juizos já no dominio publico, o criterio e illustração do Dr. Farias Brito convencem que o Ceará, ou antes o Brazil, tem um philosopho.

Depois de termos dado um como perfil dos principaes vultos de nossa litteratura, manda a justiça que não esqueçamos nomes, por justos titulos, dignos de menção;

embora na galeria d'aquelles que se não primam pela preoccupação constante de cousas litterarias, sobresaem pelo valor intrinseco de seus conhecimentos.

E' incontestada gloria cearense o erudito pedagogo José de Barcellos, velho combatente das lides litterarias que, fóra da arena dos incansaveis, não presta menos serviços que estes. Espirito retrahido pelas desillusões e longa experiencia do que seja gloria de estudo n'este paiz, José de Barcellos, depois de tomar parte muito activa nos commettimentos das lettras entre os contemporaneos de Juvenal Galeno, depois de desempenhar commissões scientificas pelo velho mundo, encerrou-se no seu gabinete de trabalho—que é o seu gabinete de estudos—, e d'alli acompanha toda a evolução das cousas scientificas e litterarias, indifferente ao mundo.

Felizmente, não é um estado de inacção essa penumbra que envolve o nome do glorioso pedagogo cearense; a sua actividade intellectual, todo o fecundo resultado de suas vigilias e estudos, elle transforma em ensinamentos á mocidade.

Occupando-me, pois, da vida mental do Ceará, não podia deixar de perturbar por instantes o retiro espiritual a que entregou-se esse illustrado membro da Academia Cearense, dedicando-lhe estas linhas como um preito imposto pelo seu grande merito.

Um nome muito respeitado tambem, e que não deve ficar esquecido, se bem que o seu contingente na vigencia deste periodo litterario seja o do exemplo de muita dedicação ao estudo, é o de Julio Cezar da Fonseca.

Espirito dotado de uma multiplicidade de facetas debaixo do ponto de vista intellectual, illustrando-se sempre, Julio Cezar é o typo do criticista, nesta phase de desorientação em todas as manifestações da vida intellectual do presente.

Não tem, como devia, concretisado o resultado de sua erudição n'uma obra que concorresse para o engrandecimento de nossa vida mental; todavia, não é pe-

queno o concurso de quem, como elle, muito se illustra para com o verdadeiro criterio annalysar os homens e as cousas de seu tempo.

Entre os velhos, tem a primazia como jornalista João Brigido.

O Ceará muito deve a essa mentalidade, sempre n'um periodo de rejuvenescimento admiravel.

Nenhuma questão ha de importancia que se agite em nosso meio, que a pena abalisada de João Brigido não venha dar o verdadeiro delineamento do assumpto, ora vibrante e intensivo, ora finamente humorisadado, como o ferrão rectrativo de uma vespa assanhada.

E' assumpto tambem de sua predilecção tudo que se relacione com o perfeito esclarecimente de nossa historia.

Analyse de vultos e factos, elucidarios, biographias celebres, chronicas historicas, são bellissimos capitulos que o provecto jornalista tem dado a estampa.

A sua critica é desapiedada, o que de alguma forma, abonando o seu reconhecido temperamento de insubmisso, desvirtua a obra do critico, que deve ter por mira a imparcialidade.

Não podiamos omittir neste breve estudo tão operoso escriptor, que, contando quasi 70 annos de idade, conserva o vigor mental, como se o sol de sua intelligencia não tivesse occaso.

Como o typo da actividade, trabalhando sempre pelo bom nome cearense, merece tambem um logar de honra o Dr. Henrique Theberge.

No periodo de que nos occupamos, foi o maior factor dessa agitação litteraria, de 1894 a 97, a Academia Cearense; pois bem, nessa illustrada associação a actividade e dedicação do Dr. Theberge tem sido um dos bons elementos, especialmente em estudos de botanica.

Eis uma pequena lista dos seus trabalhos publicados pela imprensa: *Medicina domestica-rural* (artigos sobre as propriedades medicinaes de 42 individuos da Flora Cearense); *Madeiras do Estado do Ceará* (livro inedito escripto em 1892, a que acompanham 57 amostras enviadas para a grande exposição de Chicago); *Flora Cearense* (relação por ordem alphabetica de todos os individuos botanicos que se encontrão no estado do Ceará. Tem tambem bastante adiantada a «Planta Chorographica do Ceará ».

Vê-se que é um trabalhador de merito.

Sobre o Dr. José Carlos da Costa Ribeiro Junior nada poderei adiantar ao que manifestei sobre a vida deste mallogrado parahybano em meu discurso de admissão na Academia Cearense («Revista da Academia Cearense», Tomo II--1897).

No Ceará é figura obrigada em tudo que seja manifestação da intelligencia o conhecido litterato Antonio Bezerra de Menezes. E' membro do Instituto do Ceará e da Academia Cearense, e, é tal a sua popularidade, que na phase de partidarismo litterario estabelecido pelos rapazes da «Padaria Espiritual» e «Centro Litterario», elle era admittido em ambas as sociedades, sendo recebido pela mocidade debaixo de effusivas manifestações sempre que assistia ás sessões desta ou daquella aggremiação.

Investigador tenaz, idolatra das cousas de sua terra, amante de bellas-lettras, Antonio Bezerra tem muitas pablicações sobre historia, sesmarias, estudos topographicos, botanica e costumes do Ceará.

Notas de Viagem (ao centro do Estado), *Descripção*

da cidade da Fortaleza, Sesmarias, são trabalhos de merito.

Ensaiou a lyra na sua mocidade, e o seu «adeus á poesia» é tocante e inspirado.

N'um momento de intimo desgosto o poeta disse:

« O céu de chumbo arqueado
Parece que vai cahir » etc.

O «Ceará Illustrado» e o «Pão» publicaram uma serie de contos de sua lavra —O Zé-Guedes—, que é uma photographia de costumes.

Entre os homens de lettras de idade avançada devo enumerar o Dr. Gonçalo Souto, que neste periodo tambem tem cooperado em nossa vida mental.

Espirito lucido e bem educado, o Dr. Souto foi um dos redactores da *Tribuna Catholica* e d'*A Verdade*, orgams catholicos da Fortaleza. No genero, como propagandista defensor do christianismo, merece logar de honra.

Nas columnas d'*A Republica* tem publicado bellos artigos, que abonam as suas ideias de convencido e a sua penna.

Como poeta, si bem que não tenha acompanhado a evolução da sublime Arte, distingue-se como brasileira já tradizia com fidelidade e uso critico, o *Paraizo Perdido*, de Milton e as *Odas* de Horacio.

E' uma [illegible] poesia.

O Positivismo ás Claras, é uma collecção de artigos do Snr. Major José Faustino da Silva, enfeixados em volume, todos mostrando as desvantagens do positivismo em relação á religião catholica.

O auctor, dedicado ás mathematicas, não prima pela belleza do estylo.

E' dever, porem, incluil-o nesta resenha.

O Instituto do Ceará tem, incontestavelmente, prestado um serviço relevantissimo á phase mental por que passamos; e outro resultado não se devia esperar de uma associação composta de nomes como: Dr. Paulino Nogueira, P.e Frota, Senador Catunda, João Perdigão, Julio Cezar, Drs. Virgilio de Moraes, Antonio Augusto de Vasconcellos, Guilherme Studart, Thomaz Pompeu, Virgilio Brigido, Antonio Bezerra e Araripe Junior.

Destes são incansaveis na [illegible] o Dezembargador Paulino Nogueira, [illegible] Perdigão de Oliveira e Dr. Guilherme Studart.

Os assumptos referentes á historia do Ceará teem sido cuidadosamente tratados, formando a «Revista» precioso repositorio para o historiador futuro.

Mesmo no Instituto é o Dr. Guilherme Studart a força motora de tudo quanto é proficuo; o seu exemplo é motivo de incentivo aos seus dignos companheiros.

Dentre estes merece ser tratado com certa distincção o Desembargador Paulino Nogueira, talento de primeira agua, devotado desde a sua mocidade á vida jornalistica; presentemente com mais valor ainda, porque allia á sua tradicional erudição fecunda meditação como jurisconsulto, historiador e publicista.

Para comprovar as suas aptidões como jurisconsulto e estylista, temos as «Execuções da pena de morte no Ceará», trabalho em que se estampam toda a sua alma e todo o seu talento.

Antes desta, é longa a serie de producções litterarias, historicas e scientificas, que tem publicado.

A Revista do Instituto do Ceará edita presentemente as notas historicas: «Presidentes do Ceará. Periodo

Regencial. 7.º Presidente Senador José Martiniano de Alencar.» São curiosissimos os episodios narrados pelo Dr. Paulino Nogueira sobre a vida politica do inolvidavel cearense Senador Alencar. A verdade historica é respeitada nas suas minudencias e o leitor vai conduzido pela suavidade do estylo e preso pela criteriosa concatenação do assumpto.

O Dr. Pedro de Queiroz é um dos mais conspicuos membros da Academia Cearense; e a sua illustração e gosto pelas cousas litterarias muito teem contribuido para o realce do periodo de que nos occupamos.

Não reuniu ainda em livro todo o resultado de suas locubrações de jurisconsulto, jornalista e litterato.

Como trabalhador directo, fornece bellissimo cabedal enriquecendo nossas lettras; e indirectamente, pelo estimulo efficaz, pelo seu fecundo exemplo a mocidade, os estreiantes muito se encorajam para o combate.

A sua critica é sabiamente emittida, dando um cunho profundamente analytico aos seus conceitos.

Forma muito correcta e um juizo sempre avantajado, no qual, por mais que a censura transpareça, ha sempre a indulgencia do critico que não destroe, mas incute incitamento.

Para evidenciar a sua rica erudição, bebida na corrente das modernas ideias, invocaremos o seu estudo sobre direito penal: «Palavras de politica criminal», publicados no «Ceará Illustrado» (1894). Este trabalho carece apenas de desenvolvimento para nos assegurar no meio cearense um perfeito discipulo de Tarde ou Garofalo.

A Academia Cearense conta no seu seio outros muitos cooperadores das lettras que, se não teem tomado grande parte na vanguarda, no momento a que nos referimos, não é por falta de talento, mas por certo pessimismo ou indifferença.

Raymundo Coelho de Arruda, espirito talhado para todas as manifestações da intelligencia, é especialista em assumptos de philologia; Justiniano de Serpa, jornalista e tribuno; Antonio Bezerra de Menezes, litterato e historiographo; Francisco Alves Lima, poeta; P.e Francisco Valdevino Nogueira, orador; Valdemiro Cavalcanti, jornalista e dedicado belletrista.

A estreiteza do espaço, que me cabe, não permitte que me occupe detalhadamente de cada um dos nossos homens de lettras, por mais que seja reconhecido o seu merito.

*
* *

Deve formar um capitulo a parte a enumeração feita dos escriptores precedentes, pela idade, circumspecção de cada um d'elles, e objecto de que se occupam, a pedirem um logar outro que não seja na galeria dos litteratos puramente dedicados a cousas de bellas-lettras.

Poetas, *conteurs*, romancistas, dilettantes de arte, estes sem inferioridades aos que se dedicam ás cousas positivas e philosophias, estariam deslocados entre aquelles.

Manda a justiça que a «Padaria Espiritual», (titulo que não fica bem á primitiva communhão intellectual que implantou uma phase nova ás manifestações da arte escripta na terra de Rocha Lima) como ponto de partida para apreciação do que tem occorrido até agora.

Seria um esquecimento condemnavel não deixar registrada aqui a influencia benefica que em nosso meio exerceram (quando não havia ainda as aggremiações litterarias) Alfredo Peixoto, Adolpho Caminha, Euclides de Freitas e Barros Cobra, um nucleo de talentosos que pelo Ceará deixaram scintillações immorredouras.

Peixoto, o inditoso naufrago do «Solimões»—auctor das *Memorias de um Naufrago* (inedito)—fazia conferencias litterarias e collaborava na imprensa diaria; Caminha, concentrado e estudioso, fundava a «Revista Moderna» (1891) imprimindo uma verdadeira feição moderna ao genero de revistas; os outros, menos talentosos,

burilavam sonetos, e ao atrito de tão bôa convivencia, enchiam de ideias sadias as nossas rodas litterarias.

Vai isto como um parenthesis. Volto á primitiva «Padaria Espiritual» (porque a actual vive da sombra da extincta); e não posso fugir ao dever de em seguida transcrever a bellissima poesia de Alfredo Peixoto *Loira*, joia que honraria o escrinio do mais exigente collecionador de preciosidades litterarias.

Loira

Loira! tão loira, como a de Murillo,
A decantada virgem nazarena;
Boia em seus olhos essa luz serena
De um lago que reflecte o céo tranquillo.

Ao vel-a assim tão loira, assim tão bella
A minha alma remonta ao paraiso,
E sobe ao céo no raio de uma estrella
E desce á terra pelo seu sorriso.

Rosas que o sol de maio affaga e doira
Juncae de petalas o caminho d'ella,
Deixai passar a minha virgem loira,
Das loiras todas a mais loira e bella.

*
* *

A Padaria Espiritual

Para que nos occupemos dos membros d'essa original associação é mister algumas palavras de preambulo.

Em Maio de 1892, por iniciativa de trez rapazes talentosos Themistocles Machado, Tiburcio de Freitas e Adolpho Caminha, creava-se na Fortaleza uma aggremiação com intuitos anarchistas contra a monotonia da vida burgueza de aldeia. A nota de escandalo, a chacota

picaresca erão os intuitos dos endiabrados moços, que, dispondo de lisongeiros dotes intellectuaes, encaminharam o seu proposito a serviço especial das cousas litterarias.

Outros estroinas foram admittidos, e, quasi todos com muito talento, deram uma feição nova á vida litteraria do Ceará, cujos effeitos ainda hoje se refflectem na quadra, embora decadente, por que passamos.

Lopes Filho, Jovino Guedes, Antonio Salles, Livio Barreto, Ulysses Bezerra, José de Moura, Adolpho Caminha, Themistocles Machado, Joaquim Victoriano, Sabino Baptista, Alvaro Martins, Antonio de Castro, Luiz Sá, João Paiva, José dos Santos, Raymundo Theophilo Moura, Henrique Jorge, Carlos Victor, José Maria Brigido, Gastão de Castro, Alfredo Peixoto e Tiburcio de Freitas, eram estes os innovadores dos costumes litterarios.

Rixas trouxeram a expulsão de grande parte dos mais distinctos «padeiros»; e por uma nova phrase passou a «Padaria» com a admissão dos novos socios: Dr. José Carlos Junior, Dr. Waldemiro Cavalcanti, Dr. Almeida Braga, José Carvalho, Roberto de Alencar, Cabral de Alencar, Arthur Theophilo, Eduardo Saboya, Rodolpho Theophilo, Antonio Bezerra e Xavier de Castro.

Senão a phase em que a »Padaria» era um nucleo de bellissimas intelligencias, todavia, no segundo periodo foi que ella mais floresceu, pelo cunho de sociedade que lhe impozeram os novos padeiros.

José Carlos Junior era o seu Director, e tanto bastava para que fossem banidas as extravagancias do inicio.

Segue-se o resultado da «Padaria», quanto ás obras que expoz em lettra de forma.

Obedeço, entretanto, á ordem que tenho levado nesta resenha, fazendo discriminação pelo nome dos auctores.

*
* *

Lopes Filho

Um nevropatha, um coração angelico n'uma pilha

electrica. Parecerá um paradoxo; mas ninguem poderá negar que Lopes Filho é um bom coração e uma cabeça onde repercutem vibrações de nervos doentios.

O seu livro de estréa, *Phantos* (titulo que o auctor não sabe ainda dizer bem o que significa), é a maior prova desse desequilibrio de indole e temperamento. Uma dasmelhores manifestações de escola decadista no Brazil é incontestavelmente o *Phantos*.

A ideia de quasi todas as producções é sentimental, a phrase correcta, mas o rythmo tem uma vibração estranha: amena e rude ao mesmo tempo.

Raymundo Correia, escrevendo sobre litteratos do Ceará, achou no Lopes essa bôa qualidade de ser aspero na harmonia.

Os seus versos são a phototypia de sua alma.

A seu respeito diz Araripe Junior: «...parece trazer para a poesia nacional algumas notas agudas, que poderão perfeitamente aclimar-se em nossa terra.»

Adiante diz ainda Araripe:

« Delicado sem ser obscuro, nostalgico á moderna, avido de repouso, suspirando pela vida socegada dos monges etc., etc.»

«Lopes Filho póde scismar nas praias do Mocuripe, em noites de luar, e referir á sua irmãsinha aquellas historias lindas da rainha dos céus, que ainda tanto o o encantam».

Desses pequenos excerptos deduz-se o meu juizo: aspereza e sentimentalidade, eis a caracteristica do auctor do *Phantos*.

Tem ineditos: *Procellas* (versos esparsos) e *Eremita* (poema).

Uma producção do Lopes Filho:

Violino

Cantos e preces, languidos gemidos,
Todas as dores que a alma humana sente,
—O estertor de elementos doloridos,
E o pipillar de um passaro dolente;

A dôr, que dentro em nós geme fremente
Na ancia mortal dos ideaes fugidos,
Tudo resumes, fina flor gemente,
Violino! Irmão dos corações feridos.

Quando mão linda tuas cordas fere
Tu, te transformas, magico instrumento,
Espiritual visão de Alighiere:

E o artista, e alma nobre, enthusiasta,
Deixam levar-se atôa, n'um momento,
Na onda sonora que su'alma arrasta!

* * *

Antonio Salles

Tendo começado como empregado do commercio, assumiu entre os rapazes da «Padaria Espiritual» o primeiro logar como poeta, tal a sua reconhecida vocação para a poesia e dedicação ao estudo.

De facto, Antonio Salles pode ser reputado um dos mais cuidadosos cultores da rima no Ceará. As suas producções não primam pela exuberancia de imaginação, são, porem, harmoniosas, bem metrificadas, e obecedem a certa concepção, com accentuada forma parnasiana.

O seu primeiro livro, *Versos Diversos*, foi a mais promissora das estréas. Nelle ha muita inspiração, certo conjuncto de harmonias, bellezas, em fim, que, diante dos pequenos defeitos, não perdem de seu merecimento.

Toda a reputação litteraria do auctor provem d'aquelle livro. E', a meu ver, a melhor poesia das enfeixadas no volume *O Vestido azul*.

Publicou em 1895 o seu segundo livro: *Trovas do Norte*. Com quanto o auctor presumisse ter subido no conceito publico com esta publicação, entendem os que, com imparcialidade, analysam a obra de Antonio Salles, que a sua reputação nada lucrou com mais este contingente. Falta nas *Trovas do Norte* a expontaneidade

dos *Versos Diversos*. Buscando rebuscar muito a phrase, tornou a ideia escassa, dubia e sem firmeza na concepção dos assumptos. Nas producções percebem-se reminiscencias de auctores lidos todos os dias. E' um livro aquem do merecimento do auctor.

Foi Salles um dos mais dedicados redactores do «Pão».

A sua prosa é moldada sempre com certo tom de ironia, prestando-se para o estylo das chronicas. Fóra disto, não tem outro merito, a julgar pela sua vida jornalistica neste Estado.

Sabino Baptista

Quem tiver de se occupar de assumptos litterarios do Ceará, não poderá esquecer Sabino Baptista. E' um moço que tem o grande merecimento de dever a si mesmo o que é.

O seu maior merito é a constancia, a lucta pelo renome litterario.

Publicou o livro de versos «Flocos», prefaciado por José Carlos Junior, e depois o «Vagas».

As suas poesias não primam pela originalidade e correcção: em todo o caso tem um soneto que pode ser publicado em qualquer parte: «Na missa».

E' um devotado jornalista, e tem pela «Padaria Espiritual» verdadeira idolatria. (*)

(*) Mal se imprimia este trabalho, quando inesperadamente falleceu nesta capital o inditoso litterato Sabino Baptista. As condições em que morreu, a forma de abandono do seu enterro, por causa da molestia repellente que o victimou, muito pezam no espirito de quem estuda a sorte dos poetas! Uma lagrima sentida sobre o seu tumulo.

R. C.

EDUARDO SABOYA

Deu á estampa aqui na Fortaleza o seu livro *Contos do Ceará*, que muito se recommenda pela côr local dos assumptos preferidos.

Hoje Saboya maneja a penna como conceituado collaborador da imprensa fluminense.

ANTONIO DE CASTRO

Poeta misanthropo.

E' especialista em assumptos marinhos.

Faz parte da bibliotheca da «Padaria Espiritual» o seu livrinho «Versos», que offerece uma leitura monotona porque o assumpto de uma producção é o assumpto da outra.

Ha, comtudo, harmonia e correcção nos seus versos.

X. DE CASTRO

Muito apreciado como poeta pela originalidade de seus versos: assumptos singelos da vida domestica, a que elle chamava «Chromos».

Com este titulo publicou um livrinho.

X. de Castro não tinha grande cultivo intellectual; era amante da musica; e toda a candura de seu espirito revela-se na simplicidade de seus «Chromos», feitos despretenciosamente.

Morreu com 37 annos de edade.

A sua caracteristica como poeta eram a simplicidade e muito sentimento. Abaixo vai transcripto um dos seus chromos. Seus versos lyricos merecem tambem lisongeiras referencias, porque são repassados de muita melancholia e sinceridade.

Ladrasinha

—E' céga quasi de guia!
Nos annos muito avançada,
Alva, magra e descorada,
Bate algodão, limpa e fia!

Sob o alpendre todo o dia
Vê-se branca rede armada,
N'ella a velha está deitada
Desde a aurora á Ave-Maria.

Cochila; encosta a cabeça...
Vem Lucia—neta travessa—
Pega o sacco que a avó tem...

A velha acorda e, apalpando,
Agarra a Lucia, gritando:
—Bota p'ra aqui meu vintem¡

Como se vê, prima pela simplicidade.
Foi um poeta original.

Rodolpho Theophilo

Entre os escriptores do nosso meio é um dos que muito merecem pela constancia do trabalho.

Tem publicado: *Historia da Secca do Ceará*; *Fome* (romance); *Sciencias naturaes em contos*; *Botanica Elementar*: *Monographia da Mucunã*; *Os Brilhantes* (romance); *A Violação* (novella); *Maria Rita* (romance), e tem no prelo *O Paruara* (romance).

Vê-se por esta bagagem que trata-se de um homem de sciencia e de um belletrista.

Os seus romances são cheios de vida pela imaginação, e estampam o meio e a epocha em que se dá a acção.

E' descuidado na forma; e nem sempre a grammatica é respeitada (vide Revista da Academia Cearense de 1898, na parte bibliographica, juizo sobre o *Maria Rita.)*

Apezar de senões que a imprensa em geral apontou nos livros de Rodolpho Theophilo, a litteratura do Ceará muito deve a este escriptor.

Livio Barreto

Foi um genio como poeta!

Empregado do commercio, moirejando sempre contra a sua intima vocação de fadado das musas, Livio Barreto foi um vencido do destino.

Emigrou para a Amazonia; foi naufrago nas costas cearenses; teve uma paixão infeliz que foi a ideia unica de seus ultimos dias; e morreu repentinamente em sua banca de trabalho, quando apenas contava 26 annos de edade. Eis em synthese a sua historia.

Dou uma bella estrophe de sua poesia «Naufrago», feita na praia da Periquara aos 29 de Junho de 1892, e por ella avalia-se a originalissima e profunda inspiração de seu estro:

«Eis-me naufrago e só! A ave que passa
Riscando o azul purissimo do céu,
E sente as azas subito quebradas
Pela bala certeira da desgraça
Talvez não sinta tanto como eu!»

A «Padaria Espiritual» publicou em volume os seus versos esparsos sob o expressivo titulo «Dolentes», obra posthuma, que, entretanto, obedeceu mais ou menos aos planos do auctor.

Este livro é prefaciado pelo illustrado membro da Academia Cearense Dr. Waldemiro Cavalcanti, conterraneo do poeta, que conhecedor das particularidades de sua accidentada existencia, consagrou-lhe justa homenagem. São paginas traçadas com muito criterio e bastante sentimento.

O auctor dos «Dolentes» é um dos mais originaes e dos mais inspirados dos poetas do norte comprehendidos na moderna geração.

A sua obra precisa de ser estudada convenientemente. Ha uma insubmissa inspiração em todas as estrophes, cheias de melodia e de indisciplinas metricas.

A ideia resalta viva, palpitante, outras vezes serena e logo turbilhonada, como um veio d'agua a jorrar do pincaro de um rochedo accidentado.

Em tudo a revelação de um grande talento.

E' reputada a melhor producção dos «Dolentes» a poesia «Cravos brancos».

O leitor, familiarisado com os mais perfeitos cultores da eschola decadista, dará o verdeiro valor ao decadista cearense:

«Cravos brancos, cravos brancos como o leite
Que as noivas levam para a Egreja ao ir casar,
Cravos da côr das escumilhas do corpete,
Brancos de espumas atiradas pelo mar...»

. . . . . .

Depois de fallar sobre os cravos brancos nesse diapasão, termina uma das partes em que se divide a poesia:

«Das longinquas paragens levantinas
Desce o carro da aurora altivo aos solavancos;
E á manhã abotoam-se as boninas
E abrem-se os cravos brancos».

Nesta poesia ha uma concepção extravagante; mas o genio transborda em toda a parte.

Na opinião humilde de quem escreve estas linhas é a melhor poesia do livro de Livio «Lagrimas».

Transcrevel-a não será roubar espaço inutilmente á *Revista*:

Lagrimas tristes, lagrimas doridas,
Podeis rolar desconsoladamente!
Vindes da ruina dolorosa e ardente
Das minhas torres de luar vestidas!

Orphãs trementes, orphãs desvalidas
Não tenho um seio carinhoso e quente,
Frouxel de ninho, calix rescendente,
Onde abrigar-vos, perolas sentidas.

Vindes da noite, vindes da amargura,
Desabrochastes sobre a dura fragoa
Do coração ao sol da desventura!

Vindes de um seio, vindes de uma magoa,
E não achastes uma urna pura
Para abrigar-vos, frias gottas d'agua.

Aqui ha sentimento, harmonia, originalidade, ideia, requesitos que fazem o verdadeiro poeta.

*
* *

Arthur Theophilo

Era um neurasthenico. Franzino, enfermo desde a sua primeira infancia, Arthur Theophilo era o envolucro fragilimo de um espirito superior. Talento de primeira agua, não deu maior realce ao seu nome porque o seu precario estado de saude, alliado a uma susceptibilidade de nervos doentia, esterilisou quasi que de todo os seus dons intellectuaes.

Dedicava-se com grande aproveitamento á escola realista, timbrando em dar contornos diamantinos á phrase.

Por expontaneidade, sabia photographar psycologica e materialmente as scenas de todos os dias; e as suas producções litterarias, contos e fragmentos revelam uma das maiores vocações para *conteur* que temos tido quanto aos processos de observação e analyse.

«O caso do sargento» é uma photographia viva de uma scena, que todos nós conhecemos.

A preoccupação do escriptor era, sobre tudo, a forma.

Collaborou na imprensa litteraria e politica e se não deixou um volume que attestasse os seus meritos, foi porque o pessimismo, proprio de seu estado pathologico, varreu-lhe da mente todos os estimulos docemente enganadores da phantasia.

Na collecção do *Pão* e no jornal *A Republica* encontram-se materiaes litterarios que muito abonarão a memoria do inditoso litterato.

Era um dos intimos do mallogrado poeta Livio Barreto, e bello ornamento da «Padaria Espiritual».

* * *

«A Padaria Espiritual» foi um poderoso factor para certa agitação litteraria no Ceará durante o periodo de 1892 a 1896. Vimos quantos rapazes de valor concorreram, devido á aggremiação, com precioso contingente para as lettras cearenses.

Outros, talentosos, existiam que ao convivio benfazejo dos mais abalisados faziam o choro da rumorosa fama d'aquelle periodo.

Oliveira Paiva (com muito talento), José Carvalho (que publicou um livrinho de contos, *Perfis Cearenses)*, Cabral de Alencar, Ulysses Bezerra, Roberto de Alencar, Carlos Victor etc, são nomes que não podem ser esquecidos.

Dentre estes merece um capitulo a parte o genial Oliveira Paiva, roubado ás lettras patrias na flor dos annos.

Deixou uma obra notavel no genero, seu romance *D. Guidinha do Poço*, trabalho de valor real, meditação e analyse, e uzo da phrase torneada e correcta. Ninguem, senão Aluizio Azevedo, póde ser equiparado ao romancista cearense.

Felizmente uma alma caridosa publica presentemente na «Revista Brazileira» (do Rio) o precioso trabalho, que rolava de mão em mão depois da morte da auctor.

*
* *

O Centro Litterario

Um certo exclusivismo estabelecido pelos rapazes da «Padaria Espiritual», que só admittiam no seu gremio determinados estreiantes, que muitas vezes não offereciam os requesitos mentaes compativeis com a reputação da Sociedade, concorreu para que, dada uma rivalidade incitante, um grupo de moços talentosos fundasse o «Centro Litterario».

A ideia partiu do cerebro de Papi Junior, uma insubmissa mentalidade.

Temos á vista um cartão-circular a proposito da fundação do «Centro», que não perde em ser transcripto, pelo intuito promissor dos esperançosos litteratos.

Eil-o: «Centro Litterario. Fortaleza, 15 de Outubro de 1894.

Illustre Confrade.

Temos fundado nesta capital um gremio sob o titulo — Centro Litterario — composto de rapazes amigos das lettras, e julgamos de acerto incluir-vos como socio

correspondente, contando assim, desde logo, com um auxiliar dedicado e prestimoso.

Alem dos intuitos inherentes ás Sociedades desta ordem, temos de realisar dois importantes bens para a Communidade:

—Abrir uma casa editora para a publicação dos trabalhos dos aggremiados; e—erigir no logar mais publico da cidade, no Passeio Publico, «um Pavilhão-Bibliotheca» para a exposição de livros modernos, jornaes obras d'arte, etc.; pôr, em fim, o livro ao alcance de todos—no meio da rua.

O primeiro desses intuitos está realisado. Trez dos nossos socios acabam de pedir para a Europa uma typographia no valor de quinze mil francos para fundar a casa editora do «Centro Litterario»; quanto ao segundo, porem, tendo-se resolvido que seja elle realisado com o esforço pecuniario dos socios effectivos e correspondentes, contamos que o nosso illustre Confrade nos envie um pequeno auxilio, utilisando-se para isso do serviço postal.

Empenhados em fazer vingar nossa ideia, asseguramos-vos que nossos primeiros passos estão sendo coroados do melhor exito.

Temos, desde já, otto obras catalogadas para terem publicidade, devendo apparecer nestes dias a primeira, um volume de versos—«Clamydes»—do nosso confrade Ulysses Sarmento.

Contamos com o vosso apoio a nossas intenções, e não esqueçaes que temos no vosso auxilio concentrado o futuro do «Centro Litterario». Dos confrades e amigos:—Themistocles Machado, Papi Junior, Juvenal Galeno, Farias Brito, Pedro Moniz, Jovino Guedes, Ulysses Sarmento, Alcides Mendes, Octacilio de Oliveira, Vianna de Carvalho, Bomfim Sobrinho.

Correspondencia a Pedro Moniz. »

Vê-se pelo excesso de aspirações que a nova aggremiação era composta de moços. Entre as assignaturas, destacam-se duas que, naturalmente, endossaram a cir-

cular dos jovens sonhadores, as de Juvenal Galeno e Farias Brito.

Aos primitivos centristas novos elementos foram adaptados, participando das mesmas ideias: trabalhar pelas lettras, engrandecer o Ceará: Justiniano de Serpa, Alvaro Martins, Antonio Bezerra, Alves Lima, Martinho Rodrigues, José Martins, Quintino Cunha, Francisco Carneiro, Joaquim Carneiro, Freta Pessoa, Rodrigues de Carvalho, Dr. Guilherme Studart, F. Weyne, Annibal Theophilo, Marcolino Fagundes, Mattos Guerra, Alfredo Severo, Feancisco Mattos, Fiuza de Pontes, Luiz Agassiz, João Lopes Ribeiro, Pedro Fabricio, Soares Bulcão, Antonio Ivo, Francisco Silverio, Julio Olympio, Eutychio Galvão, Manfredo Fernandes e J. Freire Jucá, estes foram a pleiade dos batalhadores que mais contribuiram para a agitação operada em nossa vida litteraria, de 1894 a 96.

Havia um verdadeiro prurido de publicar versos, contos, romances, revistas, critica, etc., etc.

Por esse tempo editou o «Centro» a sua revista «Iracema», a cargo de Pedro Moniz e Julio Olympio; do 2.º numero em diante, a cargo de Pedro Moniz, Rodrigues de Carvalho e Alvaro Martins.

Em fins de 1894 já contava a nova Sociedade trez livros editados «Clamydes», versos, Ulysses Sarmento; «Contos Singelos», idem, F. Silverio, e o «Coração», poemeto, Rodrigues do Carvalho, e annunciavão-se trinta e quatro obras a entrar para o prélo.

Era a phantazia da mocidade affectada de uma verdadeira febre; si todas as obras reunidas não abonassem muito aos olhos dos pessimistas, haveria sempre um resultado: demonstrar que a mocidade cearense preoccupava-se com uma sublime mania, a de estudar e escrever.

Como tudo tem o seu occaso, a febre declinou, e o «Centro» publicou realmente até 1898 os seguintes livros: os trez já enumerados e mais: Pescadores da Tahyba, poemeto, Alvaro Martins; O Simas, romance, Papi Junior; Myrtos, versos, Themistocles Machado: Prismas, versos, Rodrigues de Carvalho; Contos de cores, Quin-

tino Cunha; Psalmos, versos, Frota Pessôa; Facetas, phantazias em prosa, Vianna de Carvalho; Miudinhos, Contos, F. Weyne; Versos de hontem, Pedro Moniz; Chromos, F. Silverio; Ruinas, versos, H. Castriciano (socio correspondente, que preferiu que o livro fosse publicado aqui).

Antes de darmos algumas notas sobre cada um dos mais prestimosos membros do «Centro Litterario», convem consignar aqui a saudosa reminiscencia de quem traça estas linhas ao ter que fazer a resenha do que foi aquella gloriosa associação; como uma preoccupação do espirito da mocidade, as palestras referiam-se quasi sempre a cousas litterarias; as sessões eram frequentes nos salões do Club Euterpe, Phenix Caixeiral, Club Cearense, e mais intimamente na casa de cada um dos socios, onde reinava sempre, apar da cordialidade peculiar á familia cearense, um tom finamente humorisado nos assumptos, discussões, apreciações em materia de bellas-lettras, etc.

Liam-se contos, versos, ensaios de critica; repetindo-se no fim de cada reunião desopilante quanto amistosa, muitas vezes bellas producções poeticas dos mais abalisados, producções que corriam mundo com a consagração dos entendidos. Neste ponto tinha sempre a palma o popular Alvarins (Alvaro Martins), recitando quadras de um lyrismo impeccavel ou triolets de um humor diaphananente licencioso.

Não permitte a concisão deste trabalho a expansão que neste momento quer ter a minha doce reminiscencia desse tempo fugaz e memoravel para as lettras cearenses.

Na imaginação de quem começa a descer a encosta dos annos, ha desses phenomenos miraculosos: um espelho phantastico, ideialmente sublime, photographa, como um relampago azul, trechos dos dias idos, cauzando a perfeita illusão de que retrocedemos á quadra que se foi para sempre! Chamarei a isto saudade involuntaria.

Ledas saudades, quem não as tem sem querer?!

Ulysses Sarmento

Um soldado poeta.

Alumno da Escola Militar, aqui deu muito realce á phase mental de 1894 a 96, como avantajado cultor das musas.

O seu livro «Clamydes» foi caprichosamente elaborado pelos moldes do parnasianismo; si não revela um perfeito cultor da forma, attesta um discipulo que honra a escola.

Não prima, porem, pela abundancia da imaginação, defeito muito frequente em quem se preoccupa de mais com os caprichos da forma.

Foi acoinado de imitador de Bilac; era innegavel a idolatria do poeta pelo mestre da forma no Brazil. Tem, porem, o merito de ter incorrido apenas na imitação involuntariamente.

F. Silverio

E' um poeta inculto, mas realmente poeta pela singeleza. Modesto e quasi desconhecido, fez o seu *debut*, como versejador, ao tempo em que trabalhava como ourives no interior do Estado.

O seu primeiro livro «Cantos Singellos» foi, sob os auspicios de um amigo, impresso em Paris. Revela esse lyrismo natural de vida campesina, ressentindo-se, porem, de muita incorrecção, que não traz demerito para os dons da inspiração.

Silverio, mudando-se para a capital do Estado, deu outra orientação ao seu estro e em 1897 publicou um livrinho «Chromos», parecendo-se muito com os «Chromos» de X. de Castro.

Fecharei estas notas sobre o obscuro poeta cearense, transcrevendo um do seus quadros, innegavelmente, curioso pela despreoccupação e naturalidade das tintas,

Na Egreja

Na torre repica o sino,
Sobem foguetes ao ar,
Ouve-se a orchestra tocar,
Entôa o padre o seu hymno...

A menina apaixonada
Colloca-se alli, n'um canto,
Deitando um olhar ao santo
E outro á rapazeada.

Uma velha ajoelhada,
N'um chale preto enrolada,
Com bentos e relicario...

Absorta, esquece o mundo,
E, n'um cochilo profundo,
Quebra o cordão do rosario.

Silverio é o typo do neurasthenico: taciturno, esquivo, idealisando umas paragens onde possa se libertar do mundo. Entre os companheiros da repartição onde tem um cargo humilde esse torturado dos nervos, corre uma phrase do poeta que bem o caracterisa:

« Só queria sahir do mundo sem morrer. »

Rodrigues de Carvalho

Auctor do «Coração», esboço de um poemeto elaborado em 15 dias. Quasi sempre os versos desse livri-

nho eram feitos ás pressas, para ter o auctor alguma cousa que ler nas sessões do «Centro Litterario».

Publicou depois seu livro de versos esparsos «Prismas», que lhe deu ingresso na Academia Cearense.

Empregado na arida profissão de guarda-livros, deve-se-lhe perdoar as incorrecções de tudo que publica, porque o seu espirito já devia estar completamente infecundo pelo excesso dos algarismos.

Adiante transcrevem-se duas de suas producções, que tiveram a bôa acceitação da parte de quem perdeu o seu tempo lendo o «Coração» e o «Prismas»:

O CORAÇÃO DE UMA MONJA

Eu sou o cysne branco, a doce eucharistia
Que guarda do Senhor a luminosa essencia...
Aurora, eu tenho a luz de um riso de Maria,
Embalo o meu viver n'uns threnos de innocencia.

Banhei-me ao pleno azul dos sonhos do cordeiro,
Contricta, desfolhando as illusões do amor...
São hoje meu cilicio os cravos do madeiro,
Meu noivo eternamente um anjo do Senhor.

. . . . . .

Um fluido de alleluia ergueu-se, leve e brando,
Sobre um nymbo de luz inebriante e doce!
Como a pomba de Deus, o coração, voando,
Subiu ao céu azul e em nuvens transformou-se.

(Do «Coração»)

OS SEIOS

Quando a seiva da carne perfumosa
Protubera-se em conchas offegantes,
Os seios da mulher são como errantes
Aves do céo, com bicos côr de rosa.

Pomos com fibras de setim, inconhos.
São quando a virgem na cerulea estancia,
Rompe o casulo lirial da infancia
Para ser Chloris de um pomar de sonhos.

Mas quando, oh numes da paixão, os mundos
Aos olhos frageis dos mortaes, desvendas
Cheios de amor, de sedacção fecundos...

Elles, qual fructo tentador das lendas,
São dous abysmos santamente fundos,
Dous assassinos no grilhão das rendas.

(Do «Prismas»)

Alvaro Martins

Poeta de coração, indisciplinado na vida practica, e com talento que dá para preencher, em parte, o cultivo mental de que se ressente.

Popularissimo no Ceará, o auctor dos «Pescadores da Tahyba» é, a meu ver, a vocação mais evidente de um poeta. Reputo-o entre os primeiros do Brazil pela expontaneidade e fino colorido de suas producções.

Ha uma sonoridade inimitavel nas suas estrophes, suaves, irisadas, como gottas de orvalho em petalas de rosa.

Os periodicos de Fortaleza, de 1890 para cá, encerram multiplas producções, todas naturaes, singelas e felizes, seja no genero lyrico ou humoristico. As «curvas e rectas» fizeram epocha em nosso meio litterario, pelo humor fino com que analysavam os homens e as coussa de uma certa phase.

Um pouco descuidado do seu cabedal litterario, o poeta apenas publicou um volume de versos, o poemeto «Pescadores da Tahyba», um livro emocionante, doce, ameno e triste, que, através de uma idéa sentimental, estampa o meio ambiente da acção.

São as mais lisongeiras as referencias da critica em geral sobre essa obra.

Os versos avulsos, publicados em gazetas e revistas, dão um bello volume; infelizmente o auctor despresa tudo, levado por um desequilibrio extravagante, que o impelle sempre a começar poemas e mais poemas, que morrem antes de contar mais do que a introducção, quasi sempre original e inspirada.

Alem da accentuada vocação no genero de lyrista, Alvaro Martins tem producções feitas como que ao influxo de uma suggestão nova, desusada, que arrasta a ideia em disparada, como a musa desbridada de Schiller ou Shakespeare. «O Sonho máu» pode vir enfeixada entre as obras de qualquer d'aquelles grandes genios.

Como prosador não tem firmeza de estylo; a ideia inunda os moldes restrictos da prosa; entretanto, o seu livro «America», em elaboração, encerra paginas brilhantissimas, capazes de figurar entre as mais perfeitas de eméritos amadores da eschola gongorica.

A «Ygara», «Incendio da Floresta», não invejam (permitta-se-me o arrojo) trechos de Chateaubriand.

E' um espirito boheimio e alheio a vaidades, dos mais inspirados dos poetas do norte, senão o mais inspirado.

Offereço versos seus para confirmação dos meus juizos.

Xiquita

Xiquita—a flor do logar—
Trigueira do sol do mar,
Tem uns olhos namorados,
Profundos, negros, magoados
Como as noites de luar.

Xiquita... que linda flor!
Xiquita... ai, amor!

Lembram as linhas serenas
Das suas formas suaves
O talhe das assucenas,
A estranha origem das aves;

E a sua bocca impolluta
Tem a frescura dos linhos,
Lembra o rubor de uma fructa
Picada dos passarinhos...

Garbosa, ao pé da viola
Nos festejos do logar,
Dansa, ao som das castanholas,
Bate palmas ao luar

E o mar ao vel-a se agita
Cheio de ancias, de amor...
E é tão mimosa e bonita,
Que luz, que graça infinita

Xiquita
Que linda flor!

Xiquita—a flor do logar—
Trigueira do sol do mar,
Tem uns olhos namorados,
Profundos, negros, magoados,
Como as noites de luar.

Xiquita... que linda flor!
Xiquita... ai, amor.

(Dos «Pescadores da Tahyba»)

Nada deixa a desejar na descripção da heroina de sua obra: naturalidade, sentimento, expressão, um que de amor livremente a nos revelar o calor dos tropicos no typo de Xiquita, eis sea grande merito. A seguada estrophe é uma das melhores do poesio brazileira:

«E a sua bocca impolluta
Tem a frescura dos linhos,
Lembra o frescor de uma fructa
Picada dos passarinhos.»

Como sonetista, Alvaro Martins é tambem muito inspirado. O melhor juizo que delle posso fazer é esta prolixidade a seu respeito neste resumido trabalho; e, entretanto, diz-me a consciencia que fui muito omisso.

Pedro Muniz

Era um rapaz talentoso e com muita vocação para *conteur* realista.

Guarda-livros, instruira-se como podera, exercendo cargo tão absorvente das nossas energias mentaes.

Versejava, e chegou a publicar um volume de poesias «Versos de Hontem».

Socio do «Centro Litterario», Pedro Muniz dava mais realce aos seus fóros de litterato, por occasião das sessões d'aquella Sociedade, sempre que lia os seus contos. Incontestavelmente era observador, analysta e tinha estylo. Notava-se nos seus trabalhos uma nota de inspiração ardente e licenciosa quando se occupava de certos detalhes.

O «Estupro» é uma novella publicada no «Iracema», que muito abona a vocação do auctor como um dos corypheus da escola de Bourget.

Os quadros são crús, a phrase correcta, e sobre o

arabesco da forma a ideia revela a concepção de quem perscruta os segredos d'alma humana.

E' um bello capitulo o seu prefacio aos «Pescadores da Tahyba».

O livro de poesia precitado é, justiça se faça, pobre de inspiração. Não encerra uma ideia original. A producção que destaca-se é o soneto «Maria».

Pedro Muniz morreu moço, aos 30 annos de edade mais ou menos.

A sua obra seria de merito mais reconhecido se elle tivesse cuidado, de preferencia, da elaboração de um livro de contos ou um romance.

Themistocles Machado

Da pleiade do «Centro Litterario» é astro de primeira grandeza.

E' um poeta, e, como chronista, distingue-se na imprensa.

Foi presidente daquella aggremiação, e não sem razão mereceu tal honra.

Burila sonetos com esmero.

Não tem a profusão de imaginação para scenas de funda meditação; o seu defeito é, como já disse em outro logar, o dos buriladores da phrase. Sempre que a emotividade do poeta preoccupa-se com a forma, a ideia é escassa.

Publicou o «Myrtos»—versos—prefaciado por Valentim Magalhães. Neste livro ha verdadeiras bellezas; as suas poesias «Escarneo da mumia» e «Flor de sangue» podem figurar entre as melhores de nossa litteratura.

A Themistocles Machado falta, como a quasi todo o estreiante de talento, a illustração. O espirito do talen-

toso é como o diamante, brilha naturalmente, e é rigido ao aperfeiçoamento do lapidario.

Frota Pessoa

Durante o tempo que passou na Fortaleza, até 1896, foi um poderoso elemento para a bôa reputação grangeada pelo «Centro Litterario».

Ardente, irrequieto, mas pautando os seus actos com uma moderação activa, Frota Pessôa tem logar saliente entre os que melhor nome tiverem no nosso meio.

Maneja bem a lingua vernacula, e tem reconhecida vocação para o conto. Trabalhos seus dessa natureza teem merecido logar de honra em concursos realisados no meio litterario Fluminense. «A noite do enforcado» obteve o segundo premio em um certame da «Gazeta de Noticias».

O seu livro de versos «Psalmos», quasi todo de sonetos feitos no Ceará, foi publicado no Rio, e o exito foi muito lisongeiro ao renome do auctor.

Presentemente vive immiscuido na vida da imprensa d'aquella grande Capital.

Vianna de Carvalho

Bello talente, e grande desequilibrado.

Devotado ao «Centro Litterario» entre os mais devotados de seus companheiros de gremio.

Escreve com verdadeira profusão de estylo, dando contornos á phrase como os cinzeladores gregos ao marmore.

O palavra, a serviço de sua exquisita imaginação de artista, tem vibrações sonoras e ao mesmo tempo asperas, como o som de vasos de crystal que se chocam.

Idealista, as suas producções litterarias são phantazias sonhadas n'uma planura intangivel de poeta, que ambiciona habitar um mundo ignoto.

O seu primeiro livro «Facetas» é um album de sonhos loucos e devaneios tristes.

A. Papi Junior

E' o romancista do norte.

Insubmisso ás *cotteries*, desligado das convenções, a cujo attrito vivem e crescem reputações de verdadeiras nullidades, o auctor do «Simas» é um escriptor original.

Tem um estylo vibrante e accidentado, descobrindo em cada phrase a individualidade psychica do auctor. Assigne ou deixe de assignar os seus artigos, estes destacam-se á primeira vista, fóra do alambicado commum dos escriptores mediocres; porque os nervos doentios de Papi Junior, que é um intellectual, photographam-se em cada palavra. Vae nisto o merito de um escriptor: Ser original.

Tem uma vocação reconhecida para o conto, obras theatraes e o romance. Neste ramo acaba de conquistar a palma como o romancista do norte, publicando «O Simas», romance em que, apar das correcções da linguagem, perpetua-se todo o scenario da actualidade cearense. E' um livro de costumes, feito por uma alma de artista, onde o estudo da alma humana teve o mais sincero e perfeito dos analystas.

O entrecho do livro gyra nesta orbita: effeitos da emigração para a Amazonia; uzos e costumes em conse-

quencia dessas relações; o meio cearense em suas diversas modalidades.

O presente quasi sempre nega o premio das grandes obras d'arte; as rivalidades, a inveja, os typos que o artista estudou, a superioridade adquerida por este sobre a turba ignara, tudo determina certa frieza, indifferença, e ás vezes até guerra para com quem gastou o melhor de sua actividade mental com um trabalho que só passa a ser comprehendido e recompensado n'um futuro remoto.

A obra de Papi Junior está neste caso.

Como um preito aos socios do «Centro Litterario», que mais se distinguiram apar dos já enumerados, não posso deixar de consignar estas linhas finaes, succintas por que não posso abusar do espaço que me cabe na presente «Revista».

A distincção deste para o capitulo antecedente não tem outra razão de ser senão pôr em ordem o nome d'aquelles que não publicaram os seus trabalhos em volume.

Talento e valor litterario reconheço tanto nestes como n'aquelles; e, seria trahir a verdade de chronista esquecer esses combatentes da ideia tão dignos quanto os mais dignos.

O Dr. José Lino da Justa, belletrista de eleição, prima pela doçura de seus artigos, quasi sempre sobre assumptos geraes. Foi o ultimo presidente do «Centro Litterario».

Os irmãos Carneiros --Joaquim Carneiro e Francisco Carneiro—habilissimos *conteurs*.

Soares Bulcão, um novel, com muito talento, transfundindo para contos assumptos da vida popular do Ceará.

Bomfim Sobrinho, poeta inclinado á musa da tristeza.

Julio Olympio, sonetista digno de aproveitar o seu avantajado estro. O seu «Caim» póde figurar em qualquer escrinio de joalheiro da rima.

Annibal Theophilo, chinez dos caprichos da rima, como sonetista.

Marcolino Fagundes, conteur humorista, e talento critico.

Alves Lima, poeta.

Luiz Agassis, poeta inspirado e muito mavioso.

Octacilio de Oliveira, como Annibal Theophilo, esmerado pela forma nos seus versos.

Fiuza de Pontes, uma criança, chrysalida onde existe um coração de poeta.

Eutychio Galvão, poeta.

Antonio Ivo, um dos bons poetas do Ceará, obscuro pela sua modestia. O soneto «Ciumes do Sol», de sua producção, honra ao nome mais laureado.

Escreve prosa com muita correcção e sentimento.

Henrique Vogeler, sonetista, adorador da forma.

João Lopes Ribeiro, sonetista.

Quintino Cunha, genio de Bocage transmigrado para um cerebro que não tem accommodações. E' o mais humorista dos poetas cearenses, e como lyrico tem verdadeiras bellezas.

Seria um nome gloriosamente reputado se não tivesse no cranco talento de mais, a desarmazenar-se.

Repentista, alma da troça e da satyra... a Quintino Cunha só falta o meio de domar a impetuosidade das correntes de sua intelligencia.

Publicou um livro de contos «Differentes» (com incorrecções), e tem um de poesias «Versos de Cores».

Alfredo Severo, um auspicioso talento de 18 annos. Burilador da phrase, cultor desse genero de contos e phantazias traçados sobre um fundo vaporosamente bucolico, genero vantajosamente explorado por Coelho Netto nas «Balladilhas».

*
* *

Conclusão

– Depois de ter fallado do «Centro Litterario», pouco restará para que estas notas sejam completas.

Sem fazer porte deste ou d'aquelle grupo, adquiriram certa nomeada:

José Olympio e Joaquim Olympio, poetas, que se mais brilhantes não foram, devem-o á penumbra a que se recolheram voluntariamente.

Uma escriptora tambem não posso esquecer: D. Francisca Clotilde, poetisa e contista. Publicou um volume de contos em 1897.

Outros livros foram tambem editados se bem que fóra da influencia litteraria da occasião: *Promptuario Commercial e Civil* de Luiz de França, ex-inspector da Alfandega do Ceará; *Hygiene da Bocca* e *Minhas Viagens* de Aderson Ferro; *Conselho Militar* do Tenente Castello Branco.

Faço menção disto para constar.

Dou tambem alguns nomes de jornalistas e cultores de bellas-lettras, que de alguma sorte influiram para a vida litteraria do periodo comprehendido nesta resenha:

José Martins, Tiburcio Rodrigues, Tiburcio de Oliveira (vocação para a imprensa politica), Dr. João Othon, Graccho Cardoso (uma promissora intelligencia), Dr. Alvaro de Souza Mendes, Dr. Martinho Rodrigues (poeta e jornalista), Antonio Martins, Tiburcio de Freitas (litterato de valor), Roberto de Alencar, Francisco Augusto de Mattos, Virgilio Brigido, Dr. Antonio Augusto de Vasconcellos, redactor da «Galeria Cearense», João Barreto e Francisco Barreto, Telles de Souza, Enrico Facó e Gervasio Nogueira.

A vida jornalistica não póde ser aqui estudada; em todo o caso registrarei a imprensa litteraria: «Revista Moderna», Adolpho Caminha, 1891; «Domingo»; «A Quinzena»; «A Avenida»; «O Ceará Illustrado»; «O Pão»; «O Iracema»; «O Reporter (Arthur Theophilo); «A Rua» (Alfredo Severo); «A Jandaia» (ensaio bem esperançoso(

de Octavio Cunha Mendes e Gervasio Nogueira, e a «Penna», bôa revista, de Graccho Cardoso, Mattos Guerra e Marcolino Fagundes.

«A Galeria Cearense», já referida, era bem redigida, e occupava-se na primeira pagina de biographar um cearense illustre.

Em honra ao trabalho de seus redactores, faço menção dos tres almanaks publicados no Ceará: o do Coronel João Camara, precioso pelas informações completas que encerra, o de Jovelino de Souza e o almanak Municipal de Baturité.

Tenho concluido. Os senões destas notas, publicadas com o unico intuito de servir de informação ao historiador futuro, desapparecem com a utilidade da publicação, e qualquer merito que d'ahi resulte não me orgulhará tanto como a convicção sincera de que presto um serviço ao glorioso Ceará.

RODRIGUES DE CARVALHO

Fortaleza — Agosto — 1899.

REVISTA

DA

ACADEMIA CEARENSE

Publicada sob a direcção dos Drs. Pedro de Queiroz, Henrique Théberge e Barão de Studart.

Forti nihil difficile

DIVISA DE BEACONSFIELD.

TOMO V

1900

ASSIGNATURA ANNUAL. . . . . 6$000

FORTALEZA

TYP.—STUDART—Rua Formosa, n.° 46.

1900

SUBSIDIO

PARA

A Historia do Norte litterario

Era intenção minha enfeixar todo o subsidio sobre o Ceará litterario no meu primeiro trabalho, inserto na «Revista da Academia Cearense» de 1899; aconteceu, porém, por occasião de uma palestra litteraria do «Centro», vir á tona da conversação o nome de um mallogrado poeta cearense, grande pelo talento e mais celebrado pela sua desventura.

Muitos dos circumstantes, rapazes de 18 annos, confessaram ignorancia absoluta sobre a existencia daquelle fadado o malfadado filho desta terra, tal o esquecimento a que estava entregue um nome digno de figurar na historia de ouro de nossos litteratos. Um brado de revolta surda e ao mesmo tempo um sentimento de compaixão fraternal dominaram-me o espirito, e desse estado d'alma nasceu a ideia de fazer um additamento ao trabalho referido.

Joaquim de Souza, cognominado por desdem e apreço, o *bardo da canalha*, é o vulto infeliz e glorioso que inspirou-me estas paginas.

Eis a sua historia, como me foi possivel colher da indifferença geral que o vulgo dispensa aos desequilibrados do talento.

JOAQUIM DE SOUSA

Foi um grande infeliz, isto é, um verdadeiro poéta!

Há pouco mais de vinte annos enriquecia as lettras cearenses o estro do desditoso poéta Joaquim de Sousa, cujo termo a existencia foi o mais tragico e desgraçado. E prestando essa humilde homenagem, cumprimos um dever de honra, ou antes, concorremos com uma pequena parcella para o resgate da divida, em que tem estado o Ceará, votando ao esquecimento até agora um dos seus caros e prestimosos filhos.

Não temos os dados precisos para uma biographia, a despeito de todas as nossas pesquizas; enfeixaremos, porém, nestas paginas tudo quanto conseguimos a respeito do grande infortunado de que nos occupamos.

Será o merito destas linhas a bôa intenção com que são lançadas.

*
* *

Joaquim de Sousa era filho do capitão Francisco José de Sousa (*), vulgo Pinta-Femea, e de D.ª Maria Madaglena de Sousa. Homem de pouco cultivo intellectual e que, vindo do Aracaty, dedicava-se nesta cidade ao commercio de gados, o pai do Joaquim de Sousa não primava pelos dotes do espirito.

Nascera Joaquim nesta capital, á rua Senador Pompeu, talvez em 1854 (não foi possivel descobrirmos a epocha de seu nascimento), e teve por padrinho o Sr. Barão de Ibiapaba.

Frequentou escholas de primeiras lettras, revelando sempre grande intelligencia e reconhecida vocação para a poesia como os seus dous irmãos José Galliano, poeta

(*) Segundo informação de um illustre cavalheiro de nossa sociedade, que foi collega de escola do poeta.

popular e Manoel, moço que recebera educação mais perfeita, pelo que exercia com muita vantagem as funcções de guarda-livros.

Cedo perdera pai e mãi; e, obedecendo a uma tendencia toda especial de desequilibrado, inclinara-se ao vicio do alcool, em que buscava affogar as fundas tristezas que de dia a dia lhe assoberbavão a alma.

«Não foi meu coração que desvairou-se
No deserto, perdido perigrino—
Foi a sina fatal que consummou-se
Eu nasci já maldicto do destino. »

Escrevia elle esse fundo desalento do Rio de Janeiro, photographando nesta simples quadra todo fel de sua existencia.

Dotado de todos os requisitos de verdadeiro poéta, Joaquim de Souza era, porém, ignorante.

Eis o que a seu respeito escreveu o pranteado Antonio Martins, na «Constituição» de 8 de outubro de 1876: «... não era um poéta vulgar, nem mestre na arte—um cantor inspirado e terno, melodioso e ardente—como as patativas dos nossos bosques ou o sabiá das nossas varzeas». Era appellidado por *Byron da Canalha*, synthese de seu grande talento e do desregramento em que vivia. Improvisador a queima roupa, tinha a inspiração sempre prompta para quem desejava se apparelhar de bons versos para anniversarios, felicitações etc. Como epigrammatista era terrivel; referiram-nos que nas lides, pouco abonaveis, da politica aldeiã, quando se pretendia ridicularisar qualquer figurão, quasi sempre desconhecido do poeta, pintava-se-lhe o typo, emprestava-se-lhe algumas taxas, e a satyra era immediata, com felicidade genial; convindo observar que só conseguiam isto delle quando o infeliz Byron cearense estava entregue aos vaporosos momentos do desgraçado Baccho.

Levava a vida de bohemio e verdadeiro ratão e tinha invariavelmente as algibeiras furadas; e nunca deu em volume as suas varias producções.

Herdara, depois da morte de seu pai, uns seiscentos mil réis, e foi rico um instante. Comprou *fatiola* com que retratou-se; deu esmolas de 20 mil réis; fez *comes e bebes* uma semana; não deixou visinho pobre; tendo com os ultimos recursos comprado passagem para o Rio de Janeiro. Dizia sempre que quando lhe restasse apenas *um vintem* suicidar-se-ia. E cumpriu o seu agourento protesto.

Embarcou para a Côrte a 30 de Abril de 1876 no vapor «Ceará» (o mesmo que trouve a noticia de sua morte, como diz Antonio Martins no citado artigo), e arrastou pela grande Capital uma vida infeliz de nostalgias pungentissimas e desalentos profundos.

Eis as suas impressões n'aquelle grande centro, referidas em carta: «Eu vou indo por aqui pouco mais ou menos como o condemnado que leva a cruz ao Calvario.

Como se poderá ser feliz quando não nos affaga mais a esperança !. . .»

Era portanto um estado d'alma convencidamente entregue a idéa da morte, da aniquilação.

O tedio, a descrença e o desequilibrio envenenaram'o desde os seus primeiros dias.

«Amanhã ! amanhã ! triste mysterio,
—Concha fria que encerra o meu futuro !

. . . . . .

Sempre assim.

Aquella compleição doentia de mestiço impressionavel, vibratil, entediada, tocava ao apice do desconforto:

. . . . . .

E sombrio retomo a negra estrada :
Adeus raio do ceu, eu volto ao nada »

Reduzira-se ao infeliz estado de possuir apenas *vinte réis*, como desgraçadamente previra.

Era a 7 de Setembro de 1876, o desditoso moço

achou solemnemente grande aquelle dia nos annaes das nossas festas de gloria; e entendeu que o seu intimo infortunio de poeta devia merecer um termo em data tão memoravel.

O espirito pedia independencia do fardo da materia.

E' de prever o estranho, o surdo e impenetravel estado a que reduzira-se todo o conjuncto de víbração physicas de Joaquim de Sousa, depois de concebida a idéa unica e decisiva de pôr termo á existencia naquelle dia, lançando-se ao mar.

Tornara-se creança, fizera uma viagem ao passado, embalado pelo bafejo das reminiscencias doces; voltou á sua aldeia; conversou com suas irmans; sentiu um beijo materno; vio o cortejo de amigos; correu toda a via dolorosa de sua existencia, com o inefavel prazer de quem volta ao lar paterno depois de longa e infeliz auzencia; e todo esse retrospecto de dor e saudade elle synthetisou no seu canto do cysne: «Versos a minha irmã», feitos para servirem de espolio, juntamente com o derradeiro vintem encontrado no seu bolço.

Lançara-se ao cahir da noute, de uma noute estrellada de Setembro, á bahia de Guanabara.

A sua historia o seu espolio, o seu epitaphio e a sua gloria é aquella poesia que conseguimos transcrever como chave de ouro d'este modesto trabalho.

Medite o leitor sobre cada verso, cada palavra, e poderá julgar dos peregrinos dons que faziam a entidade de Joaquim de Sousa.

VERSOS Á MINHA IRMÃ

Oh! mar oh! solidão eu te saudo:
No deserto soberbo em que tu rolas
Passa a aza subtil da garça branca
Como tenue vapor que se esvaece;
Mas o verme brutal não vae rasteiro
Sobre o leito da dor dormir impuro.
Alta noite na tolda do navio,

Com os olhos fitos nos celestes lumes,
Ora plenos de luz, ou desmaiados,
Luzes de festa ou cyrios de sepulchro,
Eu lembrei-me de ti, oh! minha terra,
E foi teu meu suspiro amargurado!
Feliz quem sob o lar de sua infancia
Dormio sempre em risonha placidez,
Quem nunca vio no céo estrellas negras,
Os demonios da dor lançando o crepe
Sobre santos recessos de sua alma...
Feliz de quem dormio somno tranquillo.
Junto a casta familia, e o desvario
Nunca arrojou-o ao pelago das aguas!
Adeus, oh! minha irmã, oh! meus amores!
Nunca mais unirei os teus cabellos
Ao meu seio febril e palpitante;
Adeus e nunca mais passo esta sombra,
Que tanto te adorou, por teus sonhares;
Morra o meu nome qual a espuma branca
Que resvala subtil no mar em calma!

Não pode deixar de ser um verdadeiro genio e o maior dos espiritos quem na hora suprema da morte allia estes dous sentimentos: o amor fraternal ao amor da patria!

« . . . . . .

Eu lembrei-me de ti, oh minha terra,
E foi teu meu canto amargurado. »

E depois, como o lamento de quem arranca o proprio coração:

« Adeus oh! minha irmã...

. . . . . »

Já que abri a excepção, aproveito a opportunidade para consignar referencias a que fazem jus dous poetas cearenses: Bomfim Sobrinho e Bruno Barbosa, aquelle por que acaba de fechar as paginas da vida, e este por iniciar agora a leitura do luminoso livro com que as Musas fadaram-n'o ainda no berço infantil.

Bomfim Sobrinho

« Poeta inclinado á musa da tristeza », com estas laconicas palavras caracterisei em meu trabalho, já alludido, o estro de Bomfim Sobrinho; longe estava, porém de pensar que tão cedo o meu juizo se convertesse em seguro vaticinio.

Quem privasse com aquelle pobre moço, analysando-lhe apenas as manifestações da vida exterior; quem não podesse attingir ao gráo de tortura a que vivia entregue aquelle espirito somnambulo pela mansão terrena; quem não lhe estudasse a natural indifferença por tudo; quem não soubesse, emfim, através de certos caprichos da natureza, não comprehendidos pelo vulgo, estudar na physionomia, nos actos, na indolencia e no mutismo, o conjuncto de circumstancias que faziam n'aquelle envolucro fragilimo um intellectual: não deixaria de, como quasi o Ceará em pezo, julgar o desditoso Bomfim um descocado commum.

Ninguem, senão os que comprehendiam-n'o de perto, aquilataram em vida os dotes moraes e intellectuaes d'aquella simples creatura de Deus; ninguem, como elle, bebeu de sua propria terra, de cujo amor nas horas de resentimento fallava com lagrimas nos olhos, o fel acredoce de não ser comprehendido.

Com instrucção rudimentar, sem prestigio social, desprovido de recursos pecuniarios, elle, o pobre Bomfim, foi servir na imprensa politica, sem outro fim que o natural devotamento pelas lettras.

E que odiosidade partidaria podia sentir ou inspi-

rar, quem como elle, enchergava tudo isto através do prisma negro do desdem?

Mas, o que é facto, é que os projectis da lucta feriram-no de preferencia, talvez pela casualidade caprichosa do combate.

Bomfim foi mal visto, não pelas sumidades da politica dominante, mas por alguem que pretendeu agradar a estas, praticando violencia aos desafectos.

Revolta dizer-se que nas vesperas de sua retirada para o Pará, o infeliz, o inoffensivo cultor de nossas lettras, sem motivo de qualquer especie, ia arrastado por quatro praças de policia para o posto policial!!

Chorar foi a sua manifestação de resistencia!

Dias depois, um mez, si tanto, rendia-se á grande lei do aniquilamento indo reduzir-se não á argilla da patria, mas á poeira de uma terra estranha, embora generosamente hospitaleira.

Mas. . que o esquecimento caia sobre tamanha injustiça.

Bomfim era poeta verdadeiramente dos goivos e das casuarinas.

Em tudo a gaze rouxa da tristeza insinuava-se, como n'uma eterna quaresma de fundos desalentos.

Os seus versos esparsos vão sahir brevemente com o titulo de «Goivos e Rozas», titulo escolhido pelo auctor quando teve occasião de manifestar desejos de publicar a sua obra.

A seguinte producção, «Noivado funebre», é a copia fiel da estranha e original emotividade do poeta. Amando loucamente a alguem, que talvez não saiba dar o minimo valor á paixão d'aquelle viver de mudo allucinado, Bomfim antevia a região ignota a que se transportaria em breve, e nesse estado, entre os impetos vibrantes do amor e a duvida atrophiante, elle, cantava o seu noivado, não entre flores de langeiras e a neve filigranada do véu que resguarda as ondas de pejo da noiva adorada, mas no fundo de uma cova, sobre a qual o seu amor rebentaria em flores.

Que bella concepção de um espirito infeliz!

NOIVADO FUNEBRE

Negra tristeza o meu semblante encova,
Oh noiva minha, oh lirio meu fanado!...
Por que não vamos na nudez da cova
Em cirios celebrar nosso noivado?

Nos sete palmos desse leito amado,
Ao frio bom de uma volupia nova,
Embalará o nosso amor gelado
O coveiro a cantar maguada trova.

E os nossos corpos, gelidos, inermes,
Em demorados e famintos beijos,
Serão depois roidos pelos vermes;

E do leito final que nos encerra
Em plantas brotarão nossos desejos,
E nosso amor em flores sobre a terra.

*
* *

Bruno Barboza

O facto de surgir mais um poeta no Ceará não mereceria a importancia de convidar o leitor a perder tempo com a leitura do que se escrevesse a respeito.

São tantos os poetas!

Mas Bruno Barbosa é digno de menção especial pela sua rara precocidade intellectual.

Póde contar apenas 17 annos, e o seu talento revela-se com tal pujança, que, se levar uma proporção crescente até a maturidade do espirito, será um verdadeiro assombro.

Publicou um livrinho de estréa «Utopias», onde encontram-se promissoras revelações poeticas; prefaciando-o ,eu escrevi: «Não me alongarei mais ao traçar

estas linhas, dictadas pelo intuito de incentivar um moço de talento; occorre-me ao pensamento a lenda sublime dos antigos adoradores de Isis, que sobre a flôr do lotus corram a fazer as suppllicas de suas multiplas aspirações

Que estas paginas tenham toda a virtude da sagrada flôr do lotus.»

De facto, os meus votos vão se tornando em realidade; admiro satisfeito o evoluir constante da intellectualidade do poeta infantil, e o documento mais palpitante é a seguinte producção:

HUMILHAÇÃO

A's vezes na soidão das noites silenciosas
Ouvindo o soluçar monotono do vento,
Ergo o olhar agitado ás nuvens alterosas
Dos astros a brilhar no alto firmamento.

Arrastam-me, a subir, as crenças mysteriosas
Que incuto a solidão na aza do Pensamento,
E atravesso ligoiro immensas nebulosas
Milhões e mais milhões de mundos n'um momento.

Quando volto de andar por tantos infinitos,
E vejo a sordidez dos homens cá na terra
Erguendo para o céo seus lamentosos gritos;

De meu sonho febril sinto enorme saudade:
—E' que a tua grandeza, Universo, me aterra,
E a tua pequenez me humilha, Humanidade.

O RIO GRANDE DO NORTE LITTERARIO

Por mais que eu me empenhasse em procurar elementos, informes, noticias detalhadas sobre a vida litteraria dos Estados do Norte, não consegui senão dados lacunosos; e de alguns Estados, como Alagôas, Piauhy, Maranhão e Amazonas, nada pude obter.

Em todo o caso, fique consignado o meu esforço, alicerce diminuto á obra grandiosa que ainda póde inspirar a historia litteraria do Norte.

Quando uma indifferença glacial predomina quasi que geralmente, é consoladora a impressão que nos causa a agitação litteraria que de 1889 para cá vai se manifestando no visinho Estado do Rio Grande do Norte.

Dadas as relatividades, depois do Ceará, tem a palma aquella humilde patria potyguar.

Occupemo-nos, portanto de preferencia do nosso operoso visinho.

Para que se possa entrar, á luz de uma orientação segura, no dominio da crititica litteraria, é mister recorrermos á fonte de que dimana o objecto da critica: o o meio, as condições ethnicas, os phenomenos peculiares á vida social, são as fontes geradoras de uma litteratura. Assim, portanto, não fará critica litteraria, quem de alguma forma não conheça as fontes, ou circumtancias concomittantes.

A estreiteza do espaço de que disponho nesta «Revista» não permitte senão mero registo de informações; todavia, sobre o Rio Grande do Norte abrirei ligeira excepção.

Não tem um passado que fecunde poemas, nem de sua historia chegam vozes de grandes martyrios ou de arrojados heroismos.

O elemento indigena nas tradicionaes luctas dos aborigenes; o africano, nostalgico e soffredor nos canaviaes do *Ceará-Mirim* e *Cunhaú;* o reflexo das agitações po-

liticas de Pernambuco; 1817 despertando os primeiros estimulos de emancipação (André de Albuquerque e Frei Miguelinho); a Abolição dos escravos; e a proclamação da Republica; eis ligeira synthese da historia norte-rio grandense.

As seccas, a vida do sertão, as praias de alvissimas dunas, as lagôas, completam as condições do meio ambiente.

Durante o periodo da monarchia nada occorreu, litterariamente fallando, que possa merecer investigação.

E, comquanto, a Republica não se escoimasse de todos os vicios, força é confessar, deve-se á sua influencia no visinho Estado o progredimento intellectual que se observa.

Sem intuitos de lisonja expontanea ou gratuita, o Dr. Pedro Velho, incutindo a democracia desde a phase de propaganda até agora, teve a rara virtude de reunir um certo nucleo de intellectuaes, estimulando-os. Desse primeiro factor geraram-se novos factores.

Eloy de Sousa, H. Castriciano, Manoel Dantas, Pedro Avelino, Antonio de Sousa, os trez irmãos Wanderleys, Francisco Palma, José Pinto, Antonio Marinho, e tantos e tantos outros, não podem esconder a influencia do illustre republicano, que, galgando a direcção suprema dos negocios politicos de sua terra, teve largueza de espirito para saber aproveitar os talentos superiores.

Nem sempre se encontram desses bemfeitores; isto não quer dizer que, sem a influencia do prestimoso homem publico, se estiolassem os bellos talentos citados; mas o incentivo, o exemplo, o esforço por prestigial-os, aproveitando aptidões, são incontestaveis requesitos influenciadores da vida litteraria que tanto lustre vai dando áquella terra.

O nortista, expansivo por todas condições de raça e do meio, tem no Rio Grande a sua intensidade caracteristica.

Entregue ás folias, aos arlores da politicagem, ou offerecendo com denodo o peito ás balas, como os sol-

dados do 34 batalhão em Canudos, sob qualquer ponto de vista é o rio grandense do norte impetuoso e vivaz.

Acompanhemos esse generoso povo nas diversas manifestações de sua actividade: no litoral, vel-o-hemos na jangadinha intrepida, desenvolvendo a sua rica industria da pescaria. Por aquellas praias de morros alterosos, habita na solidão feliz dos ignorados; lá, encontral-o-hemos nos dias de descanço, sob as *caiçaras* sombrejantes, de viola ao peito, cantando lendas ou narrações da vida do mar.

Quem escreve estas linhas presenciou, por mais de uma vez, dessas scenas de vida simples pelas praias do visinho Estado.

No sertão, é o vaqueiro intrepido que dá caça á onça usando apenas da faca de Pasmado.

E por toda a parte, a mesma expansibilidade, musicos, tocadores de violão, os cantores populares João Birro do Japy, os mestiços Pedro Regio, Ventania, Elisiario, Elesbão, os ex-escravos Thiago, José Romeiro, Maria *Trabana*, Lourival, Barbosa e Assucena, etc.

Agora (de 1889 para cá) é esse mesmo povo que se manifesta lisongeiramente em tentamens litterarios.

Filhos illustres já os tinha desde muito, fora da patria natal: José Leão, Amaro Cavalcanti, Tobias Monteiro, Amaro Barreto (musico de genio), Almino Affonso (de saudosa memoria), Nizia Floresta (escriptora de 1812), Joaquim Fagundes e José Theophilo (poetas e dramaturgos. (*)

Occupemo-nos, porém, da phase que passa, d'essa effervescencia, nuncia de alguma cousa melhor ainda.

Além dos jornaes de pequenos formatos, frequentes ephemeros, como as flores do campo, as aggremiações litterias e theatraes medram por toda a parte.

Em Natal: *Gremio Polymathico* (de pessoal selecto em posição social), *Congresso Litterario*, *Le Monde Mar-*

(*) Algumas destes nomes são extrahidos da «Conferencia do Sr. Antonio Marinho —1899».

che e *Academia Litteraria Norte rio-grandense*, *Gremio Castro Alves*.

Em Macahyba: *Gremio Tobias Barreto* e *Pantheon Dramatico*.

No Açú: *Progresso e luz*.

Na cidade do Martins: *O instituto litterario 12 de Outubro*.

Na villa do Patú: *Sociedade Litteraria 7 de Setembro*.

Em Mossoró: *Club Dramatico Familiar*.

Ha ainda clubs dramaticos na Penha, S. José de Mipibú, Caraúbas e Caicó.

O *Gremio Polymathico* mantem uma bôa revista, um tanto inclinada a meditação e a assumptos menos passageiros.

Nella destacam-se artigos juridicos do jurisconsulta parahybano Meira e Sá, poesias de H. Castriciano, Auta de Sousa, e artigos de Alberto Maranhão (subsidio historicos), de Antonio de Sousa, Manoel Dantas, Pedro Avelino e outros.

O *Congresso Litterario* mantem a «Tribuna», revista da mocidade.

O *Le Monde Marche* publica o «Oasis» ha cinco annos.

A *Academia Litteraria* edita a «Miscellanea».

O *Progresso e luz* o «Livro», periodico. [*]

Não é pequena a colheita de bons tentamens.

Passemos a individualisar os intellectuaes de certo merecimento.

Dr. Manoel Segundo Wanderley

Um dos poetas mais expontaneos de seu meio, ainda aureolado pela fama adquirida nos tempos academicos

Pode ser chamado o poeta das massas, pelo arrouho de imaginação, calor de expressão e relevo de ideias.

(*) Alguns destes esclarecimentos foram igualmente ministrados pela alludida «Conferencia» Marinho.

E' um perfeito condoreiro deslocado entre os que buscam acompanhar a evolução das lettras.

Escreve pelos impulsos de uma concepção litteraria toda á sua vontade: em poesia segue Castro Alves, e em prosa adora o gongorismo.

Como dramaturgo, elle não cogita se o theatro actual pede o estudo da alma humana, para corrigir a sociedade.

Escreve para emocionar, traçando com meditada intenção os lances mais patheticos do que se chama *dramalhão*.

Tem publicado: *Estrellas Cadentes*, *Miragens e Prismas*, *Trez Datas* (a proposito dos tres factos capitaes da historia patria: Independencia, Abolição e Republica), *Recollas Poéticas* -são todas obras poeticas.

Tem escripto para o theatro: *A Louca da Montanha*, *Alberto ou a Gloria do Artista*, *O riso da dôr*, *Portuquezes e brazileiros* e *Amor e Ciume*, (dramas).

Segundo Wanderley por vezes tem tentado se adaptar ás modernas escolas da poesia; e, talento assimilador, não occuparia logar mediocre, si em vez de tentativas, se dedicasse com preoccupação.

Transcrevo um soneto seu produzido nesta phase de tardia transição.

SEIOS

Brancos, de arminho, timidos, olentes,
Os seios da mulher, flocos de brumas,
Tinham da côr marmorea das espumas,
E a candidez das cousas innocentes.

Mas um dia da rigida mamilla,
Incidindo na polpa alabastrina,
Dous pedaços de aurora purpurina
Mancham de nacar a nevada argilla.

Logo ao rubro matiz que as pomas veste,
Corre a seiva mais quente e perfumosa
Dos desejos acorda o bando agreste...

E quando Deus, n'uma manhã formosa.
Foi visitar o seu jardim celeste,
Viu que faltavam dois botões de rosa.

*
* *

H. Castriciano

Este é um poeta do Brasil.

Muita imaginação, espontaneidade e adaptação perfeita aos novos moldes das cousas litterarias.

Quasi nada poderei adiantar ao que escrevi no prefacio das «Ruinas» e que foi incluido na «Revista da Academia Cearense», de 1898.

Castriciano, além de poeta de grande merito, maneja bem a penna como *contista*, romancista e dramaturgo.

Acaba de escrever o seu drama de estréa *O Engeitado*, levado com escandalo no theatro de Natal.

O meio não podia dar applausos a uma obra de actualidade, vasada nos moldes modernissimos da analyse social.

O criterio para o julgamento do moderno romance, como das peças theatraes, que não sejam o burlesco, não está hoje ao alcance de todos.

Corrigir o escandalo pelo proprio escandalo é um processo extravagante para quem tem o paladar artistico preparado para ante-gosar ainda *a punição do viuo a tiro de pistola* ou em lagrimas profusas *o perdão de um pai á filha que transrion-se*

O que me admira é Castriciano não ter sido lynchado no momento em que o «engeitado reconhece ter se amasiado com a propria mãi.»

O *Tisico* é o romance que o festejado litterato dará á estampa brevemente. Tem publicado trechos avulsos, que muito recommendam.

Depois do «Ruinas», H. Castriciano deu á luz da publicidade o seu poema «Mãi», que no contexto é a historia ingenua de uma criança, analysada de travessura em travessura, ao carinhoso affago domestico.

E' um livro de sentimento, e, como talvez—a mais sincera expressão de sua alma de artista doente, dessa nevrose, que é a alma a estorcer-se em emoções, a sentir,... a gozar...—a emoção vaga de uma dôr ou de um sonho que não tem explicação racional; Castriciano dedicou-o A' MEMORIA DE SUA MÃI com estas palavras arrancadas do coração:

«... e, desejando que estas pobres rimas fossem dignas de tua memoria, escrevi-as sobre as paginas da Biblia e sob as arvores mortas, á beira do oceano, longe dos homens, no regaço amigo da Natureza eterna...»

O *Mãi* é prefaciado por Olavo Bilac.

Destacarei do livro algumas dessas scintillações geniaes, já que não posso occupar maior espaço na «Revista».

«Porque será que a lagrima primeiro
Brilha nos olhos castos da criança,
Antes que o riso, mystico e fagueiro,
Venha tecer-lhe um ninho de esperança?»

E mais adiante tratando do baptismo da criança:

«Duvido muito que este velho rito
Seja a chimera da manhã radiosa,
Pois é sabido lá Azul benedicto,
Só com orvalho doce do infinito,
A Estrella d'Alva faz christã a rosa.»

Finda o poema n'um trecho de funda tristeza: *Branca*, a criança, precipita-se ao mar, e Bertha fica, allucinada, a vagar beirando o oceano.

«Gritos de dôr, espasmos de agonia
Preces desfeitas, beijos desvairados,
Tudo que chora, quando finda o dia,
Vae esconder-se na mortalha fria.
Que a noite cose para os desgraçados.»

Esta estrophe é a synthese da obra.

Castriciano tem tambem, a entrarem para o prelo:

«Suprema Dôr», drama em 1 acto; «Cinzas», versos; *Redempção de Satan* (poema social).

Não posso deixar de consignar aqui encomios á vocação de orador que se manifesta em Castriciano: o seu discurso sobre o «Centenario do descobrimento do Brasil» é digno de se colleccionar entre os melhores dos melhores oradores.

Eis o que despreoccupadamente se pode escrever sobre a individualidade já consummada, porém a tomar maiores proporções, desse modesto e incausavel propugnador das lettras patrias.

*
* *

Auta de Sousa

Manifestou-se poetisa, não ensaiando dedilhações indecisas, mas vibrando com segurança a sua lyra, que tem a forma de coração, encordoado de lagrimas.

O seu grande estro poetico, cuja fonte é a desillusão intima dos encantos da vida, appareceu, como estranho sol, no ponto culminante a que attingem depois da natural evolução os demais soes.

E' uma poetisa consagrada: tem inesgottavel inspiração, doçura, sentimento e senso plastico.

Auta de Sousa, irmã de dous espiritos de eleição, H. Castriciano e Eloy de Sousa, avantaja-se a estes. Creio na equidade do Genio Encantado que fadou a todos, na partilha da intelligencia; mas um mesmo poder intellectivo, tem vibração differente nesse recesso de crystal que se chama o coração da mulher.

O «Horto» é o seu livro de estréa, e será o seu glorioso canto de cysne. Olavo Bilac, prefaciando-o, não o

sahiu de um estreito circulo convencional, deixando sem analyse aquelle escrinio vivo de sonhos murchos e illusões myrradas.

O Brazil, que elevára á banqueta do altar o nome de Francisca Julia, com a publicação do «Marmores», tem o dever inadiavel de erigir, em forma de sacrario, um templo especial para a modesta poetisa norte-rio-grandense.

A ella devemos todos o orgulho nobilitante de termos uma verdadeira eleita das musas.

«Lagrimas» é uma producção singela que só por si firma todo o meu juizo.

LAGRIMAS

(*A meu irmão João Cancio de Souza*)

Eu não sei o que tenho... Essa tristeza,
Que um sorriso de amor nem mesmo aclara,
Parece vir de alguma fonte amara
Ou de um rio de dor na correnteza.

Minh'alma triste n'agonia presa,
Não comprehende esta ventura clara,
Esta harmonia maviosa e rara
Que ouve cantar além pela devesa.

Eu não sei o que tenho... Esse martyrio,
Essa saudade roxa como um lyrio,
Pranto sem fim que dos meus olhos corre...

Deve ser o suspiro doloroso,
O estertor prolongado e angustioso
Do ultimo adeus de um coração que morre.

*
* *

Francisco Palma

Publicou um livro de versos, «Santelmos», em que su'alma de expontaneo sonhador vaga embalada como a nymphéa sobre o espelho do lago.

E' dotado de inspiração e verseja com facilidade; incorrendo aqui e alli em descuidos.

Palma deixa transparecer através de todas as suas concepções uma sombra de soi-posto, denunciando essa nativa descrença propria dos espiritos inimigos das convenções e exigencias sociaes.

Eis um soneto seu:

MEU SEGREDO

Ninguem pergunte mais porque motivo
O meu sorriso é tremulo e forçado,
Ninguem pergunte mesmo porque vivo
Dentro do mundo e delle separado.

Ninguem pergunte ao louco desprezado
Da dor secreta, ao misero captivo
Do soffrimento intimo e calado,
Que dôr é essa assim sem lenitivo.

Ninguem pergunte nada' que eu não digo,
Este eterno segredo é meu castigo,
Castigo atroz que mata-me sem pena.

Sabem d'elle somente, neste mundo,
O coração do céu, grande e profundo,
E a noite amiga esplendida e serena.

* * *

Além dos litteratos mencionados, ha no meio rio-grandense outros nomes festejados no dominio das letttras; e se não consagro uma referencia especial a cada um, é porque tem sido proposito meu fazer essa distinc-

ção somente aos que teem arrostado a critica implacavel, dando á publicidade os seus trabalhos enfeixados em volume.

Alberto Maranhão, Pedro Velho, Eloy de Sousa, José Paulo Antunes, Nascimento Castro, Pedro Avelino, Antonio de Sousa, Thomaz Gomes, Manoel Dantas e Augusto Lyra, brilham na arena do jornalismo indigena.

Luiz Lobo, Alipio Bandeira, Salustino e Ezequiel Wanderley, Sebastião Fernandes, cultivam as musas vantajosamente.

Ha por alli, despontando em ascensão promissora, uma vocação criticista—Antonio Marinho.

Eis em resenha ligeira o que se póde dizer do Rio Grande do Norte litterario até o fim do seculo XIX.

RODRIGUES DE CARVALHO.

REVISTA

DA

Academia Cearense

Publicada sob a direcção dos Drs. Pedro de Queiroz, Henrique Théberge e Barão de Studart.

Forti nihil difficile

DIVISA DE BEACONSFIELD.

TOMO VI

1901

ASSIGNATURA ANNUAL — 4$000

059.8131
R6649r
ex.6
1901

FORTALEZA

TYP.—STUDART—Rua Formosa, n. 16.

1901

DIREITO COMMERCIAL

Cheque visado

Illustre advogado agita pelas columnas da *Revista de Jurisprudencia* (fasciculos de Fevereiro e Abril deste anno) uma questão de direito, e mais de praxes commerciaes, sobre «cheques visados», que muito interessa estudar, attenta a circumstancia de não cogitar a legislação patria claramente da especie.

«*a)* O visto posto em um cheque, pelo sacado, constitue ou não confissão expressa da existencia de fundos?»

«*b)* E quando assim não seja, pelo *visto* houve ou não novação de contracto em virtude de substituição do devedor?»

«*c)* O portador de um cheque visado é ou não credor reivindincante do sacado?»

Elucida o distincto escriptor o assumpto pela forma seguinte:

«E' obvio que, no caso que estudamos, pelo *visto* o sacado substitue-se ao sacador, ficando este desobrigado para com o portador, etc., etc.

Isto posto, ou por confissão expressa da existencia de fundos ou por novação, o portador de um cheque visado é incontestavelmente devedor do sacado.»

§

O cheque, admittido em nossa legislação desde 1860. é regulado pelo Dec. 1083 de 22 de Agosto d'aquelle anno; pelo de n.º 3323 de 22 de Outubro de 1864 e ainda pelo de n,º 177 A de 15 de Setembro de 1893.

Deve ser passado á vista, apresentado dentro de tres dias da data da emissão, e ser pelo menos no valor de cincoenta mil reis.

Profunda alteração fez o Dec. 603 de 20 de Outubro de 1891 (art. 334), permittindo que os cheques tirados por sociedades anonymas, ou sobre ellas, fossem apresentados dentro de 10 dias, quando para ser pago na mesma praça em que fôra emittido, e de 30 dias, quando em lugar differente. Este Dec., porém, foi fulminado por uma revogação accintosa (Dec. 698 de 22 de Dezembro do mesmo anno), taes eram as liberdades introduzidas no regimen do anonymato.

Pela funcção do cheque nas relações commerciaes; pela analogia deste com o cheque estrangeiro; pela nossa legislação; a natureza juridica deste titulo é a de simples «mandato de pagamento ou ordem de pagamento.»

O costume que se começa a adoptar de se visar cheques para terem livre curso é um abuso que desvirtua a natureza do titulo.

O cheque para satisfazer o fim para que foi creado, e para estar de harmonia com a lei, tem como condição essencial o ser á vista; ora, um mandato de pagamento, mesmo um saque ou ordem á vista, não é passivel de acceite: ou paga-se ou recusa-se o pagamento. O facto de se permittir o acceite ou visto induz novo contracto sobre o titulo, e neste caso, dá-se uma transacção estranha á natureza do mesmo titulo.

Isto é: A é portador de um «mandato de pagamento» (á vista já se vê), apresenta-o; o sacado acceita-o ou visa-o; aqui se estabelece promessa e obrigação de pagamento; deve haver, portanto, um praso determinado para se realisar o embolso; e credor de obrigação já não

será somente o passador, mas tambem a pessôa individualisada, que annuiu ao procedimento do sacado.

Desapparece radicalmente a natureza do cheque que passou por semelhante operação: o sello será proporcional, transfere-se por endosso, pratica-se, emfim, tudo quanto fôr compativel ás lettras ou notas promissorias.

O cheque desappareceu, substituido por uma obrigação ou titulo de divida de outra natureza.

«Considerando que taes cheques são apenas mandatos de pagamento da mesma natureza juridica da *ordem*, que só depois de acceita se confunde com a lettra de cambio ou da terra.» (Accordam do Supremo T. Federal de 13 de Outubro de 1900 - *Direito*, fasciculo de 15 de Janeiro de 1901).

Pode-se, pois affirmar: o visto. como ordinariamente se vai praticando, posto em um cheque pelo sacado para ter livre curso, é um abuso que as bôas normas de direito repellem. Em caso algum desapparece a responsabilidade contrahida pelo passador para com o portador; este em hypothese alguma tem direito contra o sacado, salvo o caso figurado em que A deixou transformar-se o cheque em lettra da terra ou de cambio.

A theoria do illustre advogado, permitta-se-me dizel-o, parece erronea; si contra ella não existisse a opinião dos nossos melhores commercialistas, bastariam os seguintes argumentos para destruil-a.

§

O cheque é o instrumento economico por meio do qual alguem que tem fundos ou credito aberto em uma casa bancaria, ou simplesmente commercial, retira as quantias dentro do limite de seu deposito ou de seu credito.

E o nosso Cod. Com., se não consagrou disposições taxativas sobre essa instituição, genericamente traçou-as no seu art. 153, quando regula o mandato de pagamento.

E' um meio de movimentar a conta-corrente, segundo Vidari, citado por Inglez de Souza.

Ha, portanto, digo eu, duas especies de cheques a differençar: na 1.ª hypothese são chamados de «conta corrente de movimento; na 2.ª de «conta corrente garantida»

Não pode haver exoneração da responsabilidade do passador para com o portador, ainda mesmo verificada a abusiva hypothese do *visto*.

Quem lida com os negocios bancarios não ignora que são clausulas essenciaes dos contractos de deposito ou emprestimo:

a) ser facultado ao depositario o direito de recusar o immediato pagamento de um cheque, dentro de limitado praso, quando haja falta de numerario;

b) ser praxe constar dos instrumentos pelos quaes se estabelece um contracto de emprestimo, seja por hypotheca, penhor ou caução:

I recusar cheques quando lhe falte numerario;

II pedir reforço de garantia quando entender achar-se a primitiva depreciada.

Alem destas circumstancias, é corrente em direito, «que a morte ou a fallencia do passador annulla o cheque: se ainda não foi pago; o banqueiro não pode mais satisfazel-o, e, se paga, está obrigado a repetir. O portador do cheque nenhum direito tem sobre a provisão de fundos, e o banqueiro até a occasião de receber o cheque não contrahe para com o portador nenhuma obrigação de pagal-o.» (SUPINO, citado por Carvalho de Mendonça, *Das Fallencias*).

Ora, um cheque passado sobre um credito aberto sujeito áquellas clausulas (de recusar o sacado o pagamento allegando falta de numerario; ou pedir reforço de garantia), ainda mesmo visado, não é titulo liquido e certo, extreme de condições restrictivas, que induza um vinculo obrigatorio entre o portador e o sacado.

O *visto* é simplesmente um meio de evidenciar a terceiro que o passador está habilitado a retirar a quantia do poder do sacado. Imagine-se que trata-se de um cheque emittido sobre credito aberto (em regra geral com

as clausulas restrictivas já alludidas); pelo facto de ter sido visado o mesmo cheque, segue-se que o sacado perdeu o direito de invocar aquellas clausulas, caso considere necessario exigil-as?

Tambem não ha novação como affirma o illustre advogado.

E aventarei outro argumento:

Pode por direito o sacado que visou um cheque, debital-o definitivamente na conta do passador e contar juros sobre o respectivo valor, antes de ter sido pago?

Não Muitas vezes o proprio passador apresenta um cheque com o fim de habilitar-se a fazer tal ou qual transacção; não a realisou, porém, e annullou o cheque porque não lhe convinha mais retirar a quantia; pelo simples facto do *visto* deve ficar debitado, a pagar juros, perder o direito, emfim, sobre a quantia?

E' extravagante responder pela affirmativa.

N'este caso a providencia a tomar é declarar por escripto ao sacado o cancellamento do cheque em questão.

A nossa legislação, regulando escrupulosamente os titulos que circulam pela tradição manual, excluiu d'esta especie os cheques, que devem ser apresentados dentro de 3 dias da emissão (Lei de 1860). Isto é, ninguem, pela lei, pode deter aquelle mandato de pagamento por mais de 3 dias; a conclusão é obvia: para que não circulasse de mão em mão, o legislador impoz o praso taxativo de 3 dias, durante o qual é obrigatoria a apresentação.

§

Si invocarmos a natureza historica do cheque (palavra ingleza, derivada do verbo *to chek*, que significa *verificar*, *conferir)*, evidenciaremos que o nosso primitivo legislador incluiu-o na cathegoria de *recibo*, sujeitando-o a sello fixo, copiando assim a formula do cheque francez, que até 1865 tinha todos os caracteristicos de um recibo («Souza Pinto — Dic. da Leg. Com. Brasileira»).

Em synthese podemos concluir:

1.º—O visto posto em um cheque, pelo sacado, constitue confissão expressa da existencia de fundos ou de credito aberto, sem, entretanto, dirimir o direito que tinha o sacado de recusar o pagamento estipulado nos termos do contracto de deposito ou emprestimo.

2.º—Não dá-se novação pelo *visto*, porque esta opera-se:

a) quando o devedor contrahe nova obrigação com o credor, alterando a natureza da primitiva;

b) Pela substituição de devedor, estipulando-se desobrigação do primitivo;

c) Pela substituição de novo devedor, assumindo a primitiva obrigação para com o seu substituto.

Comquanto em materia commercial a *novação* tenha verdadeiras subtilezas, muito differentes das condições precisas e taxativas do Direito Civil; é preciso, entretanto, respeitar a bôa razão e a equidade, que estão acima de todas as facilidades das praxes commerciaes.

(...«Porém, se o «Devedor Delegado», em vez de pagar, promette somente o pagamento ao mesmo «Credor Delegatario», fica obrigado todavia ao primeiro credor; porque teve o *mandato* de *pagar*, e não de prometter, e o mandato é irrevogavel.» (Teixeira de Freitas—Vocab. Juridico).

Isto demonstra que o *visto* não desobriga o passador como sustenta o illustre collaborador da *Revista*.

Para que se dê a novação é preciso preceder accordo expresso entre as partes; e como ella «só se opera entre pessoas habeis para contractar», perguntarei:—como avaliar da capacidade do novo credor (portador do cheque) se é uma entidade vaga, sem determinação precisa de pessôa?

Só se opera novação quando o cheque é tranformado em obrigação com determinação de credor e praso certos como fiz figurar em outra parte deste artigo; e neste caso o titulo confunde-se com a letra de terra ou de cambio.

3.º—O portador do cheque visado não é credor rei-

vindicante do sacado porque, nos termos do Dec. 917 de 24 de Outubro de 1890, além das condições inapplicaveis ao caso, são credores d'essa natureza:

a) «O dono de cousa em poder do fallido por titulo de deposito, penhor, anti-chrese, administração, arrendamento, commodato, usufructo, uso e habitação.»

b) «O dono de titulos ao portador, que forem perdidos, furtados, roubados, extorquidos, etc., etc.»

c) «Os que fizerem remessa para um fim determinado.»

Não se poderá, dada a translação manual, ainda mesmo confessada a provisão de fundos pelo *visto*, considerar a quantia do cheque visado amparada por aquellas circumstancias.

§

Resta equiparar o cheque a deposito; mas a hypothese é fulminada pelo § 1.º do art. 68 do Dec supra (Lei das fallencias).

Ouçamos agora um erudito commercialista:

«Cheques, visados ou não, conservam o seu caracter de instrumento de pagamento, e a provisão que representam, no caso de fallencia do devedor, não pode ser considerada como credito reivindicante, porque não é deposito regular.» (Carvalho de Mendonça, obra citada).

Raciocinemos ainda sobre os fundamentos que excluem o cheque visado dentre os creditos reivindicantes.

F. tinha um credito aberto no banco G., e, de má fé, percebendo que este estabelecimento propendia á insolvencia apressou-se em emittir cheques, que foram visados.

E' declarada a liquidação forçada do banco; F. declara-se fallido, occorrendo a circumstancia de se ter depreciado o objecto que garantia o credito aberto, pelo que o banco vê desgarantida a divida de F.; pergunta-se: o portador de taes cheques emittidos de ma fé, porém, visados pelo banco, propositalmente conservados em circulação, póde ser considerado credor reivindicante do mesmo banco?

E se o detentor desses titulos era o proprio passador, que os mandou agora cobrar sobrepticiamente?

A doutrina do illustre advogado, collaborador da *Revista de Jurisprudencia*, cai ao mais fraco raciocinio.

Neste sentido existe um julgado que exclue qualquer sophisma ou argumentos do espirito mais recalcitrante (Vide *Direito*, vol. 61, pags. 557 e seguintes).

§

Releva observar uma palpavel confusão da parte do digno publicista, quanto ao conceito juridico que hoje se dá ao contracto de conta-corrente, nas praxes do direito commercial brazileiro.

S. S., copiando expositores estrangeiros, admittiu apenas o contracto de conta-corrente nas relações mais restrictas: contracto pelo qual duas pessôas ajustam entrar em relações commerciaes, entregando valores reciprocamente; e que se termina, ou pelo encontro das duas contas, quando a totalidade das importancias é a mesma de parte a parte, ou pelo balanço de uma conta sobre a outra, accuzando um saldo a que uma das partes fica obrigada.

Em se tratando, porém, da conta que alimenta o cheque, o contracto de conta-corrente toma outro caracter desdobrando-se em mais dous aspectos.

Obedecendo á verdadeira comprehensão juridica, compenetrando-se perfeitamente do espirto das praxes, foi que a camara Commercial e a Côrte de Appellação firmaram a doutrina de que «em hypothese alguma poderá o portador de um cheque tornar-se credor do sacado» e muito menos reivindicante.

A conclusão dos egregios Tribunaes é a mais consentanea com a boa razão:

«*a)* deve-se conhecer da natureza da conta-corrente;

b) da disponibilidade e existencia real da provisão de fundos.»

As decisões assim elaboradas veem em apoio da subdivisão que fiz das contas correntes:

1.ª conta-corrente de movimento, ou de retirada livre;

2.ª contra-corrente garantida (emprestimo).

Pela natureza da conta-corrente, portanto. é que se pode julgar da garantia intrinseca do titulo, que. entretanto, em hypothese alguma póde ser elevado á cathegoria de reivindicante. (Vid. *Direito* vol. e pags. citadas).

Um periodo do segundo artigo do illustre advogado merece especial reparo.

«Não procede contra a doutrina que sustentamos a obrigação que tem o portador de apresentar o cheque dentro de tres dias de sua data. (Lei 1083 de 22 de Agosto de 1860 artigo 1.º § 10); essa obrigação serve apenas para assegurar o direito regressivo do portador contra o sacador.»

Não, o intuito do legislador de 1860, como de seus successores, foi obrigar que nenhum cheque tenha curso por mais de tres dias. Pela doutrina do digno advogado parece que o cheque visado pode correr livremente, o que desvirtua o escrupulo da lei que prohibe a particulares a emissão de titulo ao portador para correrem como instrumento de permuta.

«Que o *visto* no cheque, fazendo presumir a existencia da provisão, não lhe dá, entretanto, o privilegio que pretende a auctora, só attribuido pela lei ás notas dos bancos de emissão.» *[Direito* Idem, Idem).

«O cheque visado ou não conserva o seu caracteristico do mandato ou ordem de pagamento, etc., etc» *[Direito* Idem, Idem).

E' para notar que o Sup. T. Federal já decidiu confundir-se o cheque visado com lettra de terra ou de cambio conforme se vê no começo deste artigo; para ser assim equiparado, porém, é indispensavel que o cheque encerre o nome do portador e o praso do vencimento; ao contrario incide na classificação do julgado de 1892

(Vol. citado, pags. citadas), anterior á mencionada decisão do Sup. Tribunal Federal.

Na impossibilidade de outra pena a comminar contra o portador do cheque não apresentado ao sacado dentro dos tres dias (lei citada), o legislador fulmina essa ordem de pagamento com a severissima e excepcional disposição, annullando-a em favor do passador.

Não houvesse tal providencia, que sorte de abusos não se praticariam, maxime com o apoio de erroneos theoristas que teem em seu favor o poder magico de robusta intelligencia?

Ceará, 1900.

RODRIGUES DE CARVALHO.

REVISTA

DA

Academia Cearense

Publicada sob a direcção dos Drs. Pedro de Queiroz, Henrique Théberge e Barão de Studart.

Forti nihil difficile

DIVISA DE BEACONSFIELD.

TOMO VII

1902

ASSIGNATURA ANNUAL — 4$000

FORTALEZA

TYP. — STUDART — RUA FORMOSA, N 46.

1902

O CANCIONEIRO DO NORTE [1]

O *Folke-lore* brazileiro, por cuja elaboração tanto se esforçam Sylvio Romero e Mello Moraes Filho, é incontestavelmente um precioso contingente para a historia da litteratura nacional. Os cantos e os contos de origem popular, revellando a fonte inspiradora das tres raças em cruzamento, não só fallam ao coração pela reminiscencia de lendas e tradições que se extinguem, como são um attestado vivo da força intellectiva de cada uma d'aquellas raças, a fundir-se no mestiço diante dessa natureza explendidamente victoriosa. Alem dessas circumstancias de ordem ethnologica, nota-se que a poesia e o conto, genuinamente populares, perpetuam com a singeleza e sinceridade do povo a chronica de todas as gerações; assim, vemos as *chacaras* e *romances* portuguezes, celebrando durante 500 annos o arrojo de seus navegantes á saudosa melopéa peninsular da *Nau Catharineta;* o africano, de *marimbáo* ao umbigo, entoando a monotona canção dos desertos d'Africa; o indio relembrado hoje em dias de carnaval, a attestar o furor mavorcio de tabas hostis. (2)

(1) Excerpto do prefacio da obra a ser publicada por occasião do tri-centenario do Ceará.

(2) Allusão ao tradicional folguedo popular *Os caboclinhos* muito uzado em Pernambuco e Parahyba.

Filho desta região nortista, onde o senso de liberdade e o amor da patria foram sempre o apanagio do brazileiro, desde as luctas dos Tabajaras nas fraldas da Ibiapaba, das victorias de Cabellelo e Tabocas, á Confederação do Equador; acostumado neste meio, a ouvir a tristeza do africano nostalgico nos canaviaes da Parahyba, e a alegria arrojada do jangadeiro cearense; achei de colligir tambem cabedal para esse precioso thesouro--o *Folke-lore* nacional.

Não darei no CANCIONEIRO DO NORTE uma obra completa, mas é intenção minha, a proporção que fôr obtendo novas producções, ir ampliando-o, refundindo-o, de forma que depois de certo tempo a poesia popular do norte, ainda não enfeixada em volume, fique n'uma obra immorredora, não attestando meritos de um collecionador, mas o valor proprio dessa poesia, fragmentos d'alma de tres gerações predispostas ás contemplações divinas da arte.

*
* *

N'este periodo de formação do typo brazileiro, cuja feição definitiva ainda é um problema, acho que o trabalho de selecção que se exige para as investigações do *Folke-lore* é todo negativo.

Como affirmar ser o canto A de origem européa; a canção B indiana; a chula D africana; si o meio em que se cultivão taes producções é o resultado de um manifesto hybridismo ethnologico?

Objectar-se-ha que pelas investigações sobre as origens; mas é um perder tempo tal investigação; porque a trova portugueza que vaga perdida no Brazil nada mais tem da origem senão a indole; identificou-se, esbateu-se, confundiu-se no amalgama da linguagem commum. A lenda tupy, por sua vez, corre mystificada, inteiramente adulterada pelo costume, absorvida, adaptada ao meio, á geração succedanea. O elemento africano ainda é mais tenue e mais vago.

Não justifico Sylvio Romero quando affirma a origem de cada conto ou canto de suas collecções.

Das tres raças ha apenas a reminiscencia, estampada no typo, nas acções, nos costumes, do brazileiro actual. Assim, encontraremos a cada passo no conto de origem americana, segundo Sylvio, reis, fadas, giboias e encantamentos, o que desvirtua o caracteristico exclusivo que se empresta. A verdade é esta: as xacaras portuguezas veem entremeiadas de expressões indigenas e de onomatopéas africanas.

Difficil é, portanto, um criterioso trabalho de selecção; por que as quadras, decimas, lendas e costumes nacionaes, são, por sua vez, saturadas de ideias e expressões portuguezas.

«O-lê-lê, vira moenda,
O-lê-lê, moenda virou;
Quem não tem uma camisa,
P'ra que quer um *palitô*...
Bebe o caixeiro na venda,
O patrão no *Varadô*» (1)

Ora, ahi temos um specimen de hybridismo, a pedir dos competentes uma decomposição que caracterise a indole do verso.

O proprio Sylvio Romero, na Historia da Litteratura Brazileira, pags. 93 em diante, 1.º vol., cita diversos exemplos de poesia entremeiada de versos portuguezes, africanos e americanos.

Ainda um exemplo, d'entre os muitos que conheço.

Trata-se de um conto:

«Foi um dia um velho; tinha tres filhas, que fugiram de casa e perderam-se em veredas differentes, sahindo uma na estrada grande. Veio um passaro e disse á moça que tomasse cuidado, que por alli havia uns gigantes

(1) Chula dos negros dos engenhos da Parahyba do Norte.

perigosos. De facto, apparecem uns gigantes que pegam as moças. O passaro havia prevenido a moça que não bebesse de uma bebida que o gigante offereceria; pois tal bebida faria adormecer; mas as duas moças mais velhas beberam, emquanto a mais moça derramou no chão a bebida. Estavam todas na camarinha, quando o gigante chega por fóra forçando a porta para comel-as; nisto, a mais moça das tres irmãs canta a seguinte trova, que afugenta o gigante:

«Que ku, cama-cama
Que ku, catolé...
O Zarizê
Kum Zariquê...
Casal que me coma,
Casal que me deixou
O chirimbê cum biá.

Quando eu vim da minha enganga
Que ganga man-gá...
Cachori—choli—cholê...
O cum manga, cum mangueira,
Pois Manuê cum Manué.»

O gigante fugiu, e as moças fugiram, andaram, andaram, e o gigante as perseguia, até que ellas, achando um pé de páo muito alto, subiram, subiram, que ficaram do tamanho de um mucuim. Veio o gigante de tres olhos e não as enxergou; veio o de dous olhos, não as enxergou; veio o de um olho só, e viu no olho do páo uma fumacinha. Então o gigante tocou a botar o páo a baixo com um grande machado. As moças cantavam aquella cantiga «*Que ku cama-cama*», a que o gigante respondia tambem cantando em voz muito grossa:

«O sariguê, cum zarizê,
Páo... páo... páo... páo...»

Repetindo sempre este canto, até que veio o passaro no olho do páo e a mais moça das tres irmãs disse-lhe: «leve primeiro a minho irmã mais velha»—Depois o passaro levou a segunda, e por fim levou a terceira, desencantando-se n'm principe, seguindo-se o casamento da mais moça com elle.» (1)

Eis um exemplo frisante da confusão dos tres elementos: o conto é de origem portugueza, modificado pela concepção do selvagem e do africano, a cujas linguas são devidas as singulares estrophes.

A meu ver, cuidando-se da elaboração do *Folke-lore*, pouco importa destacar cada elemento de per si; é preferivel, por cada verso ou por cada conto, estudar o meio e o momento da creação, e tirar dessa investigação um resultado mais proveitoso que o saber se a procedencia é portugueza, africana ou indigena: qual a condição de nossa civilisação, quaes os elementos preponderantes para o aperfeiçoamento; qual o estadio mental das duas raças selvagens, e a sua evolução em contacto com a portugueza.

Pela concepção de um conto, pela harmonia de uma trova, muito se induzirá da evolução intellectual de qualquer povo em estado de formação.

*
* *

Quem conhecer esta zona comprehendida entre a foz do S. Francisco e a do Parnahyba, todo o explendor tropical desta natureza, as praias, os brejos, os engenhos, as cidades, os sertões, os costumes, as festas, as lendas, preferirá, como eu prefiro, concatenar as producções de um livro de canções populares, mais pelo assumpto que se prende a cada zona, do que ao elemento ethnico.

Estudemos, pois, o meio physico, a sua influencia sobre o meio moral; fallemos tambem das multiplas mo-

(1) Este conto foi colhido em *Missão Velha*, Ceará.

dalidades por que o espirito do nortista se revella nas suas crendices e folgares; e depois desse scenario, offereçamos ao povo o resultado de sua propria vocação artistica, fructo dessa espontaneidade anonyma, caracteristica do espirito meridional do brazileiro.

*
* *

Uma modalidade original, pela qual podemos estudar o nortista, são os folgares de natureza popular.

Partindo da vida praiana, veremos o jangadeiro, queimado do sol, bronzeado, de musculatura possante, em trages domingueiros: calças de algodão alvejantes, camisa anilada, chapéo de carnahuba, feliz e espansivo, a contar as ultimas proezas da pesca. Um refere historias de almas do outro mundo em pleno mar: «*alli nos baixios onde virou a jangada do tio Fuão,* etc., etc.» Outros tagarelam sobre as moçoilas do logar; e quasi todos, emfim, á sombra das *çaiçaras* (1) *batem no pinho* (2) cada um por sua vez, entoando cantigas repassadas de uma doce ternura, n'um rhythmo de onda em balanço:

«Minha jangada de véla,
Que vento queres levar?
De dia, vento de terra,
De noite, vento do mar.»

Nesta singela quadra o immortal Juvenal Galeno enfeixou todo o sentir do praiano do norte, dragão humano que brinca com o furor das vagas, seja impedindo o trafego escravo no Ceará, seja na faina da pescaria.

Nas costas do Rio Grande do Norte e Parahyba (especialmente n'aquelle Estado) é raro encontrar um

(1) Palhoças.
(2) Tocar viola.

rapaz do povo que não saiba tocar viola ou harmonico; e nos povoados o classico violão e a modinha fazem parte da fina educação.

Deixemos o litoral, seguindo os vales do *Ceará-Mirim*, *Curimataú*, *Camaratuba*, *Mamanguape*, *Miriry*, *Parahyba*, e dos rios de Pernambuco e Alagôas, por toda essa zona fecunda de cannaviaes verdoengos, encontraremos os casarões silenciosos, os engenhos de assucar de fogo morto, ou quasi a se extinguirem, pelo desapparecimento do braço escravo, senzalas mudas, onde outr'ora a raça negra pagára o pezado tributo de ter nascido negra. Alli o elemento africano cantava a sua infeliz nostalgia, pelas noites de luar, nos dias sanctificados, ao toque dos *tabaques* (1) e *puitas* (2).

A cantoria é monotona e monotono é o toque—*o batuque*—, cujo rythmo condiz com o requebro e tregeitos das diversas danças. Os negros, em promiscuidade de sexo, conservam-se em roda dos tocadores, e de quando em vez sai um par de mãos dadas como a desconjunctarem todas as articulações da espinha dorsal, inclinando-se para traz :

Vamos quebrar giráo...
O... lê...,

repetem sempre este estribilho, cantando até que a dança acaba.

Esta é uma das mais exquisitas partes da coreographia africana, entre nós.

Na dança *cambindas* os dançadores levão todo o tempo acocorados n'um movimento de sapo que obedece á musica.

(1) E' um meio tambor, feito de um barrilzinho com uma das boccas coberta por um couro bem esticado. E' o instrumento cantante.

(2) A *puita* é feita da mesma forma, accrescido de um certo apparelho, que, tocado, faz o accompanhamento.

Em outra parte deste prefacio já fallei da cantilena:

«O lê-lê, vira moenda
O lê-lê, moenda virou.»

que é entoada ao som de palmas. E' outra especie de dança, em que o descendente africano já confunde os primitivos cantos com os do aborigene, referindo-se á sua labuta quotidiana e ás condições do meio. (E' uma especie de *côco*, dança de embingadas a que tambem se chama *Piauhy)*.

Estas rudes diversões estão quasi extinctas, e dellas reproduzem-se reminiscencias nos dias de carnaval: em Pernambuco os celebres *maracatús*.

A Republica, ou o capricho de certos vigarios, concorreu para que uma significativa tradição desapparecesse com o antigo regimen: erão os *reis negros* coroados no dia de Reis, 6 de Janeiro.

Nas freguezias da roça ainda ha bem poucos annos viam-se o *rei* e a *rainha*, seguidos de um cortejo de *condes* e *condessas*, que depois da missa recebiam do padre celebrante a consagração dos *direitos reaes*.

E pela rua afóra seguiam em procissão, acompanhados de uma xaranga ou de zabumba e gaita, tomando a serio aquella sagração, um tanto ridicula, mas digna de acatamento pela convicção com que era praticada.

Aos folgares da raça negra alliam-se as superstições, e as *mandingas* e feitiçarias são um complemento d'aquelles folgares; assim é que *fazer meza* ou *beber jurema* é uma verdadeira funcção de alegria. Dá-se, entretanto, presentemente uma verdadeira confusão de costumes entre o negro e o caboclo na pratica do feitiço. Todos commungam um mesmo systema; reunidos, sobre uma esteira, sob o effeito capitoso de beberagens aguardentadas, tocam maracás feitos com caroços de mulungú, entoando phrases cabalisticas, e fazendo mesuras, depois transformam a cerimonia em dança. Homens e mulheres estão convencidos que, ao poder d'aquellas cerimonias, o

corpo está fechado a todos os males, que os corações dos amantes ingratos abrem-se a ternuras felizes.

Rosarios, sapos de bocca cosida, bonecos, bichos de diversas qualidades engrudados em cera de abelha, ornamentados de fragmentos de bolacha, são os enfeites da *meza*.

Quereis, leitora ingenua, que vossa inimiga enlouqueça, definhe e morra? Consegui uns fios de cabello seus e guardai-os dentro de uma casa de cupim. Ou, melhor, apanhai-lhe a areia de seu rasto, ou um pouco da seu sangue, e tudo guardai na bocca de um *curúrú*, cosendo-a, e lançai o nojento amphibio á lagôa. São estas as armas poderosas do africano ingenuo, alliado á boçalidade do caboclo, no tocante a essa parte do occultismo. Entretanto, quem dispõe de tão propicios elementos para a conquista de corações e exercer vinganças cai inerme, como o diabo ante a cruz, ao contacto de um galho de pinhão de purga; o feiticeiro é inimigo acerrimo dessa pobre euphorbeacea. Uma surra de *pinhão* é um verdadeiro exorcismo nos couros de um *mandingueiro*.

*
* *

Pelas cidades a mesmas espansibilidade do nortista: são as crianças que se agrupam pelas calçadas, n'um regosijo feliz, entoando cantilenas ternas, repassadas de uma dolencia saudosa:

«Senhora D. Archanja,
Coberta de ouro e prata,
Descubra o seu rosto,
Que eu quero ver-lhe a cara.»

E' uma cadenciada melopéa com um sainete hespanhol ou portuguez.

Pelas noutes de luar, são os tradicionaes trovadores de esquina, as serenatas, o violão, instrumento talhado

para transmittir ás Julietas as declarações de amor dos Romeus do norte.

Nas *pontas de ruas*, vai animado o *xinfrim*, o *forrobódó* (1), a proposito de tudo uma festa de *arrasta-pés*, regadas a *aluá*, no Ceará, á *meladinha* ou *cachimbo*, na Parahyba e Pernambuco. (2)

O carnaval, alem das criticas picantes, allusivas á vida aldeiã, enscena pelas ruas as diversões mais originaes: os *côcos*, *maracatús*, *marujos* (fandangos ou náu Catharineta), *bumba-meu-boi* (boi suruby, no Ceará). D'entre esses folgares typicos, convem destacar *os caboclinhos*, restos de diversão indigena: Deseseis ou vinte figuras com o rosto pintado a açafrão, ostentando trages de cores expressivas, com enfeites de espelhinhos e pennachos á cabeça, empunham arcos com flechas, que são manejados ao som de um tambor e de uma gaita. Simulam um combate, como de tribus inimigas; e em plena lucta surge o rei, de capa e espada, cortejado por dous culumins, na giria do folguedo os *perós-mingús*.

Entre as alas dos contendores, arrasta a espada, pronuncia uma cataduba de RR arrogantes, falla do seu *alfange*, e do seu *cutelo*, diz uma lôa em lingua bunda, e acalmam-se as hostes aguerridas.

Acolyta tudo isto o typo do bôbo—o *matroá*—, sarcasmo atirado á lendaria boçalidade e estultice do caboclo.

Ainda hoje é muito commum nas cidades e villas da Parahyba este brinquedo, no Ceará apenas imitado pelos *caboclos*, oito figuras, trajadas mais ou menos burlescamente, de capacete emplumado á cabeça, e a dançarem uma especie de quadrilha, ou contradança nas casas para onde são convidados.

---

(1) Bailes da canalha.

(2) *Aluá*, beberagem de milho fermentado. *Meladinha* ou *cachimbo*, aguardente com mel de abelha.

Pela quaresma é o *serra-velho:* um grupo de vadios conduz barricas, serrotes e chucalhos, e ás horas mortas estaciona á porta dos velhos mais rabugentos e jarretas e improvisam versos picarescos, n'uma algazarra infernal, com exclamações, chôros fingidos e tantas outras graçolas, supinamente aggressivas para quem já desce os ultimos barrancos da encosta da vida.

Os judas do sabbado da Aleluia são outro motivo ás expansões do rapazio.

Arborisam-se ruas com as bananeiras dos quintaes alheios, enforca-se o Iscariotes n'uma avenida improvisada da meia-nonte para o dia, e a nota de escandalo é o testamento, em cujas disposições de ultima vontade figuram pessoas cavaquistas.

E' costume muito vulgar o furto dos *judas,* delicto que as vezes degenera em *pancadaria grossa.* E por fallar em furto, vem a pello consignar tambem, como um costume autorisado não sei em que tradição, o furto da *panellada* no dia de Anuo-Bom.

Os nossos matutos teem n'aquella manobra de astucia fecundo motivo de pagodeira e galhofa. Farejão á noute inteira a cosinha do parente ou amigo até que possão agadanhar a panella em que se cóse a gorda mão de vacca; effectuada a escamoteação, convidam o dono espoliado para vir participar do almoço, que é seguido invariavelmente do decantado samba de viola e botijão.

O mez de Maio, ou melhor o mez mariano, abre uma estação de preces e alegrias populares, principalmente nas cidades, villas e povoados do interior.

A este respeito poderá o leitor consultar o que deixei escripto no meu «Poema de Maio», edição deste anno.

No matto, como chamamos vulgarmente a roça, as *novenas* de Maio teem uma significação particular, uma feição rudemente innocente: o matuto que tem o seu oratorio (sanctuario) improvisa um altar de cobertas de ganga encarnada, e sobre uma meza rude colloca botelhas enfeitadas de papel, que servem de castiçal. Converge para assistirem ás novenas a visinhança em pezo; e as flores

dos campos, as boninas, as maravilhas entretecidas em ponteiras de pindoba, fingindo capellas, os bogaris e as mangeronas, tudo concorre para dar um tom de innocencia e simplicidade áquelle preito a sempterna Virgem das virgens.

No terreiro são os fachos de páo d'arco, o cruzeiro de bananeira cravejado de luminarias, o mastro com a bandeira de mandapolão.

Nas ultimas noites o foguete, os tocadores, uma musica um tanto infernal, mas caracteristica, e ao mesmo tempo harmoniosa. E' a mais perfeita reminiscencia dos costumes indigenas no tocante á arte da harmonia: um zabumba, um tambor, uma gaita e um pifaro de taboca.

Não esqueçamos o leilão da ultima noute: um arco de folhas de palmeiras está no centro do terreiro carregado de fructas, garrafas de mel da abelha uruçú, ao pé os pirús e toda a geração de gallinaceos, por sobre uma meza prendas de varias naturezas, revellando a rudeza de quem perdeu seu tempo com a factura de taes artefactos. Assoma então o pregoeiro, altivo, a improvisar eloquencia e *vérve*, e a feira em honra do sancto vai pezar nas algibeiras dos circumstantes; e os objectos transformam-se quasi sempre em offrendas dos noivos bisonhos pelos costumes, mas ardentes pelos impetos do sangue.

Vem o S. João, é a festa das superstições, são as lendas tránsplantadas pelo portuguez, adaptadas em campo adequado: o espirito apoucado e phantasioso do indigena. O milho verde, assado nas fogueiras, a cangica, as advinhações presagiosas do futuro... eis tudo. Na encruzilhada, ao dar meia noute, o diabo apparecerá, precedido de ventanias e pavores; feliz de quem apertar-lhe a mão estabelecendo um pacto para ser venturoso na conquista de mulheres, para ser cantador, tocador de viola, jogador, etc. A arruda florescerá n'aquella noute de agouros: estendei um panno bem alvejante debaixo della, que o Anjo das Trevas não tarda vir colher as sementes: si conseguirdes segurar na mão cabelluda de Satan, a fortuna

vos sorrirá. O alho, plantado n'aquella noute medra, enraiza horas depois. A clara do ôvo derramada dentro de um copo d'agua revellará se tereis de viajar por longes terras.

Ao accender-se a fogueira, esconde-se a moçoila bregeira por detraz da porta com a bôcca cheia d'agua, o primeiro nome proprio de homem que ouvir áquella hora será o do seu futuro noivo.

Dão-se os *baptisados de tição* tambem ao accender da fogueira; e, cumulo de auto-suggestão, os roceiros passam mais tarde, lentamente, medindo os passos, de pés descalços, sobre o brazeiro intenso da mesma fogueira, invariavelmente de páo d'arco ou angico. «Viva Senhor S. João», estas palavras, repassadas de verdadeiro fetichismo, anesthesiam-lhe as plantas, de si revestidas de verdadeira couraça pelo habito de andarem descalços.

A ultima revellação dessa mysteriosa noute é ao mirar-se alguem, pelo alvorecer, nas aguas da fonte: si a matrona, o centro de gravitação de todos os affectos do lar, não vira o rosto, nitido como em fino espelho, ennubla-lhe o coração uma sombra de apprehensões pavorosas, e o chôro, a duvida acabrunhadora, são a ultima nota dessa lendaria e encantadora noutada de brincos santamente ingenuos, que passam sempre... sempre... enchendo de risos os que teem a quadra da vida em sonhos, e de saudades os que encanecem pelas desillusões. (1)

RODRIGUES DE CARVALHO.

Ceará—1901.

---

(1) Vide o «Poema de Maio» sobre a noute de S. João.

Resenha bibliographica do anno

Foi um anno pouco fecundo para as lettras cearenses o de 1902.

No mundo moral, como no mundo physico, observa-se que apoz os grandes abalos, as profundas catastrophes, a natureza repousa por instantes para despertar alentando uma vida nova, com pujança revigorante para resarcir a actividade ou a riqueza perdidas.

As calamidades publicas e as revoluções são prodomos de uma phase de renovação. A mais nociva de todas as situações da vida de um povo é a apathia; — nada soffrer, nada tentar, nada progredir, é o mesmo que não viver. Infelizmente, esse enervamento moral vai atrophiando toda a vida nacional: e, apar com a indifferença publica pelos negocios politicos, vem a gana de fazer fortuna facilmente, o desbriamento do brazileiro, que já vai se tornando um typo *sui generis* no tocante a deveres civicos.

A explicação do desgraçado phenomeno existe na falta de alicerce das instituições republicanas, colhida no meio brazileiro sem a sazão precisa. Os velhos servidores da nação, em sua maioria, teem a tradição, o tirocinio de civismo que os obriga a ter honorabilidade que os afasta dos negocios publicos; e da indifferença de um lado e da irresponsabilidade do outro, surgiram a

anarchia religiosa, o esquecimento pelo direito do voto, o egoismo ignobil dos clavicularios dos nossos destinos.

Esta ligeira digressão occorre-nos ao analysar-mos a inercia actual da vida mental brazileira, inercia que entibia igualmente o meio cearense, como um eclypse deste sol que illumina toda a região do Cruzeiro.

As producções litterarias deste anno foram insignificantes, e de pouco valor entre nós.

Os intellectuaes ou absorvem-se na applicação da vida pratica, ou deixam cahir a penna descrentes dos seus proprios esforços, desilludidos pela victoria que na sociedade ganha somente quem mais rebaixe o caracter, quem menos noção tenha do que seja trabalhar pela communhão com desinteresse. E, entretanto, esse justo pessimismo concorre para que feneção os bons estimulos, e cedo se atrophiem as vocações promissoras.

Trescalando o perfume dos devaneios feminis, surgiu com o alvorecer deste anno o EM SONHO, uma linda brochura de 130 paginas, contendo phantazias e endeixas de uma alma artisticamente sonhadora: Alba Valdez, gentil pseudonymo da Snra. D. Maria Rodrigues, professora publica residente nesta cidade.

Estylo fluente, facil e delicado, concepção de um subjectivismo ceruleo, proprio da mulher sonhadora, eis os caracteristicos do EM SONHO São paginas de enlevos, ternas, porem monotonas pelo conjuncto; e da sua leitura resalta uma involuntaria insistencia de fallar de ideas inatingiveis, doentias, como aspirações que vão tocando á descrença.

Comquanto o livro deixe agradavel impressão ao leitor, melhor fôra que a pujante intellectualidade da auctora tivesse seguido outra orientação, dando (por exemplo) um livrinho de contos para a infancia. O lado pratico seria coroado de melhor exito.

FARFALHAS—é o titulo de um opusculo de 100 paginas approximadamente, com que o Snr. Julio Olympio fez a sua estréa no mundo da publicidade.

Versos e mais versos... eis toda actividade mental da mocidade cearense. Incontestavelmente os nossos rapazes revellão talento: mas, com pouco estudo e temperamento doentio pelas condições da raça e do clima, entregão-se á poesia, essa vasta arena onde todos teem o direito de dar vôos ao pensamento com a maior irresponsabilidade.

O Snr. Julio Olympio verseja com facilidade, tem bellas figuras; seu livro, porem, é uma parodia a si mesmo. Lido um soneto, todos estão lidos, por que o vocabulario é sempre o mesmo, a mellopéa a mesma, e mesma a rima.

A sua caracteristica é ser espontaneo; mas, conhecedor de muitos auctores nacionaes, incorre involuntariamente de vez em quando no grave defeito de affinidades de expressão.

Recommendamos, entretanto, ao leitor como joias de valor as producções: *Caim*, *Ultimo Tamoyo* e *Virgem morta*.

VIRGEM MORTA

Repicam sinos, tristes dobrando
Na capellinha branca de neve;
Homens e virgens trazem chorando
Um pobre esquife, pequeno e leve.

Num caixãosinho de azul celeste
Vem uma virgem adormecida;
Como é tão branca, de branco veste;
Quanta tristeza no olhar sem vida!

Como é bonita, como é singella
Naquelle frio, funereo leito!
Orna-lhe a fronte nivea capella,
Palmas de flores cobrem-lhe o peito.

Vendo seu rosto calmo e risonho,
A gente fica triste a scismar:
Talvez, quem sabe, que lindo sonho
A virgem morta vae a sonhar!...

CASTALDO - (Uma lição de mestre) - Costumes sertanejos—Leitura para todos—J. G. Dias Sobreira.

O popularissimo Snr. professor Sobreira, auctor de livros de instrucção, é incansavel nas locubrações litterarias.

Manifestou-se agora novellista com a publicação do CASTALDO, brochura de 90 paginas, encerrando uma historia joco-seria de costumes nortistas.

O estylo é frouxo, o vernaculo incorrecto e a idéa trivial

Sem processo de analyse ou observação, divorciado desse genero de litteratura, o Snr. Professor Sobreira a nenhum laurel fez jus com o seu ensaio de bellas lettras.

LIMBO—é o despretencioso titulo de um opusculo de versos do Snr. Romeu Mariz, jovem poeta parahybano, que, de passagem pelo Ceará, resolveu-se a editar em nosso meio a sua estréa litteraria.

Traz um ligeiro prefacio de Rodrigues de Carvalho; e, revelando os primeiros passos vacillantes do autor, pouco merito encerra afinal. Sem eschola, eivado de affinidades, e reminiscencias dos melhores poetas nacionaes, o LIMBO é apenas um documento de que o Snr. Romeu Mariz tem gosto pela poesia, e que com estudo e esmero, pode tornar-se ainda um poeta commum.

PELA REPUBLICA: um pamphleto de Themistocles Machado, com muitas dedicatorias e algumas paginas de versos em alexandrinos.

Vibra a corda patriotica, concitando a mocidade a pegar em armas para salvar a honra da Republica.

Como um protesto de revolta civica, pode ter merecimento, como obra de arte, não.

O burilador do *Myrtos* nada mais adiantou na conquista dos louros de poeta depois que publicou aquelle seu volume de versos, verdadeiramente inspirados.

O PELA REPUBLICA é apenas um brado de indignação contra as miserias dos homens, que desvirtuam o bello ideal republicano.

VERSOS ao Snr. Dr. Pedro Borges, Presidente do Estado do Ceará. Outro pamphleto de Themistocles Machado, enfeixando alexandrinos vibrantes.

Quanto ao valor puramente artistico, é do quilate do PELA REPUBLICA.

O POSITIVISMO do Snr. Major Gomes de Castro e as conferencias do P.e Dr. Julio Maria—O nosso illustrado con-socio o Snr. Dr. R. de Farias Brito, uma das mais fulgurantes e cultivadas cerebrações brazileiras actualmente, revoltado contra a falta de cortezia da injusta e acerba critica do Snr. Major Gomes de Castro ás conferencias religiosas do Rvm. Snr. P.e Dr. Julio Maria, analysou com muita proficiencia, em artigos publicados na *Provincia do Pará*, o valor da mesma critica, pulverisando a golpes de gigante os argumentos que em favor do positivismo adduziu o fanatico proselyto dessa seita.

Um amigo do laureado philosopho cearense mandou reproduzir em volume o conjuncto dos artigos, offerecendo ás nossas lettras um folheto de 52 paginas, diminuto pelo tamanho, mas grandioso pelos conceitos, simplicidade e correcção do estylo.

O Snr. Dr. Farias Brito que, aliás, não abraça o espiritualismo da religião catholica, demonstrou a falta

de base da theoria de Augusto Comte, util como disciplina social, mas infelizmente deturpada pela maioria dos seus adeptos no Brazil.

O auctor da *Finalidade do Mundo* evidenciou as bellezas e as incongruencias do positivismo, e acabou por affirmar que a sciencia philosophica carece tambem do lado subjectivo, esse eterno ponto de interrogação, que é o *fiem* eterno da natureza, que não pode ser, sequer, esborcinado pelos mais arraigados demolidores do que de mais bello existe nas concepções humanas: o ideal. O monismo ou o dualismo, a metaphysica de Kant ou o materialismo spenceriano, todos vão esbarrar «no resto que se não explica»; e este resto nada mais é do que o Deus luminoso dos Escholasticos, ou o Deus luz e vibração dos ideologos modernos.

Que tenhão razão os que, como o inspirado orador sacro Julio Maria, apregoão a moral pela religião do meigo Nazareno, ou, os que, como Augusto Comte, cultivaram-n'a pela sciencia; o resultado será o mesmo, a differença é que, emquanto aquelles suavisão as asperesas do caminho pelas miragens consoladoras da fé, estes cansão a retina com a brutalidade crua da positividade das cousas.

Entre as duas theorias que conduzem a um mesmo ponto, é preferivel a do idealismo, tão bellamente tratada pelo erudito auctor da *Finalidade do Mundo*, debaixo desta formula «Deus é a luz».

Emfim, a critica do Snr. Major Gomes de Castro teve um duplo merito: dar maior realce ás conferencias do consagrado orador sacro, e offerecer opportunidade ao philosopho cearense para conquistar maior renome como espirito de eleição, que é.

O Conde d'Eu—seu caracter, viagem ao Ceará por J. Brigido.

Quem tem o espirito entediado com a leitura de prosa chilra, e os ouvidos aturdidos com o zumbido dos máos poetas, descança por instantes, saturando-se de

conceitos sadios, estylo abundante e correcto, lendo esse opusculo do decano da imprensa cearense, o Snr. J. Brigido.

Não indaguemos se ha muita verdade apurada de extremo a extremo do livro, por que a vida do Conde d'Eu só agora começa a ser estudada; mas um facto incontestavel, e de merito real, é que á tona da publicidade apparece um assumpto inedito, interessantissimo para ser convenientemente compendiado na historia patria.

E' meritoria a obra encetada por J. Brigido, que iniciando simples artigos de jornal pelas columnas da *Reforma*, refundiu o seu trabalho, ampliando-o, conseguindo dar realce ao nome do Conde d'Eu, antipathicamente julgado até então por todos os brazileiros que tinhão a baratissima presumpção civica de se não deixarem governar por um estrangeiro.

A publicação citada estuda o caracter do Principe herdeiro, começando pelos phenomenos atavicos; dá um lance de vista sobre os dois reinados da monarchia brazileira; prova por meio de cifras a vil calumnia que fazia do Conde d'Eu um vil locador de *cortiços;* leva-o ao campo de batalha, desannuviando a lenda de cobardia que pezava sobre o seu nome; acompanha-o na sua excursão ao norte, particularisando o Ceará; e termina pela reivindicação de amigo do Brazil, que a historia tem o dever de reconhecer.

Para solidificar a sua lisongeira opinião, o laureado jornalista J. Brigido insere uma carta do Snr. Dr. José Lino da Justa, sincera e bem elaborada, muito digna da publicação de que faz parte.

O maior desaffecto do Conde d'Eu, o que possa descobrir mesmo vislumbres de piedade do escriptor para com o Principe exilado não deixará de reconhecer o alcance do opusculo de que nos occupamos; por que elle é, sobre tudo, um palpitante documento de que nem todos que adheriram á republica tiveram a ingratidão do esquecimento para com os dominadores de hontem.

Os cultores da historia patria teem no *Conde d'Eu* uma extensa meada por onde poderão chegar a verdades interessantissimas.

SANTOS DUMONT E OS ESPAÇOS, por F. Silverio.

O auctor dos «Chromos», poeta singello e popular, feliz em photographar na rima as scenas mais triviaes do meio em que vivemos, encheu-se de enthusiasmo pelos triumphos do notavel aeronauta brazileiro Santos Dumont, e entendeu fazer-lhe uma apotheose, guindando-o na hyperbole do verso. Como obra de arte, o livrinho de Silverio deixa muito a desejar: o assumpto emmaranha-se n'uns arrebatamentos scientificos e philosophicos, conduzindo o auctor ao naufragio inevitavel de quem, sem a solidez precisa, busca fazer sciencia e philosophia em verso.

O talento poetico do auctor revela-se aqui e alli, a sossobrar em taes funduras, o que importa dizer que, se fosse empregado em concepção menos complexa, teria um exito mais evidente.

AMARYLLIS, versos de Telles de Souza.

E' mais uma prova de quanto são dotados de talento os moços do Ceará. Trata-se de um modesto empregado do commercio, educado sob o regimen atrophiante dos deveres mercantis, e que, alem da condição de caixeiro, andou cumprindo a sorte commum dos cearenses: perigrinar pela Amazonia, tentando fortuna e envenenando a saude. Telles de Souza é poeta expontaneo, sem os atavios da moda, com um condemnavel defeito: render preito ao inolvidavel condoreirismo de Castro Alves.

Tem sinceridade, doçura no rythmo e boa concepção.

Quando liberta-se da melopéa retumbante da decahida eschola de 1870, apresenta duas bellas facetas abonadoras de um estro fecundo: é camoneano nas quatorze cadeias de um soneto, e cantor feliz das nossas

encantadoras lendas. O *Amor* (adiante transcripto) póde ser incluido na collectanea mais selecta da lingua portugueza; e a *Yára*—lenda amazonense—impõe-se como a prova documental de que o seu cantor está no caso de preencher a sensivel lacuna de nossas letras quanto ao esquecimento em que jazem as ricas lendas e tradições aborigenes.

O *Amaryllis* é prefaciado pelo nosso con-socio Antonio Bezerra de Menezes, poeta e historiador, que, reunindo no coração todas as fibras do Ceará, concita Telles de Souza a abandonar a poesia banal dos *sonetoides*, e dedicar-se a cantar esta natureza eternamente illuminada, e as nossas legendas infinitamente repassadas de poesia e amor.

São nossos votos que o talentoso poeta tome o conselho do mestre.

AMOR

Amor, o que és?—um pérfido tyranno!
Mixto de aroma e mel e de amargura,
Gosto e desgosto, engano e desengano,
Prazer e dor, ventura e desventura.

E's poderoso e forte, e, soberano,
Reinas no coração da creatura...
Mysterioso filho de um arcano...
A Vida, a Morte, o berço, a sepultura!

Por ti o pranto se transforma em riso,
O riso em dor, a dor em paraiso,
O paraiso em bárathro profundo!

Pesadêlo cruel! sonho dourado!
—Se houver no Mundo quem não tenha amado
Será, de certo, o mais feliz do Mundo!...

MANOEL FELICIO—Galdino Chaves—Baturité.
O cabecilha das revoltas amazonenses, o destemido

e inditoso Manoel Felicio Maciel, teve no Snr. Galdino Chaves um piedoso amigo. A sua biographia, os traços mais salientes da agitada existencia do valente cearense, não ficarão no olvido; embora em humilde brochura, ahi restarão como subsidio a quem tenha de mais tarde estudar as chronicas de sangue e miserias do meu laz e fabuloso Amazonas.

Poemas Sentidos—Arthur Bomilcar.

Mais um poeta a alistar-se entre a numerosa pleiade que em nossa terra cultiva a rima com habilidade e bomgosto, e que póde aliás tirar melhor proveito dos seus bellos dons de intelligencia em assumptos de resultado mais pratico.

Não é necessario dizer muito sobre um livro de versos. O poeta conhece a arte, tem inspiração e originalidade. Canta o amor, as desillusões, a saudade, e essa vaga nostalgia de um mundo que ninguem sabe onde existe, propria de certos temperamentos doentios por terem sensibilidade de mais.

Bomilcar é um romantico entre os decadistas. O luar do amor brilha nas paginas do *Poemas Sentidos*, como o luar dorido do inverno pratêa melancholicamente as frondes de um bosque de cyprestes.

A nossa missão não é fazer critica nessa resenha; é, registrando as publicações, externar ligeiramente impressões de leitura.

O alvorecer de 1903 terá no Ceará uma promissora colheita de trabalhos literarios: O *Cancioneiro do Norte*, de Rodrigues de Carvalho (no prelo); a *Casa mal-Assombrada*, poemeto, de Alvaro Martins (tambem no prelo); a 2.ª edição das Scenas Populares do notavel poeta cearense Juvenal Galeno (tambem a imprimir-se), e o romance de Papi Junior *Gemeos*.

Já é uma boa nova ao leitor; e não será immodestia dar como boa nova: pois trata-se de uma colheita li-

teraria que tem por fim accentuar a vida do norte, e deixar bem patente que não é só na Capital da Republica (onde os intellectuaes teem allianças offensivas e defensivas para o elogio mutuo) que existem escriptores. Esta futura serie de publicações corresponde ao proposito que desde certo tempo nutre o Centro Literario de perpetuar pela arte as tradições populares, os costumes, os scenarios, da fecunda região nortista do Paiz.

Alvaro Martins canta as praias e o sertão nos seus livros: *Pescadores da Tahyba*, *Agonia Suprema*, e *Casa Mal-Assombrada;* Rodrigues de Carvalho enfeixa no seu *Poema de Maio* a vida e costumes da zona ao sopé da Borburema; offerece fecundo subsidio para o *Folk-lore* brazileiro, com o seu *Cancioneiro do Norte;* Papi Junior publica o *Simas*, photographando a vida actual do Ceará em contacto com a Amazonia; e para provar que pelos Estados ha quem conheça de perto as escrabosidades do meio fluminense, estampa no *Gemeos* o Rio de Janeiro de 20 annos passados; Juvenal Galeno arranca de seu thezouro literario uma joia ao caso, refundindo-a para melhor accentuar a poesia do simples viver do norte.

Bem se vê que ha um plano para uma literatura muito nossa, moldada sobre a ethnographia, o meio ambiente e a civilisação, emfim.

O anno de 1903 é o em que o Ceará commemora o tri-centenario de seu povoamento pelos colonisadores; essa commemoração exige uma unica solemnidade: que os homens de letras envidem todos os esforços para que a historia, a industria, as sciencias, as artes, emfim todos os ramos de actividade sejão tratados condignamente.

A mocidade e os que já teem a meditação attestada pelos cabellos brancos, devem considerar bem que o documento a transmittir ás gerações futuras sobre as condições actuaes do Ceará necessita ser, quando menos, a copia do grande amor que a elle devotamos.

RODRIGUES DE CARVALHO.

REVISTA

DA

ACADEMIA CEARENSE

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DOS DRS.

Pedro de Queiroz, Henrique Theberge e Barão de Studart

Forti nihil difficile

DIVISA DE BEACONSFIELD.

TOMO VIII—1903

ANNO DO TRICENTENARIO DO CEARÁ

Assignatura annual—4$000

FORTALEZA

TYP. STUDART — Rua Formosa, n.º 46.

1903

DIREITO CIVIL

CABEÇA DE CASAL

Póde o cabeça de casal accionar e ser accionado *in solidum* ?

Duas são as correntes de opiniões sobre o assumpto, e essa divergencia em materia tão commum é originada pela dupla feição que desde longa data se empresta ao direito privado: distincção do direito civil e do commercial, e fusão desses dous ramos.

A Allemanha e a Italia são os centros de cultura juridica mais adiantados, e é justamente nesses dous centros aonde as duas theorias se degladiam.

Endemann, tratando da fusão do direito privado, sustenta abranger o direito civil a unificação, predominando sobre o commercial. Vidari, secundado por Vivante, prenuncia a fusão com o predominio do commercial; quando a verdade é que a distincção ha de existir sempre, porque é inconcebivel que o direito que regula as relações de compra e venda regule igualmente as relações da familia, etc. Uma tendencia, porem, se observa por toda a parte; é que a fallencia ha de ser um instituto adaptavel tanto á insolvencia de natureza vil, como á de natureza commercial. Ficará no direito mo hypotheca, regulando nos dous campos distinctos.

No Brasil defendem esta moderna theoria :—Coelho Rodrigues, Carvalho de Mendonça, Carlos de Carvalho e Clovis Bevilaqua.

§

Desse estadio do direito decorre a theoria de que a herança póde ser equiparada á massa fallida, com certas variantes; emprestando-se-lhe dess'arte um esboço de personalidade juridica, não só por que a massa fallida já o é por força do direito commercial, como por fim no direito romano a herança jacente tinha tal personalidade.

De facto, o periodo provisorio em que o testamenteiro exerce poderes de administrador, uzando de certos direitos proprios desse encargo, como: pagar juros, foros, decimas, evitar deterioração dos bens do acervo, interromper prescripção, uzar dos meios acauteladores contra algum devedor que tente auzentar-se furtivamente; bem assim agir com a devida solicitude sempre que estejão os bens do espolio diante de prejuizo imminente: dão ao cabeça de casal uma illusoria feição de personalidade juridica. D'ahi affirmarem civilistas poder o cabeça de casal demandar ou ser demandado *in solidum*.

Neste falso supposto incorreram Moraes, Pereira e Souza, Corrêa Telles, Borges Carneiro e Coelho da Rocha, este envolto em palpavel contradicção.

Contradictando a opinião de tão abalisados juristas surge o espirito moderno, tão dignamente representado por Teixeira de Freitas, Carvalho e Araripe, Ramalho e Carlos de Carvalho, etc.

§

Pelas Ord. do Reino as dividps activas, como as passivas, devem ser descriptas afim de se calcular exactamente o patrimonio do *de cujus*, e com igualdade se poder partilhar entre os seus herdeiros, feitas as deducções para satisfação dos credores. Em quanto a par-

tilha não é terminada, o acervo é responsavel pelo pagamento das dividas do *de cujus;* feita, porém, ella cabe a cada um dos herdeiros proporcionalmente ao quinhão hereditario que lhe coube responder por esse pagamento. (Ord. L. I, T. 88; Pereira de Carvalho; Bevilaqua; tudo citado no projecto do Cod. Civil Braz., art. 2178). Ora, o espirito do nosso direito escripto é que sejam separados bens para occorrer as dividas passivas, com audiencia dos credores. E si o testamenteiro ou cabeça de casal tem um curto prazo para dar bens a inventario, como poder promover acção ou ser accionado em pleitos demorados, que desvirtuam a natureza do seu encargo?

§

O cabeça de casal, em quanto se não faz a partilha, é um simples administrador, enfeixando nas mãos unicamente poderes inherentes á conservação do acervo, sem outhorga de qualquer especie, clara ou implicitamente conferida, que se não coadune com a natureza d'aquelle encargo.

Para propôr uma acção ou para contestal-a é preciso ter nella interesse legitimo, qualidade que desdobra-se nessas modalidades: existencia de um direito, interesse de agir, qualidade para agir, e capacidade de agir. N'um pleito em que se envolva o cabeça de casal, a capacidade de agir é propria do *de cujus;* e quem o representa em sua integridade?

Todos quantos constituirem a massa dos herdeiros. Cada um delles é uma molecula desse corpo que só pode agir solidariamente unificado.

Obedecendo a semelhante orientação foi que Carlos de Carvalho consagrou em sua «Nova Consolidação das Leis Civis»: O inventariante, salvo casos expressos em lei não poderá ser demandado *in solidum* pelas dividas do acervo, sendo indispensavel a citação de todos a quem o negocio interessa (Art. 1847).

A Relação do Estado do Rio de Janeiro acostou-se á doutrina contraria, reconhecendo no cabeça de casal o direito de demandar e ser demandado *in solidum;* mas fel-o com tanta dubiedade que para apoiar a sua decisão allegou tratar-se de «inventariante e tutora de dois filhos, UNICOS COM DIREITO a toda herança deixada—não parte illegitima, mas competente para o fim a que se propoz, pois ELLA SOMENTE ELLA pode representar seus ditos filhos, que como menores, são incapazes de por si sós figurar em juizo.» (Revista de Jurisp. 3.º vol. de 1898, pag. 301 e seguintes).

Aqui trata-se de um caso *sui generis* em que a principal doutrina assenta no direito de representar o menor em juizo quem exerce o patrio-poder (Dec. 181 de 24 de Janeiro de 1890, art. 56 § 5; cod. penal art. 407 § 1).

§

Coelho da Rocha esposou a doutrina contraria; mas, dando copia de uma falta de firmeza em seu modo de pensar, descambou para a contradicção.

Depois de reconhecer no cabeça de casal a plenitude de direitos de procurador geral, de especificar attribuições amplissimas de demandar ou ser demandado, diz: «...a sentença não faz lei contra os outros, que não foram ouvidos, e poderiam ter outros meios de defeza; e a execução contem uma alienação, para a qual não é auctorisado o cabeça de casal.»

«Nas acções pendentes com o defuncto não basta a habilitação do cabeça, é necessaria a de todos, etc., etc.» (Int. de D. C. nota U ao § 475).

Civilistas patrios que teem collaborado no projecto do Cod. Civil modernamente abraçam esta ultima parte do que diz Coelho da Rocha na referida nota: «Nos inventarios judiciaes serão attendidos as dividas em que consentirem expressamente todos os interessadss.» (Art. 2180 do projecto Clovis, revisto pela Commissão especial —vols. 5 e 6 pag. 524).

§

Recapitulando, pensamos :

I — que o cabeça de casal não pode accionar, senão nos casos em que os bens do acervo estejam sob ameaça de prejuizo imminente ;

II — que só póde ser accionado conjunctamente com todos os herdeiros.

—

Salvo melhor juizo.

Rodrigues de Carvalho.

Ceará — Outubro — 903.

Resenha bibliographica do anno

POR J. RODRIGUES DE CARVALHO.

O anno de 1903 foi pobre de producções litterarias: um certo marasmo cahiu sobre os que, deixando por instantes o terra-terra da vida pratica, dedicam-se a esse bemfasejo dilettantismo das lettras. Uma certa depressão social abate todos os estimulos de ideaes generosos, e o pessimismo tudo esterilisa.

Se não fôra o devotamento de dous ou tres abnegados, insistindo por uma commemoração digna do nome cearense, para perpetuar na gratidão publica os nomes dos primeiros povoadores desta região, tres seculos envoltos no silencio da indifferença, poderiamos dizer que os intellectuaes do Ceará dormiram todo o anno.

Felizmente foi de alguma forma resgatada a falta com a publicação dos trabalhos attinentes ao glorioso feito de Pedro Coelho de Souza.

Dos trabalhos avulsos só nos recordamos dos seguintes:

A CORUJA, poemeto, de Julio Olympio, 50 paginas, Typ. Minerva, 1903.

Uma collecção de poesias, concatenando um episodio de estroinice infantil, em que o poeta revela muito coração e muita cadencia na arte da rima.

A primeira parte do poemeto é inspirada, fluente terna e sincera.

Traz um prefacio de Rodrigues do Carvalho.

CASA MAL-ASSOMBRADA, poemeto de Alvaro Martins, 70 paginas, Typ. Minerva, 1903.

O estro do cantor dos «Pescadores da Tahyba», surgiu radioso e feliz, offerecendo ás bôas estantes um livrinho de bom gosto e ternamente sentido.

E' um entrecho da vida campezina, com muita côr local nos scenarios e nas scenas

Alvaro Martins prestou um serviço relevantissimo editando este poemeto, continuação da sua obra encetada nos «Pescadores da Tahyba». Aqui elle canta as praias, alli a zona serrana, faltando apenas o sertão para que tenhamos n'uma obra d'arte estampada a nossa vida e a nossa natureza.

Poucos cultores das musas no Brazil teem a singeleza poetica do cantor cearense; e se incorrecções ás vezes o atraiçoam, ou alguma reminiscencia de auctor lido tenta desvirtual-o; salva-o, como uma gloria desta terra, a espontaneidade de seu talento poetico e a orientação que tem sabido dar á sua obra, tornando-a nossa, muito nossa.

ESTAÇÕES — A. Angelitino Martins, Typ. Minerva, 1903

Deu-nos o novel poeta cearense um livrinho de esperançosa estréa.

E' um conjuncto de soctos elaborados com certo cuidado e inspiração.

MANUAL DO HABEAS-CORPUS, por Nascimento e Silva, Typ. Minerva, 1903. Editores Militão Bivar & C.ª

São raras, entre nós, as publicações de obras de direito; havendo mesmo uma certa indifferença da parte de quem podia dar trabalhos dignos de publicidade. Em vista desta escassez, a teutativa do Snr. N. Silva, pratico advogado de S. Bernardo de Russas, é digna de encomios. Trata-se de um livrinho contendo formulas para os diversos casos de *habeas-corpus*, precedidas de notas e excerptos de legislação attinente á materia.

Traz um ligeiro prefacio de Rodrigues de Carvalho, em que são notadas as lacunas do livro.

Que aos cultôres do direito no Ceará seja o *Manual do Habeas-Corpos* uma verdadeira emulação.

A segunda parte das obras editadas são por influencia da commemoração do tri-centenario da vinda dos primeiros portuguezes ao Ceará.

CANCIONEIRO DO NORTE. Rodrigues de Carvalho, 210 paginas, Typ. Minerva, 1903. Editores Miliáto Bivar & C.ª

A respeito tem a palavra o illustrado Snr. Dr. Alfredo de Carvalho, culturado espirito do meio litterario Pernambucano, de cujo Instituto Historico é um dos luminares.

«Numerosas e significativas, perduraveis e louvabilissimas foram as manifestações diversas com que o Ceará commemorou, ha pouco, o tricentenario do primeiro contacto da barbaria das suas populações indigenas com os portadores da civilisação européa.

Esta celebração, cuja patriotica iniciativa emanou do bello coração e da intelligencia previdente do Snr. Barão de Studart, traduzio-se tambem pelo apparecimento de varias memorias sobre assumptos de historia cearense, e da interessante collectanea intitulada — CANCIONEIRO DO NORTE.

Poeta estimado, observador curioso, critico penetrante, habituado a lidar com o povo e profundo conhecedor da sua indole, Rodrigues de Carvalho conseguio reunir um material novo e precioso para o estudo da nossa «litteratura oral», infelizmente tão descurada depois de Sylvio Romero e de Mello Moraes Filho. Divergio, porém, do laureado respigador e analysta dos *Contos e Cantos Populares do Brazil* na forma porque encarou o assumpto, e fel-o, talvez, com razão.

Evidentemente o brasileiro, como typo anthropologico definido, não existe. Conforme notou o preclaro espirito

de Euclides da Cunha, nesta parte da America colonisada pelos portuguezes as tres raças iniciaes não se resumiram nem se unificaram, antes se desdobraram gerando numero igual de sub-formações, substituindo-se pelos derivados, sem qualquer apuração, em mesclas tão abundantes que ao proprio Quatrefages surprehenderam. E si considerarmos, ainda mais, as disparidades telluricas e climatericas, a intensidade dos cruzamentos, as condições historicas, a interferencia—pela invasão outr'ora e hoje pela immigração—de outros povos da Europa, phenomenos estes todos divergentes n'um a outro extremo do paiz, comprehenderemos facilmente porque a nossa nacionalidade não possue até hoje unidade ethnico-psychologica e se fragmenta, mau grado a communhão politica e religiosa, em grupos assaz distinctos.

Attendendo a que, no actual periodo de formação de typo brasileiro, cuja feição definitiva é um problema não resolvido, o trabalho de selecção ethnica, exigido nas investigações do *Folk-lore*, é de todo negativo, Rodrigues de Carvalho restringio a ambito mais modesto as suas pesquizas.

«Quem conhecer esta zona comprehendida entre a fóz do S. Francisco e a do Parnahyba, escreveu elle, todo o explendor tropical desta naturesa, as praias, os brejos, os engenhos, as cidades, os sertões, os costumes, as festas, as lendas, preferirá, como eu prefiro, concatenar as producções de um livro de canções populares, mais pelo assumpto que se prende a cada zona, do que ao elemento ethnico propriamente dito.

«Estudemos, pois, o meio physico, a sua influencia sobre o meio moral; fallemos tambem das multiplas modalidades por que o espirito do nortista se revela nas suas crendices e folgares; e depois desse scenario offereçamos ao povo o resultado da sua propria vocação artistica, fructo dessa expontaneidade anonyma, caracteristica do espirito meridional do brasileiro.»

No substancioso «prefacio», onde folgamos de encontrar mais duma opinião plausivel, descreveu os prin-

cipaes divertimentos populares do Brazil Oriental, e resenhou bôa copia de abusões, crendices, usanças, superstições e ridiculos processos therapeuticos, cada um dos quaes—devidamente investigado e aprofundado—forneceria elemento para curiosa monographia; é pena que, neste particular, o autor deixasse de se abeberar nos conscienciosos estudos do pranteado Dr. João Alfredo de Freitas, omittindo assim uma pagina interessantissima sobre o nosso *fetichismo politico*.

Passemos ás composições poeticas, que constituem o grosso do volume e podem ser genericamente divididas em duas especies.

A primeira, onde dominam quasi exclusivamente as quadras octosyllabas, chamadas alhures de *versos geraes*, comprehende as modinhas e cantigas improvisadas no enthusiasmo dos *desafios* entre cantadores de profissão; por vezes estas quadras se agrupam em series, com retornellos e caracter narrativo, mas, em geral, chrystallisam apenas uma idea isolada vinculando-se umas ás outras tão sómente pela identidade das rimas.

E' esta a forma sob a qual se nos depara mais frequentemente a musa popular, é a mais usada, é a mais facil; os seus cultores raras vezes alcançam vencer a monotonia das consonancias finaes—sempre repetidas na sua penuria de vocabulario—pelo effeito intrinseco das concepções e o vigor das imagens. Mas, têm, um dia surprezas que assombram, comparações de originalidade e subtileza admiraveis. Em Taboleiro de Arêa, no Ceará, um cantador popular, *philosopho* sertanejo de chapeu de couro, analphabeto e rude, improvisou a seguinte quadra verdadeiramente genial:

«No ventre da Virgem pura
Entrou a divina graça;
Como entrou tambem sahiu
Como o sol pela vidraça.»

Comtudo, semelhante perspicuidade de entendimento, delicadeza de imagem, não são vulgares: de commum a premura da replica instantanea não deixa aos trovadores de *pé de viola* lazer para complicados raciocinios, e o soberano encanto dos seus versos reside sobretudo na pasmosa presteza com que são improvisados pelos dous contendores, na febre do torneio, guardando sempre as mesmas rimas e alterando sempre, soiente e inopinadamente os themas.

A' outra classe, menos copiosa e frequente, pertencem as producções dos rhapsodas ignorados, Homeros anonymos, cuja lyra tôsca tem perpetuado, sob a fórma preferida de decimas, de glosas e de bemdictos, os successos mais famosos da chronica popular, reflectindo com nitidez igual as grandes catastrcphes e triumphos nacionaes, e as proezas truculentas de façanhudos criminosos.

Si as possuissemos completas, numa seriação continua e ininterrupta, teriamos, nestas versalhadas commemorativas, ao lado da historia official dos autores cultos, outra curiosa e ingenua historia popular desafiando-se num rosario encantador de legendas pittorescas, todas as phases da nossa evolução.

Infelizmente dellas nos restam apenas escassos fragmentos de epocas relativamente proximas. Entretanto é de suppor, com toda a plausibilidade, já no seculo do descobrimento, o estro popular celebrasse os feitos mais estrondosos das lutas contra os incolas; mais tarde, certamente, os fastos epicos da guerra hollandeza forneceram assumpto abundante ás canções do povo: tudo, porém, jaz irrevogavelmente sepultado para sempre no inviolavel silencio do passado.

E é pena terem-nas os velhos chronistas desdenhado! Frei Manoel do Salvador teria feito no seu *Valoroso Lucideno* um livro cem vezes mais precioso, si houvesse recolhido os versos asperos com que, nos acampamentos pernambucanos, a invicta soldadesca de Vieira, Vidal, Camarão e Dias celebrava os seus gloriosos combates, que o bellicoso frade pretendeu sublimar roceiramente, em

oitava rima, no couce dos capitulos da sua desalinhavada chronica, onde, entretanto, ha notas que relembram o valor mavorice dum Villehardouin, a fé viva dum Joinville a a curiosidade obsidente dum Froissart. Mas, não no fez, nem no fizeram os seus proximos continuadores. E' forçoso volver a datas muito mais recentes afim de encontrar o mais remoto specimen deste interessante genero poetico: é apenas uma quadra isolada alludindo ás desventuras do governador de Pernambuco, Furtado de Mendonça, o desadorado *Uxumbergas*, deposto e preso, em 1666, pela arrogante nobreza olindense. Posteriormente é preciso galgar de novo ampla solução de continuidade historica para deparal-o outra vez registrando, em fins do seculo XVIII, as tribulações do famigerado *Cabelleira*.

E' só após a Independencia que esta penuria decresce e o cabedal das canções populares allusivas a factos politico-sociaes toma cultos nas raras collecções do nosso *Folk-lore* até agora publicadas. Na de Rodrigues de Carvalho figuram em quantidade exigua demais em proporção ás da primeira especie, devido, sem duvida, á sua menor frequencia na zona costeira onde o autor colheu a maior parte dos elementos do seu *Cancioneiro*.

Mas, ha no seu bello livro, alem deste desculpavel senão, outro defeito menos perdoavel: releve o Autor á nossa probidade o apontal-o.

Objectamos contra a inclusão, numa anthologia deste genero, não só dos themas populares metrificados por poetas lettrados—tal A YÁRA de Telles de Souza—, bem como dos poemas da lavra de individuos que, tendo possuido consideravel cultura mental, regressaram degenerados ao nivel das classes analphabetas, qual o desventurado bacharel Julio Vaz Curado ou o misero estudante Lourival Assucena: em ambas as hypotheses é flagrante uma directa influencia litteraria que exclue a ingenuidade natural e expontanea de verdadeiro *Folk-Lore*, porquanto, sob a denominação de «poesia popular», já o disse o grande *Steindhal*, se deve comprehender não tanto o que o povo *canta*, mas, o que o povo *produz*; do contrario

urgiria contemplar nas suas lindes as numerosas canções de Casimiro de Abreu, Alvares de Azevedo, Castro Alves, Bruno Seabra, Tobias Barretto e tantos outros, estropeadas, em noites de plenilunio, pelos trovadores de *serenatas*.

Não obstante estas ligeiras falhas o CANCIONEIRO DO NORTE é um livro prestabilissimo, e o patriotico exemplo do seu illustre Autor, tão digno de fervorosos applausos, merece ter seguidores idoneos.

E estes virão de certo.

Quanto a Pernambuco, podemol-o assegurar, a obra preciosa de Rodrigues de Carvalho terá em breve um complemento amplissimo e quasi definitivo: *O Folk-Lore Pernambucano*, vasto repositorio onde o espirito investigador e a intelligencia polymorpha de Pereira da Costa accumulou somma verdadeiramente prodigiosa de materiaes ineditos.

(Do *Jornal do Recife*).

ALFREDO DE CARVALHO.»

Nesta campanha de elevar o Ceará pela sua historia tem o bastão de commando o Exm. Snr. Barão de Studart, nome já laureado pelos competentes.

Foi sua a obra material do «Tricentenario Cearense»; o seu espirito quiz fazer mais, e deu-nos os mais valiosos subsidios historicos, que são por assim dizer a moldura de ouro de tudo quanto se editou.

Mas como é preciso, e o fazemos gostosamente, enumerar todos os trabalhos a que deu aso a Commemoração do Tricentenario, ao lado daquelles que são da lavra do Barão de Studart fiquem registrados os dos outros que collaboraram para o esplendor das lettras cearenses naquella occasião para sempre memoravel.

Aqui vae a lista:

—Francisco Pinto e Luiz Figueira. O mais antigo documento existente sobre a historia do Ceará.—Martim Soares Moreno. Documentos para sua historia.—Carta do

jesuita P.e Manoel Gomes que foi na Armada de Alexandre de Moura ao Maranhão.—Estrom.to q enuiou o capitão de Sousa q reside no presidio do Buraco das Tartarugas sobre o successo q aly teve com os Franceses q sayrao em terra.—Historia Portugueza e de outras Provincias do Occidente desde o anno de 1610 até o de 1640 da Felice Acclamação de El Rey Dom João o 4.º escritta em trinta e huma Relações por Manoel Severim de Faria, Chantre da Sé de Evora. Traz como appendice 50 documentos, ineditos, pertencentes á Collecção Studart.

Sobre esses trabalhos iniciou Capistrano de Abreu n'*A Noticia* uma serie de artigos, escriptos com a competencia que ninguem lhe recusa e que o fazem tão acatado e avidamente consultado. O 1.º artigo da serie traz a seguinte introducção que para aqui transcrevemos, data venia :

«Começam a chegar trabalhos commemorativos do tricentenario do Ceará. Do Barão de Studart, o erudito e incançavel investigador, já recebemos dois, um relativo a Martim Soares Moreno, outro aos jesuitas Francisco Pinto e Luiz Figueira. Aquelle conta, com poucas interrupções, trinta annos quasi de historia cearense; este narra o triste fadario dos primeiros evangelisadores daquellas regiões,

Seria interessante inquirir como Guilherme Studart, doutor em medicina, cultor de sciencias positivas, enthusiasta de sua profissão, passou a quasi exclusivamente consagrar-se a estudos historicos. Sua mais antiga publicação neste ramo data de cerca de vinte annos, e trata da familia a que pertence pelo lado materno. Si assim succedeu de facto, póde-se bem repetir as palavras do poeta sobre outro Guilherme, Wilhelm Meister, que, como Saul, filho de Cis, sahindo a procurar o fato paterno, tornou, ungido, com um reino.

Circumstancia de grande alcance para conserval-o nestes dominios, uma vez devassados, deve ter sido a abundancia de documentos colhidos aqui e além mar.

Achar suppõe como condição prévia procurar, e elle tem procurado e achado tanta coisa e tem tido tal felicidade que não é facil dizer. Sua monographia sobre Martim Soares Moreno assenta sobre vinte e nove peças justificativas, das quaes só uma conhecida antes de suas pesquizas. A tragedia de Ibiapaba funda-se apenas em um testemunho mas este provém de um dos protogonistas, occupa cincoenta paginas de impressão, e póde ser comparado sem desvantagem com os mais importantes documentos de nossos annaes. Si tempos primitivos tão opulentamente estão representados, póde imaginar-se o que succede com épocas menos remotas.

Na publicação e elaboração do material reunido tem consumido mais de vinte annos, e prosegue ainda com o ardor dos primeiros encantamentos. Leva a correcção das provas a um apuro verdadeiramente raro Para ser o ideal do editor de papeis velhos, pouco lhe falta. Falta declarar sempre o paradeiro dos seus documentos, deixando de parte as tristes reservas de um Varnhagem para adoptar a franqueza e o desassombro de um Harrisse, de um Rio Branco, de um Medina. Falta-lhe occupar-se menos com os escriptos de pessoas não conhecedoras de documentos só por elle revelados; isto dá ás suas palavras um tom militante, e ás vezes aggressivo contra os antecessores da mesma seára. Si em vez disto, se applicasse mais exclusivamente ao exame do material assombroso que tem accumulado, o estudo intensivo dos documentos facilmente lhe daria resultados mais fecundos do que rectificações que qualquer faria á vista delles.

E agora percorramos rapidamente as duas publicações do benemerito Barão de Studart.»

—Pero Coelho de Sousa no Ceará. Por Antonio Bezerra.

—Ha 300 annos. Pedro Coelho de Sousa. Por João Brigido.

—Oração Sacra produzida no Te-Deum de 31 de Julho na Sé Cathedral do Ceará. Pelo Padre Francisco Valdivino Nogueira.

—O Tricentenario do Ceará. A Evolução Cearense. Por Pedro de Queiroz.

—Discurso proferido na sessão commemorativa do Tricentenario do Ceará por Godofredo Maciel, membro da commissão representativa do Congresso de Sciencias Praticas.

—Discurso proferido na sessão commemorativa do Tricentenario do Ceará por Domingos Bonifacio, membro da commissão representativa do Instituto Academico Clovis Bevilaqua.

—Será discutivel a Prioridade dos Portuguezes no descobrimento da America? Pelo Padre Carlos Teschauer, da Ordem de Jesus.

—Traços ligeiros sobre a evolução da musica no Brazil e especialmente no Estado do Ceará. Por Zacharias Gondim.

—Commemorando o Tricentenario do Ceará. Poesias de Alvaro Martins e Rodrigues de Carvalho.

—Diccionario Geographico, Historico e Descriptivo do Estado do Ceará. Por Alvaro Gurgel de Alencar.

—A Costa Nordeste do Brasil na Cartographia antiga. Por Orville A. Derby.

—Primazias do Ceará. Por T. de Alencar Araripe.

—Os dois primeiros Bispos do Ceará. Por Monsenhor Bruno de Figueredo.

—1603-1903. Pelo Dr. Americo Barreira.

—Folk-lore Cearense. Por J. Rodrigues de Carvalho.

— As manchas do Sol e as Seccas. A causa destas e os meios de attenuar seus effeitos. Pelo Snr. Rodolpho Theophilo.

—Diario da expedição de Mathias Beck ao Ceará em 1649. Traducção do hollandez por Alfredo de Carvalho.

—O Tricentenario. Discurso pronunciado pelo Dezembargador Paulino Nogueira Borges da Fonseca na sessão solemne de 31 de Julho.

—O Ceará ha 40 annos. Por uma testemunha contemporanea. Quatro aspectos: O Ceará Physico. O Ceará

Civico. O Ceará Abolicionista. O Ceará Industrial. Pelo Barão Homem de Mello.

—O Tricentenario. Discurso proferido pelo Dr. Th. Pompeu de S. Brasil na sessão solemne de 31 de Julho de 1903.

—Allocução proferida na sessão civica de 31 de Julho de 1903 pelo Dr. José Lino da Justa, representante do Centro Litterario.

—Discurso proferido na sessão solemne do dia 31 de Julho por João Araripe, representante da Phenix Caixeiral.

O Exm. Snr. Barão de Studart fez enfeixar 16 desses trabalhos, os que tratavam de assumptos propriamente historicos, em bellissimo volume de 431 paginas sob o titulo *Commemorando o Tricentenario da vinda dos primeiros portuguezes ao Ceará*, profusamente espalhado no Paiz e no Estrangeiro. A alguns desses trabalhos acompanham mappas preciosos.

Como se vê, as festas do Tricentenario foram ruidoso acontecimento sob qualquer ponto de vista por que se o encare.

Alfredo de Carvalho, cujos dotes intellectuaes já revelados em tantos trabalhos e cujas sympathias, muito para serem apreciadas, para com os homens e cousas do Ceará, deram-lhe direitos ao titulo de socio correspondente com que acaba de ser distinguido pela Academia Cearense, escreveu no *Jornal do Recife* a seguinte interessante apreciação sobre o *Livro do Tricentenario*:

« Commemorando o tricentenario da vinda dos primeiros Portuguezes ao Ceará—1603-1903—Ceará, Typ. Minerva de Assis Bezerra, 1903, in-4.°, 431—II pp., 3 mappas.

A crescente generalisação da pratica de festejar a volta secular de datas assignaladas por acontecimentos famosos, successos notaveis ou natalicios de grandes homens, vae felizmente attingindo tambem a nós brasileiros.

E' que o merito destas celebrações centenarias se manifesta claramente sob varios aspectos.

Não satisfazem apenas á curiosidade obsidente do

antiquario, abrasado do desejo de penetrar os arcanos do preterito, tem ainda outro interesse mais geral e de mais directa utilidade, o de avivar na alma das nações a lembrança tonificante das suas origens, dos estadios onde repouzaram, após o mourejar em fecundas tarefas, os seus fundadores ou a recordação nostalgica de feitos gloriosos e de heroicas façanhas, ou ainda o de simplesmente salvar da erosão destruidora do olvido factos mais modestos, porém, tão significativos como os mais brilhantes triumphos marciaes.

Rememorando a ida dos primeiros portuguezes ás plagas «onde a jandaia canta nas frondes da carnahuba», tiveram este caracter as festas que, a 31 de Julho ultimo, jubilaram a população de Fortaleza, e das quaes o presente livro é a genuina manifestação litteraria.

O alentado volume, muito bem impresso em excellente papel, consta duma collectanea de memorias de varias procedencias, mas todas pertinentes a assumptos cearenses e, na quasi generalidade, de indiscutivel importancia.

Na breve monographia inicial o Dr. Pedro de Queiroz traça num quadro resumido mas de grande verdade culturhistorica «A Evolução Cearense», expondo com rara precisão o lento processo da formação deste povo laborioso e tenaz, desde a sua mesquinha infancia, na era de «Seiscentos» até á sua actual vitalidade prodigiosa e extraordinaria força de expansão, culminando na opulenta conquista dum novo «El Dorado», nas mesmas paragens onde o sonhara outr'ora a imaginação escandecida dos ferozes companheiros de Orellana e de Lope de Aguirre.

A' substanciosa contribuição do applaudido critico succede outra memoria preciosa, sobre o desventurado primeiro explorador do Ceará, Pedro Coelho de Souza, da lavra de Antonio Bezerra de Menezes, talvez o melhor sabedor dos factos cearenses nos menores detalhes mercê de afanosas e ininterruptas investigações em todas as bibliothecas e archivos do Brasil, pesquizas sempre conduzidas com superior criterio e perspicacia admiravel.

Ao mesmo assumpto consagra, em seguida, algumas paginas o colendo historiographo espirito-santense João Brigido, com a sinceridade emotiva e a profundeza de erudição que, vazadas no seu estylo tão pessoal, dão exquisito sabor de originalidade nativa aos seus numerosos escriptos.

Vem após o inestimavel contingente fornecido pelo Barão de Studart—o Michelet cearense - homem pouco vulgar nos tempos presentes, de cuja organisação psychica irradiam, numa esplendente aureola de concordia, os raios ardentes da fé, as scentelhas vivaces do patriotismo e as fulgurações luminosas da intelligencia.

Iniciador e principal promotor da significativa celebração, o indefesso e benemerito homem de lettras, opprimido sob o peso enorme da sua realisação material, teve ainda lazer para dar-lhe o concurso da sua privilegiada actividade mental.

E este é preciosissimo: constitue o alicerce, rigido e indestructivel, da historia do Ceará.

Commentando e elucidando o mais antigo documento sobre a terra natal—a Descripção do Padre Luiz Figueira —e outras relações do mesmo extrenuo missionario; ou a autobiographia de Martim Soares Moreno e a sua Relação do Ceará, o Barão de Studart esclareceu definitivamente o periodo primordial da civilisação da patria de Pompeu e de Alencar.

Num excellente estudo que recorda Cuvier reconstituindo animaes extinctos á vista de simples fragmentos osteologicos, o laureado Prof. Orville A. Derby. talento de tão proveitosa actividade para o Estado de S. Paulo, investiga, com agudeza e competencia, nos primeiros mappas do nosso Noroéste a rota obscura dos mais remotos descobridores. O resultado dos seus judiciosos cotêjos parece contrariar ás nossas pretenções pernambucanas de que fôsse em o nosso littoral onde primeiro aportaram os exploradores iberos.

Analysando detidamente as cartas de Juan de la Cosa (1500), de Cantinho (1502), de Freducci (1514 ou

1515), de Maiollo (1519), o de «Turim» (1528), de Diogo Ribeiro (1529), de Alonso de Santa Cruz (1542), de Descelliers (1550) e de Diogo Homem (1558), o illustre geographo tende a regeitar a opinião dominante de Capistrano de Abreu, de ser o Cabo de Santo Agostinho o mesmo Cabo de Santa Maria de la Consolacion, divisado, em dias de Janeiro de 1500, pelo navegante hespanhol Vicente Yanez Pinzon, e inclina se a suffragar o parecer de Varnhagen assignalando como tal a Ponta de Mucoripe, no Ceará.

Sem acceitar, como conclusivas, as suas ponderações, acatamos reverentes o juizo do autorisado mestre, tanto mais quanto vemol-o collocar o problema no verdadeiro terreno, sem incidir na irritante questão da primasia de navegadores precabralinos, cuja acção—digna de inquerito sob o ponto de vista geographico—não tem absolutamente significação sociologica em face das magnas consequencias do descobrimento do almirante portuguez.

Mas, estas rebuscas e controversias pueris sobre prioridades, em geral tão futeis e tão estereis, são um dos themas predilectos dos que entre nós se votam ao estudo do passado!

E' assim que deparamos—sem surpreza—no artigo do veneravdo e respeitavel Cons.º Tristão de Alencar Araripe—*Primazias do Ceará*—com allegações cujo optimismo credulo e carinhoso tem apenas justificação no seu acendrado amôr á terra do berço.

O virtuoso e illustrado sacerdote M.or Bruno R. da Silva Figueiredo subscreve a memoria immediata, dedicada á chronica da Diocese erecta pella Bulla—*Pro animarum salute*—de 6 de Julho de 1854, e narra os feitos beneficos d'*Os dois primeiros Bispos do Ceará*, os preclaros varões D. Luiz Antonio dos Santos e D. Joaquim José Vieira.

Não menos prestimosa, como documento deste incoercivel apêgo ao torrão natal, que é uma das facêtas mais dôcemente luminosas da psyché cearense, é a contribuição do Dr. Americo Barreira, ao mesmo tempo can-

tico de saudades e hymno triumphal ao seu «ninho paterno».

Nestas mesmas columnas já dissemos longamente dos meritos e das excellencias do «Cancioneiro do Norte», de Rodrigues de Carvalho, e fôra reproduzir encomios nos demorarmos em salientar aqui o preço do interessante excerpto sobre o Folk Lore Cearense, que fulgura nas paginas do Livro do Centenario.

Presidente do Ceará ha quarenta annos, o Barão Homem de Mello—sympathico representante d'uma geração a cujos esforços e luzes tanto devemos—concorre tambem com o seu depoimento enthusiastico para o exalçamento da circumscripção territorial que tão sabiamente administrou, e nos rapidos escorços em que tracejou de leve os seus aspectos physico, civico, abolicionista e industrial, ha muita observação exacta e muita ponderação sensata. Pena será, tão benemerito cidadão falleça sem deixar aos posteros a lecção proficua das suas vastas experiencias em *Memorias* indubitavelmente interessantissimas.

Sob a modesta epigraphe—*Traços ligeiros sobre a evolução da musica no Brazil, especialmente no Ceará*, um perfeito conhecedor e eximio cultor da arte sublime de Euterpe, Zacharias Gondim, fornece subsidios ineditos para a constituição desta tão desejada *Historia da Musica Brasileira,* planejada pelo genio de Porto Alegre e tentada pela vontade de Taunay.

Depois destas monographias, todas originaes, o livro que vimos recenseando contém ainda uma traducção do *Diario da expedição de Mathias Beck ao Ceará em 1649* que, recordando a segunda invasão neerlandeza d'aquellas plagas, encerra alguns informes ignorados e aproveitaveis para a historia local, porquanto só agora apparecem pela primeira vez á luz da imprensa.

Muito mais importante e curioso é o artigo que finalisa o volume, artigo onde o claro e fecundo espirito de Rodolpho Theophilo—o estimado romancista, historiador e naturalista—desfaz a hypothese abstrusa de influirem

as manchas solares nas calamidades meteorologicas que, tão cruelmente, têm flagellado o sólo cearense e os seus habitantes.

Eis em rapida indicação o conteúdo do livro do *Tricentenario do Ceará*, onde vemos, concretisado num bello exemplo de civismo, um esforço benefico e plausivel, qual o de advirtir o Presente do que foi o Passado para melhor fazel-o comprehender o Futuro, e isto n'uma phase angustiosa de desalento nacional, quando a maioria dos nossos concidadãos se affoga no marasmo da indifferença, repudiando ingrata ás origens e renunciando pusillanime aos destinos da nossa funcção cultural na America do Sul.»

E' necessario assignalar que o traductor do Diario de M. Beck tão precioso para a historia do periodo Hollandez no Ceará é o mesmo Alfredo de Carvalho, que por um tal serviço fez jus ao reconhecimento de todos os bons cearenses e dos cultôres da historia patria.

REVISTA

— DA —

ACADEMIA CEARENSE

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DOS DRS.

PEDRO DE QUEIROZ, HENRIQUE THÉBERGE E BARÃO DE STUDART

Forti nihil difficile

Divisa de Beaconsfield.

TOMO IX — 1904

ASSIGNATURA ANNUAL — 4$000

CEARÁ-FORTALEZA

Typ. Minerva — de Assis Bezerra.

1904

UNIDADE PROCESSUAL

Memoria lida perante a Academia Cearense pelo socio

RODRIGUES DE CARVALHO

«*Nictheroy, 9 de Setembro de 1904.*

Considerando que dia a dia mais se impõe a necessidade de uma lei commum de processo para todos os Estados do Brazil, submetto ao alto exame de V. Exc. a idéa de um congresso de representantes dos vinte governadores da Republica, no qual fiquem firmadas as bases do projecto da unificação que será proposta ás legislaturas de cada Estado.

Congresso de vinte delegados que se poderá reunir em Bello Horisonte, S. Paulo ou Petropolis, a escolha de V. Exc., terá a presidencia do Snr. Ministro da Justiça ou Procurador da Republica no Supremo Tribunal, conforme voto de V. Exc. Aguardo ancioso opinião de V. Exc. convencido de que nós os homens que temos neste momento a responsabilidade do Governo Federal, poderemos contribuir efficazmente para que mais forte se torne a unidade politica da nossa patria. Saúdo respeitosamente a V. Exc.

Nilo Peçanha. Presidente Estado Rio Janeiro.»

Concita o illustrado e operoso Presidente do Estado do Rio aos demais Presidentes a se reunirem 20 delegados regionaes com o fim de elaborar-se um projecto de lei commum de processo para todos os

Estados. As respectivas assembléas apropriarão ao seu meio, reduzindo a lei, o que fôr deliberado e acceito para toda a communhão brazileira.

E' de uma largueza de vistas pouco commum essa iniciativa do Presidente fluminense; mas, força é confessar, não podemos confiar em sua viabilidade. Expenderemos as nossas razões.

§

Dous são os pontos a separar no direito a que Bentham chamou de adjectivo.

Um, é o que diz respeito ás *formas decisorias*—regulamentação do direito substantivo, com elle intimamente ligado, por ser este mesmo direito se desdobrando para melhor affirmar-se; o outro, é o referente ás *formas ordinatorias*—ou sejão os preceitos externos da acção, formalidades extrinsecas, como a citação, etc., que obedece antes ás condições locaes que á essencia do direito.

Estudado o momentoso assumpto sob estes dous aspectos, não tem razão de ser o accordo dos Estados, por que:

a) no primeiro caso escapa á competencia delles para legislar (como sobre fallencias, hypothecas);

b) no segundo é uma questão de convenieneia topographica, como, por exemplo, maior ou menor espaço de tempo para as citações em regiões desprovidas de meios faceis de communicação, com o Amazonas, Matto Grosso, etc.; o que não deve ser regulado uniformemente, mas obedecendo a essas condições do meio physico.

§

O actual momento historico da politica brazileira, em que a reconstrucção não está perfeitamente solidificada, traz á vida juridica da nação uma certa anomalia, uma falta de equilibrio, como a de que se resente o corpo mutilado de subito em diversos orgãos.

O substituir-se de xofre a unidade politica pela federação absoluta, e concomitantemente a vida ju-

diciaria fragmentada, como se vê; determinou essa falta de condições staticas, á manifestar-se em todos os phenomenos da vida nacional.

A sonhada revisão constitucional; a aspiração de tornar-se a justiça una; e agora a projectada unidade processual; não passam de symptomas dessa falta de adaptação do regimen federativo.

Na America do Norte, onde o elemento ethnographico varia de região a região, dá se igual confusão na vida juridica: a magistratura ora é eleita, ora de nomeação; os juizes estaduaes offerecem menos garantia á cauza da justiça que os federaes; e o jury não é mais garantidor que no Brazil.

Institutos, como a fallencia, existem de natureza exclusivamente federal; as leis respectivas emanão do Congresso da União; e entretanto a pratica de cada Estado esquece a verdadeira lei, para adoptar outras de natureza local. E' Bryce quem aponta-nos semelhantes extravagancias (1).

O processo, como em todos os paizes, organisado com feição federativa, é regulado por lei regional.

Mas, por toda parte onde o direito acompanha o evoluir do espirito humano, manifesta-se a tendencia unificadora do direito privado, o que redunda na unificação processual.

Endemann, Cimbali, Memziger, Yseux, são propugnadores victoriosos da fusão unificadora do direito.

E entre nós ha accentuada tendencia a respeito, o que se evidencia pelas leis hypothecaria, de fallencia, e fusão do processo commercial e civil.

Na America do Norte essa diversidade continua nos modos das manifestações do direito origina-se da diversidade de raça e da constante successão de elemento adventicio; no Brazil, o phenomeno tem a sua cauza na inadaptação da lei constitucional, pedida de emprestimo á grande e original republica americana.

§

De accordo com o art. 65 da Const. Federal não

podem os Estados celebrar ajustes entre si com caracter politico; e ao Presidente da Republica cumpre approvar os que lhes forem indefeso celebrar (art. 48, n.º 16).

Vê-se dos termos do convite que se trata de um accordo com o fim de estabelecer bases que cada assembléa estadoal deve reduzir a lei; mas, qual o meio legalmente coercitivo que possa garantir a estabilidade dessa lei? Não pode a mesma assembléa a seu bel-prazer modifical-a quando lhe approuver? E' illusorio o ajuste, portanto.

O que resalta de tudo isto é que os Estados avocaram uma competencia que lhes não foi conferida pela Const. Federal no tocante ás leis adjectivas. Não ha texto claro, taxativo, que confira aos Estados o direito de decretar leis reguladoras do direito substantivo; essa faculdade avocaram-na elles em consequencia dos debates havidos no periodo constituinte, e por interpretação extensissima ao art. 65 n.º 2 (da Const. da Repub). Alem disto, ha controversia sobre o que deve entender-se exclusivamente por lei adjectiva.

«E' opinião de muitos escriptores que o direito adjectivo não vae até ahi, pois apenas entende com as formulas que representam precauções contra o abuso e o arbitrio, taes como o modo de citação do réo, o numero de testemunhas essencial para a prova, a forma da publicação das sentenças, e outros actos da mesma natureza.» (*Aristides Milton*, Const. do Brazil).

«No direito processual se comprehende não somente o modo pratico do exercicio do direito da acção (formalismo desta), como ainda as condições de legitimidade para a manifestação externa desse direito (objectivismo da acção)—(Acc. do Sup. Tribunal Federal, de 27 de Março de 1896).

O objectivismo da acção é o proprio direito essencial tomando as formas de sua affirmação; e separal-o do direito original, seria desvirtuar o proprio direito, tirar-lhe as condições de vida, como preten-

der separar o systema circulatorio de um ser animado para que este subsista só com os demais systemas de sua phisiologia.

O direito não é uma abstracção, mas um ser vivo, organisado, tendo ao mesmo tempo o lado statico (o preceito), e o lado dynamico (o processo e a acção). O *jus persequendi* não é senão a feição animica do direito constituido.

Pescatore (*Logica del Diritto*, pag. 70) diz ser o processo civil parte accessoria do direito civil: d'onde concluir qualquer processo ser um accessorio do respeetivo direito.

Os maiores juristas patrios condemnão essa anomala diversidade de leis estaduaes que alteraram até a mais respeitavel das instituições—o Jury; como em Pernambuco, onde o sigillo do julgamento e numero de juizes de facto foram inteiramente modificados para peior.

O remedio ninguem havia ainda cogitado ser a acção combinada dos Estados estabelecendo um accordo para convertel-o em lei regional.

Essa diversidade não affecta só as relações juridicas, dissemelhantes de Estado a Estado como se fosse de nação a nação: mas os elos ethnographicos e sociaes. Um povo de uma mesma origem, crendo pela mesma religião, externando idéas por uma lingua commum, preso pelo mesmo destino, não pode estabelecer o equilibrio de seus direitos por essa multiplicidade de normas processuaes.

E Tocqueville, esse Aristoteles moderno, synthetisou neste juizo tudo quanto em outros termos constitue a theoria do meio, raça e momento, expendida por Montesquieu e ampliada por Taine: «Os povos resentem-se eternamente de sua origem. As circumstancias que os acompanharam ao nascer e que os ajudaram a desenvolver-se influem sobre toda a sua existencia» — «Se fosse possivel a todas as nações remontar á origem da sua historia, não duvido que ahi poderiamos descobrir a causa primaria das pre-

venções, dos usos e paixões dominantes,—de tudo em fim quanto compõe o que se chama caracter nacional.»

A uniformidade impõe-se como a restauração de uma norma tradicionalmente adequada á pratica do nosso direito; mas deve ser decretada pelo Congresso Nacional; e si a processualistica tem duas modalidades: a *forma decisoria* a que Pescatore chama direito accessorio; e a *forma ordinatoria*: o Congresso Nacional pode e deve estabelecer a uniformidade das leis adjectivas em sua plenitude (art. 34 n.º 23 da Const. Federal) no tocante ás condições de legitimidade do direito substantivo.

Nos paizes onde predomina a falta de homogeneidade ethnographica, como nos Estados Unidos da America do Norte, é explicavel a diversidade de leis reguladoras de uma mesma materia, variando segundo a feição de cada parte da Confederação, conforme ficou dito.

Na Suissa, nos Estados Scandinavos por exemplo, vai se operando a centralisação, de forma que um só codigo tende a uniformisar as relações juridicas e processuaes.

O factor primordial do direito é incontestavelmente o elemento ethnographico.

§

Em synthese:

A uniformidade processual no Brazil é uma necessidade palpitante; mas o meio de pratical-a sem receios de tergiversações futuras da parte de algum Estado, não é o alvitrado pelo illustrado Presidente do Rio de Janeiro; só o Congresso Nacional pode estabelecel-a coactivamente, de modo que de dia para dia não tenhamos a triste decepção de ver um mesmo assumpto tratado no motu continuo das machinas legislativas dos Estados.

Fortaleza, Setembro de 1904.

---

(1) La Republique Americaine (traducção de Daniel Müller) Vol. I.

REVISTA

DA

ACADEMIA CEARENSE

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DOS DRS.

PEDRO DE QUEIROZ, BARÃO DE STUDART E RODRIGUES DE CARVALHO.

Forti nihil difficile

Divisa de Beaconsfield.

TOMO XI — 1906

ASSIGNATURA ANNUAL—4$000

CEARÁ
Typ. Minerva, de Assis Bezerra

1906

AUTONOMIA MUNICIPAL

A Commissão de Constituição, Legislação e Poderes a quem foi presente o projecto n. 11, em que se estabelecem favores a empresas nascentes, com o additivo que tornou extensivos os mesmos favores até á isenção de impostos municipaes, tendo estudado o assumpto que constitue a seguinte these: «póde a Assembléa Legislativa decretar leis de protecção a qualquer empresa, fazendo comprehender nesse beneficio até a isenção dos impostos municipaes?»: vem dar o seu parecer, que, approvado, deve constituir a legitima interpretação aos §§ 31 e 34 do art. 19 da Const. do Estado.

No direito constitucional brazileiro, que se acha na sua primeira phase de formação, é assumpto radicalmente vencido o pretender-se emprestar soberanias distinctas á União e ao Estado federado, quando pelo vinculo do art. 1.º da Constituição Federal o Estado, outr'ora Provincia, abdicou de sua soberania, na accepção lata para viver na esphera de sua autonomia.

A autonomia é o lado interno da soberania, e sem a comprehensão das duas modalidades—soberania interna e externa, que constituem a indepen-

dencia, não se póde pretender para um orgão da communhão nacional este elevado gráo de emancipação, só compativel com a nação.

O organismo nacional, como o organismo vivo, tem bem claro o seu systema mollecular, que é essa integração de circulos concentricos, que se harmonisão entre si, obedecendo á ligação intima dos seus nucleos: a União, o Estado, o Municipio.

Separal-os, deixando que funccionem com absoluta desconnexão, seria desarticular a propria nacionalidade.

Pela Const. Fed. os Estados organisar-se-ião por fórma que ficasse assegurada a autonomia do municipio em tudo quanto respeite ao seu peculiar interesse.

Esse principio geral veio desdobrar-se nos arts. 55 e 56 da Const. do Estado: «O Estado será dividido administrativamente em municipios, cuja séde, numero, limites, ATTRIBUIÇÕES e deveres serão determinados em lei ordinaria» (art. 59). Ora a lei ordinaria que regulou aquelle artigo, dispositivo que é como um mesmo movimento vibratorio partido do pacto fundamental, é a de numero 9 de 17 de Dezembro de 1892, que taxativamente estabeleceu as attribuições do municipio no art. 29, comprehendendo 34 paragraphos. Alem dos preceitos dessa lei não existem outros em que as attribuições do municipio sejão exaradas.

O art. 2.º da citada lei diz de modo inconcusso que o regimen municipal é o consagrado pelos arts. 68 da Const. Federal e art. 56 da Const. do Estado.

O municipio, portanto, não póde deixar de reconhecer e cumprir as leis do Estado reguladôras de materia que clara e taxativamente não estejão no art. 29 da citada lei n. 9. Tanto mais quanto a autonomia do municipio é restricta a um campo de acção que não infrinja as leis federaes e do Estado (Const. do Estado art. 56).

Si a lei n. 9 não tratou de lei proteccionista, quer

favorecendo quer não, si não traçou raias ao poder legislativo, e nem podia fazel-o porque é attribuição da Assembléa Legislativa: «Fazer lei sobre todos os assumptos de interesse do Estado, interpretal-as, suspendel-as, revogal-as e derogal-as» (§ 5.º do art. 19 da Const. do Est.). e «Conceder subvenção, isenções e garantias a qualquer Companhia ou emprezas, que tenham por fim promover o desenvolvimento industrial do Estado» (§ 34 do cit. art.), e sendo taxativa a disposição constitucional, que por via de exclusão não conferiu semelhante attribuição a outro poder que não fosse o legislativo; é concludente ser esse poder o competente para conceder a isenção de impostos estaduaes e municipaes.

O contrario disto seria inverter as autonomias: a acção combinada de alguns municipios podia tornar illusoria qualquer medida proteccionista concedida pela Assembléa, tolerada a hypothese de não ser a autonomia municipal um circulo inferior á autonomia estadoal.

A acção do poder legislativo abrange a communhão, as suas leis de protecção visam beneficiar todo o Estado; e seria um incongruente disparate annullar o interesse commum pela conveniencia local, ou, por outra, teriamos a comica irrisão de ver posturas e orçamentos municipaes oppondo obices á lettra viva da Constituição:—é attribuição da Assembléa:—conceder subvenção, isenções, etc. (cit. § 34).

—

O falso supposto de que a autonomia municipal é um principio absoluto vem de doutrinadores desviados da verdadeira orientação nesta phase de inicio do direito federal brazileiro, chegando a esposar como sadias as theorias de ter o municipio tão lata emancipação, que necessario fôra ter cada um a sua lei constitucional.

Em Santos, S. Paulo, chegaram a adoptar uma constituição municipal, que muito cêdo cahiu pelo

seu proprio ridiculo, (Aristides Milton, Constituição do Brazil, pag. 349). Quem estudar as constituições dos diversos Estados da Federação ha de vêr que duas correntes de opiniões surgiram até certa epocha sobre a autonomia municipal.—Uma, que o municipio é a miniatura do Estado, como o Estado é a miniatura da União; outra, que o municipio não pode nem deve ter autonomia que não seja a traçada na Const. do Estado, ou nas suas leis ordinarias, carecendo apenas de estabilidade nos principios estatuidos. As constituições do Amazonas e Rio Grande do Sul são do 1.º grupo, sendo certo que a do Amazonas já foi reformada n'aquella parte. Entre os constitucionalistas patrios a mesma diversidade de opiniões se operou; assim é que para contrapôr a João Barbalho temos Amaro Cavalcanti e Ruy Barboza. Diz Amaro: «Parece-nos haver mesmo uma bóa razão de preferencia para o segundo methodo: a de dar aos differentes municipios de um mesmo Estado a *uniformidade legal* de caracter e funcções—e desta sorte evitar não só a sua acção, porventura exorbitante da esphera que lhes é peculiar como tambem as collisões ou conflictos sempre prejudiciaes, já entre si e já com outros funccionarios e auctoridades do Estado (*Regimen Federativo*, pag. 179). Vem muito a proposito transcrever trechos do luminoso parecer da Commissão de Constituição e Legislação e Justiça da Camara dos Deputados Federaes, publicado em 17 de Junho de 1899, e citado por Amaro Cavalcanti:

«Antes de tudo, cumpre fixar bem o que se deve entender por autonomia municipal. Não se trata de reconhecer ao Municipio uma tal extensão de poderes, que o tornem um verdadeiro Estado no Estado; isto seria implantar a anarchia governamental, sob o pretexto de garantir a autonomia local. Certaménte não foi tambem este o pensamento do legislador constituinte federal; e nem nós jamais advogariamos theoria semelhante.

O que queremos é que uma vez delimitada pelo poder estadoal a esphera de acção administrativa e economica do governo municipal, seja este mantido e respeitado, etc. A autonomia municipal poderá conter maior ou menor somma de poderes, conforme pareça mais acertado ao legislador estadoal, mas o que é indispensavel é que a mesma exista, como uma *realidade* no organismo do Estado, e *effectivamente* garantida em todos os seus actos e funcções (Obra citada).

—

Esta diversidade no modo de conhecer a existencia do municipio não é originariamente nossa; nos Estados Unidos da America do Norte o mesmo se verifica, devido a influenciações ethnographicas differentes, á natureza, á religião.

Existem lá trez typos de governos locaes (*townships*), todos recebendo dos poderes estadoaes a sua *carta de incorporação*. Na Nova Inglaterra, nos Estados do Sul, nos Estados de Oeste, as garantias, os regimens municipaes, a liberdade de administração, varião (*Bryce, Republica Americana*, vol. 2.º, pag. 241 e seguintes). Na Suissa, o exemplo das democracias, a diversidade é identica (Darest—*Les Constitutions Modernes*, 1 vol.)

Si no Brazil, não temos, como nos Estados Unidos e Confederação Helvetica, o elemento historico oriundo desse polymorphismo ethnologico, não podia ser estavel a dupla feição dos methodos de autonomia. Prepondera em nosso paiz a tradição da vida municipal, que em nosso Estado foi perfeitamente respeitada e comprehendida pela Constituição e lei n. 9.

—

Sem pretender ir mais alem, a Commissão pede venia para lembrar que na legislação Parahybana existem leis dando favores a empresas, concedendo

isenção de impostos, abrangendo os municipaes (Dec. 62 de 23 de Maio de 1891, dito de 28 de Julho do mesmo anno), doutrina que é a legitima interpretação da Constituição do Estado, na especie, segundo o entender da Commissão.

Sala das Commissões da Assembléa Legislativa do Estado da Parahyba, 24 de Setembro de 1906.

Rodrigues de Carvalho, Relator.